



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

EX 41

~~Proc. 621~~~~L. A. F. 19~~

Classe:

TÍTULO: BONITINHA, MA3
ORDINÁRIA

Autor: NELSON RODRIGUES.

BDR- RGN.

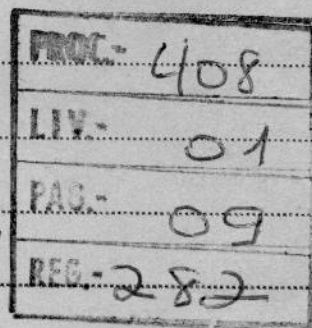
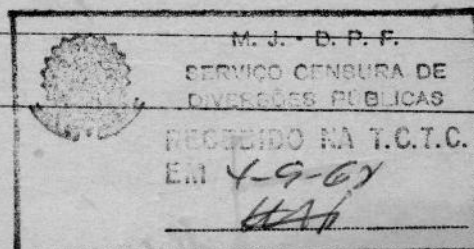
Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos: 38ma

Ser. P. 608

Distribuição



[Assinatura]

D. F. S. P.

047987

-4 SET 68



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

~~DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA~~

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUB-DELEGACIA REGIONAL DO DPF/ R. G. DO NORTE

of.684/68-SDR/RN

Em 30 de agosto de 1968

Do Subdelegado Regional da Polícia Federal/RN

Ao Sr. Chefe da Censura Federal - Brasília

Assunto Encaminhamento (Faz)

Senhor Chefe:

Com o presente encaminhamos a V.Sa., três exemplares da peça teatral "BONITINHA MAS ORDINÁRIA", original de NELSON RODRIGUES, a fim de receberem os Certificados de Censura desse Serviço.

A referida peça, será levada ao público em estreia no mês de outubro do corrente ano, no TEATRO ALBERTO MARANHÃO situado na praça Augusto Severo, nesta Capital.

Renovamos a V. Sa., protestos de estima e distinta consideração.

José de Oliveira Carvalho
 JOSÉ DE OLIVEIRA CARVALHO
 Sub-Delegado Regional em Exercício

SRA. DA. - D. F. S. P.

RECEBI 04/9/68 AS 16 HRS

ASS.

CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSR)

TEATRO DE AMADORES UNIDOS

Diretor Responsável - Jesiel Maciel de Figueirêdo
NATAL - RIO GRANDE DO NORTE

Natal, 20 de setembro de 1968.

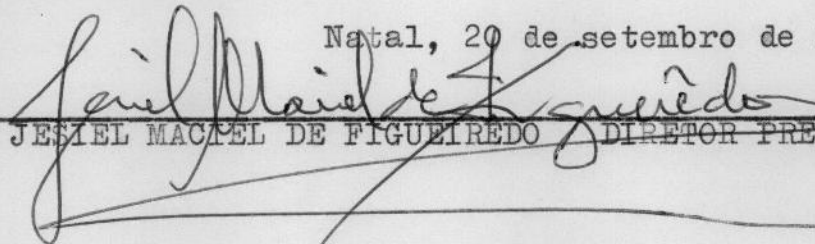
Ilmo Sr Chefe da
CENSURA FEDERAL
BRASILIA

JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO, diretor presidente do
TEATRO DE AMADORES UNIDOS, residente á Rua Princesa Isabel,
nº 743, Cidade Alta, NATAL, RN, vem mui respeitosamente re-
querer a liberação da peça BONITINHA, MAS ORDINARIA?, de Nelson
Rodrigues, que já foi enviada a êste Departamento de Censura
Federal, em três vias datilografadas, sem no entanto ir acompanhada
do requerimento oficial de praxe, que sòmente agora estamos
enviando. A peça será encenada no mês de dezembro próximo em Natal.

Nestes termos.

P. deferimento.

Natal, 20 de setembro de 1968.


JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO DIRETOR PRESIDENTE

Ministério da Justiça	
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL	
SUB-DIRETORIA	
NATAL - Rio Grande do Norte	
PROTOCOLO	
Nº. 1677/68	Fls. 080
Natal, 20 de Setembro de 1968	
O recebedor Lima	

Sr. Chefe da Turma de Censura Federal no Rio Grande do Norte

JESIEL FIGUEIREDO, PRESIDENTE
Nome cargo
Responsável pelo(a) TEATRO DE AMADORES UNIDOS, situado à
rua Teatro Alberto Maranhão n. 5/A bairro RIBEIRA
vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa., a aprovação e a liberação
do(a) peça BONITINHA MAS ORDINÁRIA, de Nelson Rodrigues, conforme determina o
Decreto n. 1.023, de 17 de maio de 1962.

Têrmos em que,

P. deferimento

Atest, 29 de agosto de 1968
Jesiel Figueiredo

Sr. Chefe da Turma de Censura Federal no Rio Grande do Norte

JESIEL FIGUEIRÊDO

PRESIDENTE

Nome

cargo

Responsável pelo(a) TEATRO DE AMADORES UNIDOS, situado à
rua (TEATRO ALBERTO MARANHÃO) n. S/N bairro RIBEIRA

vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa., a aprovação e a liberação
do(a) Peça-BONITINHA, MAS ORDINÁRIA, de NELSON, conforme determina o
Decreto n. 1.023, de 17 de maio de 1962.

Têrmos em que,

P. deferimento

Natal, 30 de agosto de 1968



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação

Autorização Nº 209576

TEATRO DE AMADORES UNIDOS/ NATAL

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA

Original de **NELSON RODRIGUES**

Música de

Tradução de

No Teatro **ALBERTO MARINHÃO** Cidade **NATAL**

nos dias **ENTRE 21 e 31 de OUTUBRO DE 1968**

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ **39,60** por espetáculo, obrigando-se

Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

[Assinatura]
(pela SBAT)

Isenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade, representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação official dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissões tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarês, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

Diretor Responsável: Jéziel Aguiar de

CÓPIA P/A CENSURA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p. 8

"BONITINHA, MAS ORDINÁRIA"

de Nelson Rodrigues

3 atos

"TEATRO DE AMADORES UNIDOS"

NATAL - RN

Teatro Alberto Maranhão

BONITINHA, MAS ORDINÁRIANELSON RODRIGUES

I - 170

Canto de bar. Numa mesa, Edgard e Peixôto. Os Dois cochicham em tom de maquinação diabólica.

PEIXÔTO - Você está alto, eu estou alto. É a hora de rasgar o jogo. De tirar tôdas as máscaras. Primeira pergunta: Você é o que se e chama um mau caráter?

EDGARD - Por que?

PEIXÔTO - (vacilante) Pelo seguinte.

EDGARD - Fala.

PEIXÔTO - Estou precisando de um mau caráter. Entende? De um mau caráter.

EDGARD - Quem sabe?

PEIXÔTO - Espera. Outra pergunta. Você quer subir na vida? E' ambicioso?

EDGARD - Se sou ambicioso? Pra burro! Você conhece o Otto? O Otto Lara Resende? O Otto!

PEIXÔTO - Um que é ourives?

EDGARD - Ourives? onde? O Otto escreve. O Otto! O mineiro jornalista!. Tem um livro. Não me lembro o nome. Um livro!

PEIXÔTO - Não conheço, mas...Bola pra fora! bola pra fora!

EDGARD - O Otto é de arder! é de lascar! E o Otto disse uma que eu considero o fino! o fino! Disse: Ouve essa que é. Disse "O Mineiro só é solidário no câncer." Que tal?

PEIXÔTO - (repetindo) "O Mineiro só é solidário no câncer". Uma piada.

EDGARD - (Inflamado) Aí é que está! não é piada. Escuta, Dr.Peixôto. A princípio eu também achei graça. Ri. Mas depois veio a reação. Aquilo ficou dentro de mim. E eu não penso noutra coisa. Palavra de honra!

PEIXÔTO - Uma frase!

EDGARD - Mas uma frase que se instalou em mim. Que está me comendo por dentro. Uma frase roedora. E o que há por trás? Sim, por traz da frase? O mineiro só é solidário no câncer. Mas olha a sutileza. Não é bem o mineiro. Ou não é só o mineiro. É o homem o ser humano. Eu, o senhor ou qualquer um, só é solidário no câncer. Compreendeu?

PEIXÔTO - E daí?

EDGARD - Daí eu posso ser um mau caráter. E pra que pudores ou escrúpulos se o homem só é solidário no câncer? A frase do Otto mudou a / minha vida. Quero subir, sim. Quero vencer.

PEIXOTO - Bem. Uma curiosidade: - o que é que você faria, pra ficar rico? Cheio de ouro? Milionário.

EDGARD - Eu faria tudo! Com a frase do Otto no bolso, não tenho bandeira. E, de mais a mais, sou filho de um homem. Vou te contar.Quando meu pai morreu tiveram de fazer uma subscrição, vaquinha pro / entêrrro. Os vizinhos se cotizaram. Comigo, é fogo. A frase do

- EDGARD - Otto me ensinou. Agora quero um caixão com aquele vidro, como o do Getúlio. E entêrrro de penacho, mausoléu, o diabo. Não / sou defunto de cova rasa!
- PEIXÔTO - Isso mesmo. O Otto Lara é que está com a razão.
- EDGARD - (Num repelão de bêbado). - O mineiro só é solidário no câncer. E eu sou mau caráter, pronto! Mas, escuta. O que é que eu devo fazer?
- PEIXÔTO - É simples. Você não vai matar ninguém. Você vai se casar. Apenas Casar.
- EDGARD - Eu?!
- PEIXÔTO - Você.
- EDGARD - Que piada é essa?.
- PEIXÔTO - Piada, os colarinhos! Você vai se casar no duro!.
- EDGARD - E quem é a cara?
- PEIXÔTO - (Feroz) Grã-fina, milionária, a melhor família brasileira!
- EDGARD - Mas, eu sou um pé-rapado. Um borra-botas!
- PEIXÔTO - Não interessa, ouviu? Não interessa! (Erguendo-se e patético) O mineiro só é solidário no câncer! (Feroz) É ou não é?
- EDGARD - Só no câncer!
- PEIXÔTO - Portanto, já sabe. Eu arranjo tudo. Você entra com o sexo e a pequena com o dinheiro. Ainda por cima, linda, linda! Uma coisinha, rapaz! Essas que saem na "Manchete" não chega aos pés. Não são sem páreo pra tal garôta.
- EDGARD - Topo. Caso já. Imediatamente! Caso! Sempre gostei de grã-fina. A grã-fina é a única mulher limpa. A grã-fina nem transpira.
- PEIXÔTO - (Num berro triunfal e cínico) Aí, mau caráter!
- EDGARD - (Numa súbita e feroz revolta). Eu não sou defunto de cova rasa E quero entêrrro de penacho!
- PEIXÔTO - (Apontando para Edgard) Mau caráter! Mau caráter!
- EDGARD - (Como um louco). De penacho! De penacho!
- { Apartamento de Ritinha. Ela mora com a mãe,
D. Berta e com as irmãs mais moças: Dinorá, /
Aurora e Nadir.
- RITINHA - (Sacudindo a escôva de dentes na cara de Dinorá) - Já escovou os dentes?
- DINORAH - (Denhosa) - Eu escovo depois. ✕
- RITINHA - (Desagradável como se fôsse uma mãe) - Olha aqui. Não toma / café. Sem escovar os dentes, não toma café. Vai escovar, anda.
- DINORAH - Mas escuta.
- RITINHA - Vai Dinorá.
- DINORAH - Você enche. (Ritinha vira-se para Aurora).
- RITINHA - Você é outra, Aurora.
- AURORA - Paciência! ✕

Pg.03

I - ATO

RITINHA - Vem cá.

AURORA - Que inferno!

RITINHA - Chega aqui, Aurora. Deixa ver tuas orelhas. Não disse? Olha, Sujas!

AURORA - Mas eu limpo.

RITINHA - Limpa direito, Porque se limpasse.

AURORA = Limpo!

RITINHA - Menina! Não me interrompa. Se você limpasse. Vou te mostrar uma coisa. - (Ritinha pssa a franja da toalha na orelha da irmã)

AURORA - Ai! Está doendo!

RITINHA - Mas, olha. Está vendo? Olha aqui.

AURORA - Nessa porcaria de edificio nem água tem!

RITINHA - Vai no tanque! Esfrega com sabão! Sua burra. Você tem namorado. E a menina que namora tem que andar limpa. Põe isto na cabeça. Sabe o que é que o homem mais repara na mulher? Se é limpa. // Homem não perdoa mulher suja.

AURORA - Pois o Alírio é tarado por mim!

RITINHA - Pois sim!

AURORA - Nadir, o Alírio não é tarado por mim? Fala! Nadir sabe. Não é?

NADIR - (Lendo Querida). Sei lá.

AURORA - Sei lá, é? Você é uma puxa-saco da Ritinha!

NADIR - Você é que é.

RITINHA - Escuta, Aurora

AURORA - (Chorando de raiva). Você está de marcação, assinatura comigo. Só bronqueia comigo.

RITINHA - (Imitando). Bronqueia.

AURORA - Você também usa gíria! Nadir, você adora. Faz tôdas as vontades. Proteção escandalosa!

RITINHA - Deixa de ser mentirosa.

AURORA - Claro!

RITINHA - Pra mim, não há diferença. São tôdas iguais. Apenas Nadir, tem asma. Por causa da asma. - Agora outra coisa...x

AURORA - Já sei que é comigo.+

RITINHA - Com você e com tôdas. Cuida o com êste Edgard.

DINORAH - Mas por que?

RITINHA - Metido a amável. Tem cara de ser piratissimo.

AURORA - Eu não acho!

RITINHA - Eu acho! Ainda por cima, tem carro. O cara arranjou um jeep. (Mais enérgica). Vocês não dêem bolas a êsse camarada e prncipalmente não aceitem carona.

DINORAH - Tão bonzinho!

RITINHA - Bonzinho, vírgula. Automóvel facilita pra burro! Estou avisando por que ontem...Sim, é com você Aurora. Ontem, aceitou carona.

AURORA - Eu?.

RITINHA - Aceitou sim.

AURORA - (Pra Nadir) - Foi você que contou!

Pg.04

I - ATO

NADIR - Não amola!

AURORA - Edgard, só me levou ontem. Estava choviscando, chovendo. Me levou, mas não houve nada. Muito respeitador, cem por cento.

RITIMHA - Sua bôba! De mais a mais, você tem namorado; e não está direito. Outra coisa. Eu dou um duro desgraçado.

AURORA - (chorando). Eu tenho 18 anos! Não sou criança.

DINORAH - Todo mundo dá carona.

RITINHA - (Pra Dinorá). Cala a bôca! (Quase chorando). Dou um duro pra que vocês se casem. Pra mim não quero nada. Só peço a Deus / que vocês se casem na igreja, direitinho, de véu e grinalda. Estão ouvindo?.

AURORA - Que coisa?!

RITINHA - Mas se eu souber, cala a bôca! Se eu souber que uma de vocês, Qualquer uma! andou de jeep, aceitou carona do Edgard. - ... Numa simples carona pode acontecer tudo! tudo! Eu quebro a / cara duma! rebento a primeira que!...

AURORA - (Insolente) Ora Ritinha!...Deixa de máscara.

RITINHA - O que?!

AURORA - Máscara, sim senhora. Máscara pra cima de mim. Ou pensa que / eu não ví?!

RITINHA - O que?

AURORA - Você hoje. Ainda agora; no tanque. Você escovando os dentes e o Edgard, do outro lado. Vocês flertando! Olha! Você deu / um sorrizinho!.

{ Estupefata, Ritinha avança p/Aurora, que recua, com a face desfigurada pelo ódio e pelo medo. }

RITINHA - (Arquejando) Eu ^{me} mato por vocês. Faço uma ginástica. Dou aulas até altas horas. Qualquer dia, sou assaltada no meio da rua, e você ainda tem a coragem de dizer que eu flertei? Agora você vai repetir. Eu flertei? - (As duas irmãs, cara á cara)AURORA - Flertou. (Ritinha a esbofeteia, continua batendo).

RITINHA - Sua descarada.

{ (Aurora recua circularmente, debaixo de bofetadas). }

AURORA - (Aos soluços) Você vai me pagar! juro! Você vai ver Ritinha! Quero que Deus me cegue se...Você vai ver!

RITINHA - Repete que eu tg...repete!

{ (A mãe de Ritinha, D.Berta, que estava senta da na sua passividade de idiota, ergue-se c/ súbita agitação. D. Berta começa a andar de costas). }

D. BERTA - Dona Rita! Dona Rita!

RITINHA - (Com desespero e amor) - Pronto Mamãe!.

Pg.05

- D. BERTA - (Para Ritinha). Você não é D. Rita!
- RITINHA - Sou, mamãe. Sou D. Rita!
- D. BERTA - (Na sua incoerência de insânia). E', sim D. Rita. D. Rita
houve um roubo nos Correios. Disseram que fui eu, que roubei
(Baixa e sôfrega). Vou ter que repor o dinheiro.
- RITINHA - (Suplicante). Agora senta, mamãe!
- DINORÁ - (Numa histeria pavorosa). Segura mamãe! Não deixa mamãe andar
pra traz!
- RITINHA - (Pra Dinorá) Não se meta!
- NADIR - Vem cá mamãe.
- D. BERTA - (Num lamento feroz). Tudo deu pra trás. Estou andando pra /
trás. Você é D. Rita?
- RITINHA - (Num apêlo). Sou, mas escuta mamãe. Eu sou D. Rita.
- { Apartamento de Edgard. Ele no quarto, nú da cin-
tura pra cima, apanha a camisa. D. Ivete entre a
bre a porta e enfia a cabeça.
- D. IVETE - (Aflita). Dr. Peixôto está aí.
- EDGARD - Dr. Peixôto? Já vou. Diz que...olha, mamãe.
- PEIXÔTO - (Alegremente) Pode-se entrar?
- EDGARD - Dr. Peixôto!
- D. IVETE - O senhor desculpe a desarrumação.
- PEIXÔTO - Ora, minha senhora.
- EDGARD - O quarto é uma bagunça! (D. Ivete apanha um jornal na cama)
- D. IVETE - Com licença. ✕
- PEIXOTO - Tôda.
- D. IVETE - (Voltando) Aceita um cafezinho?
- PEIXOTO - (Risonhamente) Um cafezinho, aceito. (D. Ivete sai)
- EDGARD - (Enfiando a camisa pra dentro das calças). Vamos pra sala
Lá a gente conversa melhor.
- PEIXOTO - Aqui mesmo. Prefiro aqui. Deixa. Eu me sento na cama. Não
se incomode. Bem, vamos ao que interessa. Você, naturalmente
está espantadíssimo com a minha presença aqui.
- EDGARD - De fato, eu...Um pouco.
- PEIXOTO - E' o seguinte. Vim confirmar o nosso papo de ontem.
- EDGARD - Dr. Peixôto, aliás, eu...
- PEIXOTO - Vamos tirar o Doutor.
- EDGARD - Ontem, eu fiz um papelão. Não posso beber. Eu, quando bebo.
Devo ter dito besteira pra burro. O Senhor. Você me desculpa.
- PEIXOTO - Isso! me chame de você. Mas, olha. Pelo contrário, você esta-
va brilhante. Aquela frase do Otto.
- EDGARD - (Atônito) OTTO?!
- PEIXOTO - O Otto Lara Resende, ou você não se lembra? Como é mesmo? A
frase do câncer? Ora, como é? Tem mineiro. Entra mineiro no
meio. Diz aí. ✕

EDGARD - (Grave e triste) O mineiro só é solidário no câncer.

PEIXOTO - Exatamente. Aliás, você.

EDGARD - Bobagem.

PEIXOTO - Em absoluto! Por que bobagem? Mas o que eu queria dizer. Você deu uma interpretação da frase. Brilhante! Um momento! Você / diz que não é bem o mineiro, mas o próprio homem, o próprio / ser humano. E se o homem é isso, tudo é permitido. Eu concordo. Sou da mesma opinião.

EDGARD - Não foi bem assim.

PEIXOTO - Ah, foi! Eu tenho boa memória. Mas não interessa. Não interessa. (Baixando a voz) Você casa ou não casa?

EDGARD - Casar? Mas, Dr. Peixoto.

PEIXOTO - (Quase ameaçador) Responda!

EDGARD - O senhor está brincando.

PEIXOTO - Nunca falei tão sério. Escuta, Edgard. Ou você acha que eu / vim aqui...aqui. (Muda de tom). E outra coisa: você tem namorada / noiva, algum compromisso, tem? Alguma namorada?

EDGARD - No momento, eu...Quer dizer. Há uma menina, minha vizinha. // Minha vizinha, aí do lado. Mas por enquanto. Não, não há nada! (Entra D. Ivete com o café)

D. IVETE - O café.

PEIXOTO - Ah, minha senhora. ✕

D. IVETE - O senhor vê se está bom de açúcar.

PEIXOTO - Obrigado. (Prova o café)

EDGARD - Quer mais açúcar?

PEIXOTO - Ótimo!

D. IVETE - Então com licença. (Sai)

EDGARD - Mas esse casamento é uma piada, claro!

PEIXOTO - O' rapaz! Piada, virgula. Olha aqui. Vou ser mais claro. Uma certa família. Das melhores do Brasil. Das melhores. Encarregou-me de arranjar um marido, ouviu? Um marido pra menina. / Menina, aliás, que é linda, linda! Esse marido pode ser você.

EDGARD - E é o senhor quem decide? Você, desculpe. É você quem escolhe? A pequena não apita?

PEIXOTO - Ou você tem escrúpulos? Sua bêsta! O mineiro só é solidário / no câncer!

EDGARD - Vamos falar sério! Por que, e a trôco de que essa menina vai se casar com um desconhecido? Porque eu sou um desconhecido. / E a família? O pai, a mãe, sei lá.

PEIXOTO - Eu explico. E' simples e você vai compreender tudo. Essa menina sofreu um acidente, Um acidente tipo especial. Vinha de // automóvel, por uma estrada. e há um enguiço. Um enguiço no // motor. Ela salta de repente, surgem do mato cinco crioulões. Lugar deserto. Pegam a menina, arrastam, bem. O resto você pode deduzir. E agora que você já sabe. Quer casar? ✕

Pg.07

EDGARD - Mas casar assim, no peito? E houve êsse troço! Além disso, que diabo! Essas questões de sentimento. Vamos admitir que eu. E' uma hipótese. Que eu topo. Ela pode não gostar da // minha cara. (RESSALVANDO) Ainda não topei, não.

PEIXÔTO - O' rapaz! Ela te conhece, te viu e te digo mais, foi ela / quem te escolheu.

EDGARD - (Estupefato). Me conhece, de onde?!

PEIXÔTO - Aliás, vamos fazer o seguinte, o seguinte. Tem um lápis aí? Não precisa. Tenho aqui. Olha. Telefona pra lá. Toma nota. / Diz que é Edgard. Telefona. Por minha conta.

{(Porta do Edf. onde mora Ritinha e Edgard.
Ritinha vai passando, porteiro chama).

PORTEIRO - Um momento, D. Ritinha!

RITINHA - Ah, seu Osiris. Bom dia! Como é, e o garôto? Melhorou? X

OSIRIS - Acordou sem febre. Está lá, pulando na cama.

RITINHA - Mas olha. Aquilo que eu disse. Homeopatia tem que dar na // hora certa. Não pode passar nem um minuto. Olha lá!

OSIRIS - (Incerto). D. Ritinha, eu também queria falar com a senhora.

RITINHA - E essa falta d'água. Dá sério.

OSIRIS - Defeito da bomba.

RITINHA - Puxa! Mas, o que é que você quer falar?

OSIRIS - Um assunto.

RITINHA - (Olhando o relógio). Aliás eu estou com um pouquinho de // pressa. (Edgard passa pelos dois, para adiante, fumando).

EDGARD - Bom dia.

OSIRIS - Bom dia. 'E um minutinho só, D. Ritinha. A senhora tem sido tão boa com o meu garôto que. 'E sobre sua irmã, D. Aurora.

RITINHA - Aurora?!

OSIRIS - Êsse rapaz, o Alírio. Sim o Alírio. D. Ritinha, o Alírio não é namorado pra D. Aurora. Um sujeito que. Não é flor que se cheire. A maldade que êle faz com os bichos. Outro dia. A / senhora pode perguntar por aí. Outro dia, cegou um gato com uma ponta de cigarro. E com gilete - eu ví. D. Ritinha, raspa a perna de um passarinho.

RITINHA - (Atônita). Mas tem a certeza que é o Alírio?

OSIRIS - D. Ritinha, essa eu ví. E sujeito que maltrata bicho.

RITINHA - (No seu espanto). O Alírio!

OSIRIS - A senhora não acha, hem D. Ritinha?

RITINHA - De fato. E aliás. Bem. Mas eu vou pensar, "seu" Osiris. // Até loguinho.

OSIRIS - Disponha. (Ritinha segue. Edgard vai ao s/encontro).

EDGARD - Vai pra cidade?

RITINHA - Tijuca.

EDGARD - Eu levo você.

RITINHA - Obrigada, mas.

Pg.08

RITINHA - Aliás, foi até bom. Edgard, olha. Vou te pedir um favor. Não ofereça carona às minhas irmãs. É favor.

EDGARD - Mas, por que? Não entendo. Há algum mal?

RITINHA - (TAXATIVA). Há.

EDGARD - Escuta. Eu acho que você. Somos vizinhos, eu moro no mesmo andar. Eu apenas quis ser gentil. X

RITINHA - Já me aborreci com minhas irmãs.

EDGARD - Um momento.

RITINHA - Tenho que ir.

EDGARD - Um momento. Eu não tenho. Escuta, escuta. Não tenho, estou sendo honesto, o menor interesse pelas tuas irmãs. Nenhum. O meu interesse é por você. Só por você.

RITINHA - Edgard, eu tenho hora marcada.

EDGARD - Não quer a carona?

RITINHA - Prefiro a lotação.

EDGARD - Então vamos fazer o seguinte. Eu não ofereço mais carona às / suas irmãs. Prometo. Sob minha palavra de honra. Mas, hoje, / você vai comigo. Só essa vez. Deixo você na Tijuca.

RITINHA - Ah, meu Deus!

EDGARD - Pela primeira e última vez, juro!

RITINHA - (Olha o relógio). Estou atrasada pra burro. Está bem. Aceito, mas escuta: Nunca mais, ouviu?

EDGARD - (Sôfrego). Vamos, vamos!

RITINHA - Antes que uma das minhas irmãs me veja.

(Ritinha e Edgard no jeep).

RITINHA - Pra que essa velocidade?

EDGARD - Gosto de correr.

RITINHA - Mas, calma.

EDGARD - Olha. Primeiro, vou por gasolina ali, adiante. Posto conhecido. Vou sempre lá.

RITINHA - E a hora?

EDGARD - Rápido, ou está com medo?

RITINHA - Medo, propriamente. Mas você está correndo demais.

EDGARD - (EUFÓRICO). E se eu raptasse você, que tal? Você raptada, hem?

RITINHA - Não brinca assim, que eu. Edgard, quer correr menos, quer?

EDGARD - Escuta. Saimos da Muda para a estrada da Tijuca. Vamos rodar.

RITINHA - Você está maluco? Tenho hora marcada! Escuta, Edgard! Tenho / que estar no colégio... Colégio de Irmãs. Vamos voltar!

EDGARD - Considere-se raptada.

RITINHA - (Desatinada). Vamos parar? quer parar?

EDGARD - (Berro triunfal). Vamos pras matas da Tijuca!

RITINHA - Para, Edgard!

EDGARD - E se eu fizesse com você. Sim com você, o que fizeram com uma moça que eu conheço. Aliás grã-fina. O automóvel enguiçou na / estrada. Cinco crioulões saíram do mato, agarraram a moça e fi

Pg.09

RITINHA - Se você não parar, eu salto, eu me atiro!

EDGARD - Pois salte! atire-se. Quero ver!

RITINHA - (CHORANDO). Pelo amor de Deus! Não pode haver escândalo comigo
Compreenda! Lás as irmãs são muito rigorosas! E os pais dos //
alunos.

EDGARD - Escuta. Deixa eu falar. Eu gosto de você. E você de mim. Não é?

RITINHA - Mentira.

EDGARD - (Nun berro). O mineiro só é solidário no câncer!

RITINHA - (Atônita). O quê?

EDGARD - (Possesso). O mineiro só é solidário no câncer!

RITINHA - Olhe, Edgard. Escute Edgard. Não me interessa. Eu sou uma moça
de família.

EDGARD - Ora!

RITINHA - Sustento minhas irmãs e minha mãe. Leciono. Seja humano.

EDGARD - (IRÔNICO). Olha aqui, menina. A trôco de quê, eu vou ser humano
se o mineiro só é solidário no câncer. Você entende? (Irritado)
Não entendeu nada! Mulher é burra.

RITINHA - (Chorando). Maldita hora.

EDGARD - Vá lá. Vou ser humano. Volto daqui, levo você no Colégio. 'E
na Tijuca? Levo você na Tijuca. Mas, primeiro. Ouve. Primeiro,
você vai me dar um beijo.

RITINHA - (Esganiçada e feroz) Nunca!

EDGARD - Um beijo só.

RITINHA - Desista. Edgard, olha. O que você está fazendo comigo.

EDGARD - Vou parar por aqui. Um atalho. Não passa ninguém. E você. Ou
dá o beijo ou não saímos daqui, pronto. E agora? Vai dar o //
beijo?.

RITINHA - Não, e não.

EDGARD - Sua burra! Eu podia fazer com você o que os criouloes fizeram
com a grã-fina. Mas não quero. Quero só o beijo. E voltamos //
imediatamente.

RITINHA - (Depois de uma pausa). E se eu der o beijo? Você promete. Jura?

EDGARD - Prometo. Juro. Eu fecho os olhos. Assim. E você dar o beijo.

RITINHA - Tira a mão. Não me segura.

Ritinha vacila e rapidamente toca com os lábios
a face de Edgard.

EDGARD - Ah, isso nunca foi beijo! Na face? Ora!. Na bôca. Quero na bôca.

RITINHA - (Desesperada). Chato! ✕

EDGARD - Ou me beija na bôca, ou ficamos aqui até amanhã. Escolha.

RITINHA - Que inferno! Bem. Vou beijar, mas obrigada. Porque sou obrigada.

Ritinha, c/desespêro apanha o rosto dêle entre as
mãos. Dá o primeiro beijo e tocada por um desejo
súbito beija-o novamente. Edgard se exaspera.

EDGARD - Quero mais e não resista! Quieta! Quietinha! ✕

RITINHA - (Debatendo-se). Me larga! me larga!

EDGARD - Escuta, sua! Estamos sòzinhos!

(Ao mesmo tempo, aparece a curta distância um sujeito
espeitando a cena de amor. Esse sujeito é um leproso)

RITINHA - Não faça isso! Não, Edgard, não!

EDGARD - (Desatinado). Fica quieta! (DESCONHECIDO grita p/êles).

DESCONHECIDO - Agora sou eu! eu! (EDGARD larga Ritinha, liga o carro e
arranca).

EDGARD - (Sôfrego). Não chora. Escuta Ritinha, escuta. Aquê! sujeito
Está ouvindo, Ritinha?

RITINHA - (Chorando). Não fale comigo.

EDGARD - Aquê! sujeito é um que. Saiu até uma reportagem. Acho que no
Cruzeiro. O sujeito chama-se Nepomuceno. Tem aquela doença. A
pior do mundo. Você sabe. Aquela doença.

RITINHA - (Soluçando). Juro que nunca mais!

EDGARD - (Desesperado c/pena e remorso). Ouve, Ritinha. O que eu fiz.
Ouve. Eu reconheço que foi uma indignidade. Aquê! leproso /
apareceu no momento exato. Foi êle que me salvou e que te sal-
vou. E agora responde. Responde: você está com raiva de mim?

RITINHA - Estou, sim. Com raiva. Ou você queria o quê? Aprendi mais em
uma hora, do que em tôda a minha vida. Por que é que você faz
isso? Afinal por que?

EDGARD = (Triste). Quer mesmo saber?

RITINHA - Quero.

EDGARD - Ritinha, eu quase a violentei, porque o mineiro só é solidário
no câncer.

RITINHA - O mineiro só é como?

EDGARD - Não entendeu?

RITINHA - Eu, não. ✕

EDGARD - Nem vai entender. Mas, olha. Há uma relação! Ouve só. "O minei-
ro só é solidário no câncer". Parece até piada. O sujeito acha
graça. (EXASPERADO). Mas esta frase tem um fundo falso. E a //
verdade está lá dentro. Compreendeu agora?

RITINHA - O mineiro só é solidário no câncer.

EDGARD - (Quase gritando). Pelo amor de Deus, entenda! Eu quiz te violen-
tar porque esta frase está em mim, comigo. Dia e noite, dia e
noite. Eu acabo louco. E vou te dizer: Seria uma solução. //
Agora uma pergunta. Vamos mudar de assunto. Uma pergunta: Antes
de mim, você tinha sido beijada por outro homem?

RITINHA - Nunca!

EDGARD - Eu fui o primeiro?

RITINHA - Ora, Edgard!

EDGARD - Que coisa linda!

RITINHA - Ou será que você não percebe? Eu não tenho vida própria. Vivo
pras minhas irmãs e pra minha mãe. Dependem de mim. E minha mãe
Minha mãe teve um desgosto muito grande e perdeu a memória. Não

RITINHA - Mas me chama de D. Rita. Entendeu? Nunca homem nenhum tocou em mim. (Sai). {Sala de Werneck. Peixoto, a esposa do velho, D. Lygia. Edgard aparece. Senta-se}.

WERNECK - (Para Edgard) Você já sabe de tudo?

EDGARD - De fato.

PEIXOTO - (Interrompendo). Conte o caso por alto.

WERNWCK - Bem. Portanto, você sabe que a moça. A moça sofreu um acidente. Foi um acidente. Assim como um atropelamento, uma trombada. Pois a moça é minha filha, quer dizer, a filha do seu patrão. Isso é importante! A filha do seu patrão. Entendido?

EDGARD - Sim, Senhor.

WERNECK - (Com uma satisfação bruta). Gostei da inflexão. Um "Sim Senhor" bem, como direi.

LYGIA - (Vivamente) Um momento. Com licença, Heitor. (Para Edgard com sofrida ternura). Você é um rapaz novo, de forma que. Meu filho. Houve o que houve com minha filha, mas ela é a menina mais pura. Tinha acabado de chegar do Colégio interno. Posso dizer que, at aquela ocasião, nunca foi beijada por nenhum homem. Posso jurar. Juro por tudo! X

WERNECK - Lygia, estamos perdendo tempo.

LYGIA - (Na s/histeria de puritana). Não havia menina mais virgem!

WERNECK - Exato. Exato. Uma menina que ainda hoje. Ainda hoje. Se você perguntar, digamos: onde é a Praça Mauá? ou a Rua do Ouvidor? Ou a Lapa? Não sabe. Mas vamos ao. Como é, Peixoto. Ah! Você trabalha há 12 anos, ou mais na companhia.

EDGARD - 11 anos.

PEIXOTO - Entrou antes de mim.

WERNWCK - 11 anos. E começou de baixo. Veio do nada? Qual foi mesmo o seu primeiro posto, lá?

EDGARD - Auxiliar do Escritório.

WERNWCK - (Berro triunfal). Mentira!

LYGIA - Que é isso, Heitor?!

WERNECK - (Exultante). Mentira, sim! É mentira! Você começou como contínuo. Contínuo! (PARA PEIXOTO). Não foi como contínuo?.

PEIXOTO - Contínuo.

EDGARD - Realmente, eu!

WERNECK - (Brutalmente). Contínuo. Contínuo. Portanto, não se esqueça. Você é um ex-contínuo. Põe isso na cabeça.

LYGIA - (Num apêlo). Heitor, você está humilhando o rapaz. (TRÊMULA PARA EDGARD). Meu marido gosta de se fingir de mau. Mas é só aparecer.

PEIXOTO - Ah, o Edgard sabe! sabe! (WERNECK ANDA DE UM LADO P/OUTRO).

WERNECK - (Numa cínica ressalva). Com licença. Eu insisto porque. Não é uma humilhação gratuita. Absolutamente. Interessa a mim que você seja um ex-contínuo pelo seguinte: porque o ex-contínuo dará mais valor ao dinheiro, à posição, à classe de minha filha. Por exemplo: eu vou lhe dar um título de sócio do Country Club.

WERNECK - Quanto custa, Peixôto, quanto custa um título de sócio do Country?

PEIXOTO - Seiscentos contos.

WERNECK - Pois, é. 600 contos. Para um ex-contínuo de alguma coisa. 600 contos! Eu quero. Quero que você se sinta inferior a minha filha

LYGIA - (Desapontada). Meu marido é muito franco. Heitor, assim você at ofende. (EDGARD ERGUE-se).

EDGARD * Posso falar? ~~X~~

WERNECK - Um momento. Senta rapaz. (EDGARD OBEDECE).

WERNECK - Ainda não acabei. Você vai se casar com a minha filha. Eu teria preferido que a minha menina fôsse viajar. Desse uma volta pelo Estados Unidos. Mas minha mulher fez drama. Quer o casamento. V lá. Sabe como é: - separação de bens!

EDGARD - Aliás, se eu me casar. Se, realmente eu.

WERNECK - Não ouvi.

EDGARD - Eu acho que a separação de bens é o justo, o normal. E eu também prefiro.

WERNECK - (COM SARCASMO HEDIONDO). Prefere nada! Conversa!

(Edgard põe-se de pé).

EDGARD - Mas o senhor!

WERNECK - Senta, rapaz. Essa obsessão de ficar de pé. Separação de bens. mas você vai ganhar alto. A mesma coisa. Não faz diferença.

LYGIA - (Revoltada). Você fala como se tivesse comprando um genro! E eu não admito, Heitor, Não admito que você trate o casamento de sua filha. A filha menor, a caçula, como se fôsse toma lá, dá cá. / Heitor, o casamento é outra coisa. É um sacramento.

WERNECK - Lygia, não atrapalha! E' gosado. Eterna mania. Lygia, que você seja grã-fina está certo!

LYGIA - Eu não sou grã-fina.

WERNECK - A mulher pode ser grã-fina. O homem é que não pode ser grã-fina. Lygia, o homem tem que ser macho! Pelo amor de Deus!

LYGIA - (Quase chorando). Se você continuar assim, eu me retiro.

WERNECK - (Divertindo-se grosseiramente). Ora, meu Deus!

LYGIA - (P/OS OUTROS). Meu marido é bom!

WERNECK - Você me considera um cafajeste!

LYGIA - (Aterrada) Nunca!

WERNECK - E ~~acha~~ que eu faço barulho quando como!

LYGIA - (Desesperada). Vou lá pra dentro. Com licença.

(Sai. Para um pouco na porta e volta para xingar o marido).

LYGIA - (Soluçando). Você é bom, Heitor. Você é bom!

WERNECK - (FAZ UMA REFLEXÃO EM VOZ ALTA, COM MELANCOLIA). Caso sério a minha vida! (Vira-se para Edgard, com certa cólera).

WERNECK - E você que quase não fala. Tudo sai de você aos bocadinhos com titica de cabra. Fala rapaz! ~~X~~

EDGARD - (Põe-se de pé). Vou falar, sim!

WERNECK - Mas senta!

EDGARD - Escuta. E você também, Peixôto. (P/WERNECK) Você não é Doutor, não. E você., olha! Eu não vou me casar com sua filha. Não vou não! E saio do emprêgo. Você enfia os onze anos de estabilidade! E fique sabendo. Sou um ex-contínuo. E você um filho da puta! (NUM BERRO MAIOR) Seu filho da puta!

↑
[CERTAR]

Fim DO I ATO.

"Bontinha, Mas, ordinária"

Makou Rodrigues
Textos de Amadores

UNIDOS

NATAL-RN

BONITINHA, MAS ORDINARIA

NELSON RODRIGUES


Pg.01

II - ATO

{ Edgar com a mãe(dêle). Nú da cintura pra ci
ma êle põe pasta de dentes na escôva.

EDGAR - Sossega mamãe! Estou falando! (Aponta a fonte). Uma dôr aqui mamãe!

D.IVETE- Me chega bêbado! Vomitou tudo! Sujou o chão.

EDGAR - Mamãe, não tem água outra vez!

D.IVETE- (Nervosa) E o emprêgo? (Muda de tom). Toma no tanque.

EDGAR - No tanque! Esse edificio é mesmo uma vergonha, uma porcaria de edificio!

D.IVETE- Você vai ou não vai ver o Dr. Werneck?

EDGAR - (EXPLODINDO) Não vou. Já disse.

D.IVETE- Vai lá. Fala com o Dr. Werneck, Edgard!

EDGARD - Não adianta, mamãe! (Muda de tom) E a água!

D.IVETE- No tanque ainda tem. Um restinho, daqui a pouco acaba. Por que é que você não vai ao Dr. Werneck?

D.IVETE- Há uma semana que você está fora do emprêgo.

EDGARD - Apanha a panela, mamãe.

D.IVETE- Ontem, eu não tive dinheiro pra ir à feira!

EDGARD - Mamãe, quer apanhar a panela, pelo amor de Deus!

D.IVETE- (Esganiçada). Pra que tanto orgulho?

EDGARD - O problema é meu!

D.IVETE- Todo dia, todo dia, você chega bêbado. Bêbado. Teu pai também era orgulhoso. E o resultado? Deu pra beber, bebia...

EDGARD - Ora, mamãe! Não fala do papai, mamãe.

D.IVETE- Engraçado!

EDGARD - Morreu.

D.IVETE- Você é exatinho o seu falecido pai. (Muda de tom). Vou apanhar a panela. (Noutro tom) Exatinho meu Deus!

EDGARD - Olha. O meu arrependimento. Não volto ao Dr. Werneck, nem a tiro. E o meu arrependimento, é não ter metido a mão na cara dêle. Sim naquele dia. Devia ter enfiado.

D.IVETE- Abaixa a cabeça, anda! Baixa a cabeça!

(D.Ivete despeja água na cabeça de Edgard). X

EDGARD - Capricha, mamãe, capricha!

D.IVETE- Abaixa!

EDGARD - Quem está boa pra burro, e cada vez mais gostosa, é a Ritinha.

D.IVETE- Você vai acabar como seu pai!

EDGARD - A Ritinha é um negocinho!

{ Aparecem fora de cena Peixôto e Maria
Cecília. Edgard começa a enfiar a cami

EDGARD - Bagunça esse edificio! O sujeito obrigado a tomar banho de panela!
E' o BRASIL! X

D.IVETE - Seu pai foi um sujeito que.
EDGARD - (Sem ouvi-la). Tudo, falta de responsabilidade desgraçada!
D.IVETE - Estão batendo!
EDGARD - (Resmungando) Bolas. (D.Ivete abre uma porta imaginária).
D.IVETE - Ah. Dr. Peixôto.
PEIXOTO - Bom dia.
D. IVETE - Tenha a bondade. Tenha a bondade.
PEIXOTO - Nosso amigo está?
D.IVETE - Um momentinho.
PEIXOTO - Conhece?
D.IVETE - (Risonha) Ah!
M.CECILIA Como vai? (muito boneca)
D.IVETE - Boazinha?!
CECILIA - Assim, assim.
D.IVETE - Volto já. (Faz uma volta e traz Edgard).
PEIXOTO - Rapaz, você desapareceu!
EDGARD - Ah, Maria Cecília!
CECILIA - Olá. (Muito SACY)
PEIXOTO - Escuta.
EDGARD - Senta Maria Cecília.
PEIXOTO - Edgard, a Maria Cecília quer falar contigo.
EDGARD - Comigo!
CECILIA - Um assunto.
PEIXOTO - E outra coisa. O emprego continua lá, é teu.
EDGARD - Mas, eu me despedi.
PEIXOTO - O Dr. Werneck não aceita a tua demissão. Escuta rapaz! Você con-
tinua ganhando.
EDGARD - Mas isto não é justo.
CECILIA - Papai gosta tanto de você, Edgard.
PEIXOTO - Olha.
EDGARD - Fui humilhado!
PEIXOTO - Não chateia Edgard! X
EDGARD - Claro!
PEIXOTO - Você é chato! (P/M.CECILIA). Imagina. O Edgard é o único sujeito
que ainda se ruborisa no Brasil! (P/EDGARD). E a frase do Otto?
EDGARD - Ora.
PEIXOTO - A Maria Cecilia sabe, conhece.
EDGARD - Também?!
CECILIA - O mineiro só é solidário no câncer.
EDGARD - Bobagem! Piada do Otto Lara!
PEIXOTO - Piada, vírgula! Por que piada? Pois olha, está ouvindo? Gozado
A princípio, a frase do Otto faz uma coceirinha. Só. Quase uma
brotoeja. Depois, é uma espinha. E no fim de uma semana vira /
abcesso. Te digo o seguinte: Olha. A frase do Otto é um abcess
EDGARD - Literatura. X

Pg.03

PEIXOTO - Escuta. A Maria Cecília quer conversar contigo, e eu vou dar uma voltinha. E não te esqueças: O mineiro só é solidário no câncer. (Sai)

D.IVETE - Com licença.

CECILIA - Até já.

EDGARD - Lamento, Maria Cecília, Lamento!

CECILIA - Mas, escuta. Eu queria que você fôsse falar com papai.

EDGARD - Com seu pai eu não falo!

CECILIA - (Sôfrega). Nem eu pedindo?

EDGARD - Maria Cecília, eu sou filho de um homen.

CECILIA - (SUPLICANTE). Edgard!

EDGARD - Um momento. Sou filho de um homem que morreu na santa casa. Aliás no hospício. Meu pai, até na hora de morrer, teve orgulho. Nunca perdeu o orgulho. Até o fim, foi orgulho.

CECILIA - Posso falar?

EDGARD - Desculpe.

CECILIA - Eu acho. Não sei. É uma impressão. Acho que você tem vergonha de ter sido contínuo, sei lá.

EDGARD - (Em pânico). Eu?

CECILIA - Você.

EDGARD - Mas em absoluto. Ora! E por que, afinal? Vergonha nenhuma.

CECILIA - Tem sim.

EDGARD - Juro! O contínuo é um homem como outro qualquer. Um ser humano

CECILIA - Então, explica. Por que você ficou vermelho. Ficou, Edgard. Você ficou vermelhinho!

EDGARD - E aliás, francamente. X

CECILIA - Ficou e deixa eu falar.

EDGARD - O que eu não quero é ser grã-fino, em hipótese alguma!

CECILIA * Vou te dizer uma coisa.

EDGARD - Nunca!

CECILIA - Deixa eu falar? Pra mim, eu acho que dá charme. Pra mim dá. / Você ter sido contínuo. Eu me lembro quando eu era garotinha. Você ia lá em casa. Uma vez, levou um cachorrinho numa cesta. Eu, olhava pra você, e você nem. Uma vez, você almoçou na cozinha. Usava uniforme cáqui.

EDGARD - (Ressentido). Uniforme, é.

CECILIA - (Vivamente). Você se ofendeu?

EDGARD - Por que?

CECILIA - Tão lindo, tão lindo, ser espôsa de um ex-contínuo. Ex-contínuo. E' gostoso. Gostoso! Acho. {Apanha o rosto de Edgard entre as mãos.

CECILIA - (Falando baixinho, com volúpia, e sofrida). Contínuo! X

Casa de Ritinha. Namôro de Alírio e Aurora
D. Berta caminha pra frente e pra traz, de
um lado para o outro. Alírio, como deliquen-
te brinca com um canivete americano, provo-
cando o jato da lâmina.

- ALIRIO - (Cínico). Quando eu soube que ia haver um concurso de twist, já sabe. Fomos lá, eu e a turma da General Glicério.
- AURORA - Você ganhou?
- ALIRIO - (Dando um passo de dança). Barbarizei!
- AURORA - Teve prêmio?
- ALIRIO - (Ainda dançando). Um isqueiro, legal! (Puxa o isqueiro)
- AURORA - Seu mascarado. {Alírio dá um golpe de baixo para cima com o canivete. Aurora pula pra traz}. Essas brincadeiras comigo.
- ALIRIO - (Numa alegria maligna). Quase!
- AURORA - Não brinca assim, que eu não gosto. (Ele risca o ar c/canivete)
- NADIR - Você tinha a coragem de matar Aurora?
- ALIRIO - (Fecha o canivete) Se tinha? Olha. (VOZ GRAVE). Eu sei que um dia. (TRISTE). Um dia, vou matar alguém. Não sei quem. Alguém. (DEBOCHA) Vou te rasgar, Aurora, Enfio assim e te rasgo até em cima.
- AURORA - Você é chato! (Alírio guarda o canivete)
- ALIRIO - E, como é?
- AURORA - Como é o quê? X
- ALIRIO - Vai?
- AURORA - Onde?
- ALIRIO - Lá.
- AURORA - Deus me livre!
- ALIRIO - Por que?
- AURORA - E Ritinha?
- ALIRIO - Não amola com Ritinha!
- AURORA - Porque, olha. Se a Ritinha sabe ou descobre, é capaz de me comer viva. Você não conhece Ritinha. Ritinha é fogo!
- ALIRIO - Sua errada! Presta atenção. Ritinha dorme fora, as vezes, não dorme?.
- AURORA - No Colégio.
- ALIRIO - Pois é. Dorme, então? Você vai. Ela não estando em casa, que mal Ha?
- AURORA - Sei lá.
- ALIRIO - Vem cá. Olha pra lá, Nadir.
- NADIR - Não ligo! {Alírio puxa Aurora santa no seu colo e aperta a perna da menina}.
- AURORA - Fica quieto!
- NADIR - (Dando risadas) Vocês hoje, estão impróprios para amôres.
- ALIRIO - (P/AURORA). Você é engraçada! Escuta. Olha pra mim. É um concurso de Twist. Você vai ser o meu par. Te levo lá de automóvel e voltamos no mesmo instante. Te deixo aqui na porta. X

AURORA - Olha, essa não!

ALIRIO - Como é?

AURORA - Tenho medo.

ALIRIO - Você apreze até que. (VIOLENTO). Sou, ou não sou legal contigo? Legal, pra burro! E olhe, lá vai haver uma festa. Uma big festa. Casa de um velho cheio da gaita. Tem quadros na parede, um Portinari. PORTINARI!

AURORA - Mas é longe!

ALIRIO - Ora, longe. De carro, não é longe coisa nenhuma. Escuta. Avenida Niemayer não é longe. Não é. A gente sobe, compreendeu? Sobe a Avenida Niemayer, depois das Furnas, pouco depois, há uma cruz. A gente então dobra. Tem um caminhozinho que vai dar na casa.

AURORA - Tem paciência!

ALIRIO - Aurora!

AURORA - Mas não vou, que coisa! Sôzinha, ah, não!

ALIRIO - (Iluminado). Tá aí! Boa. Léva tuas irmãs. Vão com a gente, pronto. Você vai, não vai Nadir?

NADIR - Topo. X (Alirio põe-se de pé)

ALIRIO - Eu resolvo já. Dinorá! (Caminha, ao ver D.Berta, acompanha a velha numa brincadeira cruel dançando passos de twist).

AURORA - (Rindo) Ih, é moleque!

NADIR - (Dando risadas). De morte!

AURORA - Para Alírio! Alírio, chega! Sujeito chato! (Ele pára)

ALIRIO - Dinorá,

ALIRIO - (Esfrega as mãos). O negócio é o seguinte: Tem um lugar pra gente ir. Bacana. Uma festa, olha. Concurso de twist. Quem fôr. Convidada, é claro! Mulher. Ganha uma jóia. E a gente nem demora.

NADIR - Vai, sim Dinorá.

ALIRIO - Só falta você. Um instantinho de automóvel.

DINORAH - Eu não vou. E nem você, Nadir. Você não vai.

NADIR - Gracinha! (Muitot Lôbo Mau)

DINORAH - Você é uma pirralha. E além disso, outra coisa.

ALIRIO - Escuta, Dinorá.

AURORA - A gente vai e volta de automóvel.

DINORAH - E quem fica com mamãe?

ALIRIO - Dá-se um jeito.

DINORAH - Ah, comigo, não.

AURORA - Chata! Você é que é uma chata!

NADIR - Fala baixo!

DINORAH - Outro dia, Sabe o que a Ritinha disse? Disse a mim? Que preferia ver uma irmã morta. Morta. Doq que fazer certos papéis. Dis

(Quarto de Werneck. Chega Edgard. O velho acaba tomar massagem. Nu, c/um lençol até o joelho).

WERNECK - Entra, Edgard, entra.

EDGARD - Boa tarde, Dr. Werneck. X

Pg.06

WERNECK - (Rindo c/ seu humor brutal). Como vai a frase? X

EDGARD - Não ouvi.

WERNECK - O' rapaz! A frase que você descobriu. Do Otto. Não é Otto?

EDGARD - Otto Lara.

WERNECK - (exultante) Acho ótima. Impressionante. E Olha aqui. Sabe que o Peixôto anda espalhando a frase pra todo mundo? Está fazendo o maior sucesso. Agora os grã-finos se cumprimentam assim, de uma calçada para a outra, aos berros: "Fulano! O mineiro só é solidário no câncer!"

EDGARD - (Com ressentimento). E' uma piada.bêsta.

WERNECK - Bêsta? X

EDGARD - Eu acho.

WERNECK - Discordo! Mas, completamente! Em absoluto e por que bêsta? Rapaz, fiz uma experiência com a minha mulher. Ontem. Foi ontem. Na hora de dormir, viro-me e digo de sopetão: Lygia, o mineiro só é solidário no câncer". Minha mulher ficou branca, pálida, meio gelada. E não dormiu. Palavra de honra. Passou a noite em claro, rapaz. em claro! com a frase atravessada aqui, na frente, lada a lado. A frase atua nas mulheres, até nas criadas!

EDGARD - (Com cólera). Dr. Werneck, vamos falar sério?

WERNECK - Estou falando seríssimo.

EDGARD - Vim como homem.

WERNECK - Antes de mais nada. Edgard. Aquilo que houve entre nós dois, foi como dizem os brasileiros. Um mal-entendido. O brasileiro é // cínico pra burro. Vamos pôr uma pedra.

EDGARD - Voltei para o emprêgo, há dez dias. E não estou satisfeito.

WERNECK - Bolas. Vem cá, rapaz. Você se queixa de quê?

EDGARD - Lá na Companhia, não me dão nada pra fazer. Eu não faço nada! Não tenho função, Dr. Werneck.

WERNECK - Foi ordem minha!

EDGARD - Ordem sua!

WERNECK - Minha!

EDGARD - Por que?

WERNECK - O' senhor! Edgard, presta atenção!

EDGARD - (Violento). Assim, eu não quero. Não aceito!

WERNECK - (Furioso). Eu te aumentei o ordenado. Quatro vêzes. Você, fique sabendo, não é um funcionário qualquer. Você é meu genro, meu futuro genro. Não precisa trabalhar.

EDGARD - (Incisivo). Dr. Werneck!

WERNECK - Fala!

EDGARD - Eu não quero ser "o genro". Quero trabalhar. Eu sei que o pessoal lá.

WERNECK - Não dá bola!

EDGARD - O pessoal fala de mim. Nas minhas costas, diz o diabo. E eu me sinto mal. Passo o dia todo sem fazer nada. X

Pg.07

- WERNECK - Faz o seguinte: não vai lá. Fica em casa. Vai só receber, Pronto!
- EDGARD - Eu não sou Peixôto.
- WERNECK - Engano. No Brasil, todo mundo é Peixôto. (Muda de tom). Apanhe o talco. Alí. Passa nas costas. Nas costas. Está coçando pra burro Alí. Põe. Espalha. Coça um pouco, coça. Mais pra baixo. Coça // Assim.
- EDGARD - Eu tenho caráter. X
- WERNECK - Eu não posso conversar com êstes trajes! Quando tomo massagem, gozado, eu me sinto um Nero de filme. Essas sandálias, olha. São do Nero de Cecil B. de Mille. Mas, vem cá. Do que é que eu estava falando? Ah, caráter! Você tem caráter, tem?.
- EDGARD - Tenho!
- WERNECK - Pois então escute. Quero êsse casamento. De qualquer maneira! Vou fazer contigo uma experiência que eu fiz com o Peixôto. Vou testar o teu caráter. E' um teste.
- {Werneck vai a mesa, apanha um talão de cheques
escreve e depois passa o cheque p/Edgard.
- WERNECK - Toma!
- EDGARD - O que é isso?
- WERNECK - Cheque. Ao portador. Lê a quantia. Lê!
- EDGARD - (Atônito). Dois milhões de cruzeiros!
- ERNECK - Para tí, rapaz! de mão beijada. Dois milhões de cruzeiros. Um cheque com todos os sacramentos.
- EDGARD - Mas por quê? A trôco de que?
- WERNECK - (Excitadíssimo). E' o teste. (Muda de tom). O mineiro só é solidário no câncer, Edgard! Dois milhões de cruzeiros. E' só passar no Banco.
- EDGARD - Dois milhões!
- WERNECK - (Furioso). E' teu. Mas se você tem coragem, caráter. E eu acredito que você tem caráter, rasgue o cheque. Tão simples. Rasga E, depois, atira na minha cara o papel picado. Ou você é Peixôto, não passa de um Peixôto.
- EDGARD - (Baixo e atônito). O mineiro só é solidário no câncer!
- {Edgard vira-se. Werneck sai pelo lado oposto,
Edgard caminha e para diante de D. Lygia.
- LYGIA - Meu filho, eu estava esperando você.
- EDGARD - Ah, como vai a senhõra?
- LYGIA - Falou com meu marido?
- EDGARD - Acabei de conversar.
- LYGIA - Eu sei que você. Não é? Você fará minha filha feliz. Você é bom E graças. Tive muita sorte com as minhas filhas. Tanto a mais velha, como a menor. E você é bom. Acho que. Meu marido parecia mau, mas é bom. Tem aquele gênio. Só fogo de palha. Você gostou muito de minha filha?
- EDGARD - Naturalmente. (Werneck aparece de roupão)
- WERNECK - (Para Edgard). Você ainda está aí?.

LYGIA - Então, até logo. Deus te abençoe.

EDGARD - Obrigado.

WERNECK - Você até que teve muita sorte. Minha filha continua pura. Tão pura que nem alma tem. A alma vem com o tempo, vem depois. X

{ Casa de Peixoto, ele entra e esbarra com o Artuzinho que vem saindo de casa.

PEIXOTO - Olá Artuzinho!

ARTUR - Gostaste do Fluminense?*

PEIXOTO - O Zezé Moreira, sei lá.

ARTUR - O Valdo, o Maurinho, estão fazendo uma falta danada.

PEIXOTO - Rodrigo é muito lento.

ARTUR - Até logo.

PEIXOTO = Tchau!

{ (Entra. Quarto de casal. Na cama Tereza chora.
Peixoto apanha o travesseiro do chão.)

PEIXOTO - (Com sarcasmo). Travesseiro no chão! Daquêle jeito!

TEREZA - (Furiosa). Não aborrece você também!

PEIXOTO - (MAIS SERIO). Escuta Tereza. Você sabe que eu não sou de reclamar. Sou um marido que não reclama. Mas há coisas, entende? (RESPIRA FUNDO). Coisas que não devem acontecer!

TEREZA - (Com deboche). O que é que não deve acontecer?

PEIXOTO - Isso.

TEREZA - Fala português claro!

PEIXOTO - Eu cheguei e o Artuzinho ia saindo. (COM DESESPERO HONESTO). Por que na minha casa?

TEREZA - (Num berro feroz). Minha!

PEIXOTO - (Desconcertado). O que?

TEREZA - (Esganiçadíssima). Minha casa! a casa é minha!

PEIXOTO - (Gritando). Quero saber por que é que você não vai ter seus entros lá fora?!

TEREZA - (C/Crueldade). Mas a casa é minha, ou não é minha?!

PEIXOTO - (desatinado). Não admito aqui dentro!

TEREZA - (De costas). A casa é minha! Minha!

PEIXOTO - (Faz Tereza virar-se bruscamente). Escuta aqui!

TEREZA - Não chateia, e olha.

PEIXOTO - (Quase chorando). Aqui, não! aqui não quero!

TEREZA - Eu te conheço de longe. Você nunca souber ser homem!

PEIXOTO - Esse Artuzinho!

TEREZA = (Num acessp). Não fala nesse canalha! esse cachorro. Palhaço! E se você fôsse homem. (Muda de tom). Por que não quebrou a cara dêle? (COMEÇA A CHORAR). Veio aqui dizer que vai se casa Com a Eliana! Também, olha: -dei-lhe uma bofetada!

PEIXOTO - (Com sarcasmo). Dor de corno? X

TEREZA - Ou você pensava que fôsse o quê? (DESAFORADA). Dor de corno, si (QUEBRADA). Mas, você nem sabe o que é isso. Você não gosta de ninguém. E' incapaz. Você já gostou de alguém? X

PEIXOTO - (Súbitamente e triste). Eu gosto de alguém.

TEREZA - (Feroz). Mentira!

PEIXOTO - (Desesperado). Gosto!

TEREZA - Duvido!

PEIXOTO - Juro! Gosto de uma mulher. Uma mulher que é pior do que você!

Mais suja do que você! Eu a amo!

TEREZA - Você é igual a esse Edgar. E' outro. Não gosta da Maria Cecília!

(Com nojo). Vocês, puxa! são todos iguais. Não escapa um.

PEIXOTO - (Controla o ódio. Ajeita o colarinho, e.) E aquele dinheiro?

TEREZA - (Atônita) Que dinheiro?!

PEIXOTO - Do automóvel. O novo automóvel.

TEREZA - (Sentida e sardônica). Ah, ah, você quer mais dinheiro, heim?

PEIXOTO - Fiquei de levar o cheque amanhã de manhã.

TEREZA - (Num riso falso). Mais dinheiro! hem? (DE REPENTE NUMA EXPLOÇÃO)

X Não leva um tostão! Um tostão! Um níquel, não leva!

EDGARD - Ritinha!

RITINHA - Pelo amor de Deus!

EDGARD - Quer carona?

RITINHA - Você está maluco?

EDGARD - Entra aqui.

RITINHA - Vai embora!

EDGARD - Ritinha, entra!

RITINHA - (Desesperada). Oh, meu Deus!

EDGARD - Depressa! (Ritinha obedece).

RITINHA - Você é um chato!

EDGARD - Calma!

RITINHA - Eu não posso ser vista! Compreenda isto!

EDGARD - Ritinha, escuta!

RITINHA - Caso sério. X

EDGARD - Ritinha, ouve. Não é o que você pensa, está ouvindo?

RITINHA - Você uma vez, fez aquilo comigo.

EDGARD - Vim só me despedir.

RITINHA - (Atônita e magoada). Despedir?!

EDGARD - Vou me casar.

RITINHA - (Desolada). Mentira!

EDGARD - Fiquei noivo. Olha a aliança.

RITINHA - Quer dizer que.

EDGARD - E como é a última vez, a última. Eu queria passar uma hora contigo.

RITINHA - Eu tenho responsabilidade.

EDGARD - Deixa de ser bôba, Ritinha. Olha.

RITINHA - (Lamentando). Não.

EDGARD - Você não pode ser vista, nem eu. Mas descobri um lugar. Lugar formidável. Fabuloso! Onde não há o menor perigo, o menor! O lugar mais discreto, cem por cento!

talvez! X

Pg 3

Pg.10

EDGARD - Está vendo? Você é que é chatinha.
RITINHA - (De pé atrás). Que lugar?
EDGARD - Advinha.
RITINHA - Sei lá.
EDGARD - O cemitério.
RITINHA - O quê? Não brinca assim. Fala sério, Edgard.
EDGARD - Estou falando seriíssimo!
RITINHA - Não amola!
EDGARD - Fora de brincadeira. O cemitério é o lugar ideal. E bolei outra ideia. Vamos ao Cajú.
RITINHA - Ao Cajú?
EDGARD - Mas claro! S. João Batista não interessa. Pode ter defunto conhecido da minha pequena lá. No Cajú, não. Só dá cabeça de negro.
RITINHA - Não vou! Já disse. Que ideia sem graça.
RITINHA - (Furiosa). A culpada sou eu!
EDGARD - Chega, Ritinha. Parece matraca!
RITINHA - Evidente. O que é que eu estou fazendo aqui? Você noivo. E mesmo que não fôsse noivo. Eu não posso gostar de ninguém.
EDGARD - Ritinha, eu vou te dizer uma coisa.
RITINHA - Não fala bonito!
EDGARD - (C/doçura). Ritinha.
RITINHA - Eu não gosto de homem que fala bonito. X
EDGARD - Ouve. Até hoje, só conheci duas mulheres dignas de amor. Uma é você, outra a minha noiva.
RITINHA - Eu?
EDGARD - Você.
RITINHA - (Comovida). Sua noiva, sim. Eu não.
EDGARD - Você também.
RITINHA - Tem certeza?
EDGARD - Ora,
RITINHA - (Suspira). Você nem me conhece.
EDGARD - Olhe ali.
RITINHA - O que?
EDGARD - Um tumulto vazio. Vem cá. Chega aqui, Ritinha.
RITINHA - Edgard! Sai daí, Edgard!
EDGARD - Pula também. Pula!
RITINHA - Deus me livre!
EDGARD - E' a nossa despedida!
RITINHA - Não vou! (Edgard puxa Ritinha pela perna).
EDGARD - Desce, ou vai sem o sapato.
RITINHA - Você me paga!
EDGARD - (Ninguém está vendo! Ritinha, não tem ninguém. Salta!
RITINHA - (Cai no interior do tumulto). Doido! doido!
EDGARD - Eu gosto de você.
RITINHA - Mentiroso!
EDGARD - Adoro!

RITINHA - Gosta nada! Você gosta de ninguém.

EDGARD = Ritinha, olha. Escuta. Eu quero te beijar aqui.

RITINHA - Não.

EDGARD - Pode ser mórbido. Mas, dane-se a morbidez. E' o último beijo! O último! O nosso adeus. Você já me beijou, Ritinha. Eu queria um beijo dado.

RITINHA - Você quer um beijo? Olha! Te dou o beijo e o resto, mas de graça não!

EDGARD - De graça, não?! X

RITINHA = (Friamente) Três mil cruzeiros. E' quanto eu cobro. Dou mil cruzeiros a dona, e fico com o resto.

EDGARD - Olha pra mim!

RITINHA - Edgard!

EDGARD - (Desesperado). Quero ver a tua cara!

RITINHA - (Chorando). Edgard, eu sei, eu! eu!

EDGARD - (Feroz). Fala!

RITINHA - Eu continuaria fingindo se fôsse outro. Mas, escuta. De Você eu gosto. A professorinha é uma máscara. Eu sou outra coisa. (Num desespero maior). Vou com qualquer um, por dinheiro. Não me compare a sua noiva. Eu não chego aos pés da sua noiva.

COVEIRO - Mas, ó meninos! Que novidade é essa?

EDGARD - Toma, Nossa Amizade! Não leva a mal, mas toma pra tomar uma // cervejinha. (Coveiro ri).

COVEIRO - Vá lá. Vá lá.

EDGARD - Um minutinho só.

COVEIRO - Dá mais um beijinho e vamos andar que isso não são locais de bandalheiras. Daqui á pouco está aí o enterro. Vem pra cá. O caro, o defunto é brigadeiro.

EDGARD - Meu chapa!

COVEIRO - O que foi?

EDGARD - O mineiro só é solidário no câncer!

COVEIRO - Deixa pra lá! deixa pra lá!

EDGARD - Quer dizer que você é uma.

RITINHA - (DESESPERADA). Esse nome, não! Não diga esta palavra! Essa palavra, não! Eu não presto. Posso ser vagabunda. Ordinária, tudo, o que você quizer. Mas adoro você. Adoro. Nem tua mãe, nem // tua noiva! Eu adoro você!

COVEIRO - O' meninos. O enterro vem pra cá. O gajo é brigadeiro. Larga a rapariga, o' raio!

FIM DO SEGUNDO ATO.

Bontinha, mas o destino

Melhor do destino

Unidos N. A. - RN

Pg.01

- WERNECK - (Joga cartas c/Lygia). Fala! Lygia, não perde tempo.
- LYGIA - Você se faz de mau!
- WERNECK - Toca o bonde! toca o bonde!
- LYGIA - Quero um casamento simples.
- WERNECK - (Tira uma carta). Pinóia! Oito de Paus!
- LYGIA - Cerimônia íntima. Civil e religioso em casa.
- WERNECK - Quer dizer que você ~~me~~ acha bom?
- LYGIA - Está ouvindo Heitor?
- WERNECK - Sei, casamento simples.
- LYGIA - E sem vestido de noiva.
- WERNECK - (Olhando a carta). Valete. Sem vestido de noiva, por que?
- LYGIA - Ora, Heitor.
- WERNECK - Mas claro!
- LYGIA - Depois do que houve não seria decente.
- WERNECK - Mas ninguém sabe.
- LYGIA - Deus sabe.
- WERNECK - Deus não se mete. Aquê! médico, aquê! Resolvia a situação.
Mas você pensa que toda noiva é cabaço.
- LYGIA - Essas expressões.
- WERNECK - Você sempre com essa mania de ser honesta. Ninguém é honesto. Você é a última honestidade que eu conheci! Hoje, já se reconstitue a virgindade. Você não quer, paciência. Mas esse Edgard.
- LYGIA - (Interrompe). Bom menino.
- WERNECK - Bom menino! Outro dia eu soube que esse sujeito.
- LYGIA - (escandalizada). Heitor!
- WERNECK - Sujeito sim. Esse sujeito tomou um porre. Deu show. E me contou que ele berrava. Ouve Lygia. Berrava O mineiro só é solidário no câncer! Uma bêsta! Um pulha.
- LYGIA - É o seu genro, Heitor.
- WERNECK - Está bem. Não quer mais vestido de noiva! Que mais?
- LYGIA - Heitor, vou lhe pedir um favor. Pelo amor de Deus, não repita mais esta frase. A frase do Mineiro.
- WERNECK - Vá lá, vá lá.
- LYGIA - Heitor, eu tenho a impressão que vou morrer breve. Não duro muito.
- WERNECK - Vai chorar outra vez?
- LYGIA - Vou chorar! Vou chorar! Graças a Deus choro! Ainda sei chorar! o seu mal é que você não chora! Você devia chorar!
- WERNECK - (Num riso cruel). Boa piada!
- LYGIA - Heitor! Antes de morrer, quero ver minha filha casada. Quero saber que minha filha é uma menina igual as outras. Igual a todo mundo. Normal. Graças a Deus, Tereza é feliz no casamento. Quer que Maria Cecília seja feliz como Tereza!
- PEIXOTO - (Bate nas costas de Edgard). Olá Mineiro!
- EDGARD - Que piada é essa?

- PEIXOTO - Não sei, mas bebi ali um negócio. Não almocei, estômago vazio e estou achando todo mundo com cara de Alkimim. Escuta. Como/ vai a frase do Otto?
- EDGARD - Muda de chapa!
- PEIXOTO - Mas, espera lá! A frase do Otto é uma promoção tua!
- EDGARD - Antes que eu esqueça. Escuta Peixoto.
- PEIXOTO - Você se zangou?
- EDGARD - Não é nada disso! Olha aqui: o meu casamento. Vocês pensam que me compraram e que eu me vendi. Pensam.
- PEIXOTO - Está com vergonha de mim?
- EDGARD - Não chateia!
- PEIXOTO - Eu também sou mau caráter!
- EDGARD - Eu não sou mau caráter. Não admito, ouviu? está ouvindo?
- PEIXOTO - Mas hoje em dia. Escuta. No Brasil, quem não é canalha na véspera, é canalha no dia seguinte. O Otto está certo. O mineiro só é solidário no câncer!
- EDGARD - Você está bêbado, Peixoto. Mas ouve, Cala a boca!
- PEIXOTO - Fala!
- EDGARD - Fique sabendo. Vocês não me compraram. Eu não me vendi. Aceitei esse casamento porque. Já conhecia Maria Cecília. Sempre achei que podia me apaixonar por Maria Cecília.
- PEIXOTO - (C/Deboche). E a tua vizinha!?
- EDGARD - Que vizinha?
- PEIXOTO - A tal!
- EDGARD - Aquilo não foi nem flerte. E, ainda por cima, uma vigarista. Mas ouve. Eu já gosto da Maria Cecília.
- PEIXOTO - Posso falar?
- EDGARD - Estou esperando Maria Cecília.
- PEIXOTO - E' rápido!
- EDGARD - Ela deve estar chegando.
- PEIXOTO - Acabo logo. Você diz que estou bêbado. Mas escuta. Toda família tem um momento em que começa a apodrecer. Percebeu? Pode ser que a família mais decente, mais digna do mundo. E lá, um dia, aparece um tio pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão, um cunhado louco. Tudo ao mesmo tempo. Está ouvindo, Edgard?
- EDGARD - Acaba.
- PEIXOTO - Com minha autoridade de bêbado, te digo: a família de minha // mulher, tua noiva, começa a apodrecer. E, nós, eu e você, também. Edgard, também!
- EDGARD - (Recuando). Eu me recuso.
- PEIXOTO - (Terrível). Você se recusa a apodrecer?
- EDGARD - (Desesperado). Eu não me vendi! E olha! Eu não sou você!
- PEIXOTO - Sua besta! Você ainda esperneia. Ainda. Eu também esperneava. Depois. (Com mais força). Você vai acabar como eu. Vai cair de quatro. De quatro diante do dinheiro. Sabe o que é dinheiro? O Tutu?

Pg.03

EDGARD - Você é de uma sordidez que.

PEIXOTO - E quem é você pra me chamar de sórdido? Ou se esquece que foi você que desbriou a frase do Otto? (Feroz). E quer saber duma? Não sou ninguém que trepa na mesa e diga: "Eu sou um canalha" Pois bem, eu digo! "Eu sou um canalha!" Digo isso de boca // cheia. Sou um canalha!

EDGARD - Maria Cecília vem aí.

PEIXOTO - (Baixando a voz). Edgard, vamos apodrecer juntos. Bye, bye! X

MARIA CECILIA - Vamos àquêle lugar?

EDGARD - Não prefere outro?

CECILIA - Não. Quero lá. - (Os dois sós, deitam no chão).

CECILIA - Isso é tão lindo!

EDGARD - (Olhando em torno). Escuta, Maria Cecília. Vamos voltar?

CECILIA - Mais um pouquinho. X

EDGARD - Olha, meu bem.

CECILIA - Então você acha que eu não sei beijar?

EDGARD - Acho melhor a gente ir embora.

CECILIA - Responde.

EDGARD - Este lugar aqui é meio perigoso. Podemos ser assaltados. Não passa ninguém, nada por aqui.

CECILIA - Primeiro responde. Não sei beijar?

EDGARD - Sabe.

CECILIA - Você disse que não.

EDGARD - Você, meu bem.

CECILIA - Como é que se beija?

EDGARD - Ora!

CECILIA - Diz.

EDGARD - É o seguinte. (Muda de tom), Vamos sair daqui. Isto aqui é.

CECILIA - Responde, Edgard.

EDGARD - (Mais incisivo). Você beija de boca fechada. Você fecha a boca.

CECILIA - Como é que se faz?

EDGARD - Vamos agora? Beijo não é assim. Beijo amor, naturalmente. A // gente abre a boca. A gente abre. Ouviu? Abre a boca porque.

CECILIA - (Interrompe). Você me acha muito criança, bôba, não acha?

EDGARD - (Incerto), Bom.

CECILIA - Acha?

EDGARD - Um pouco. Mas olha. Eu te ensino como se beija. Chega aqui.

CECILIA - Agora não!

EDGARD - Por que?

CECILIA - Não, Edgard. Um dia. Eu prometo. Um dia, eu te dou, escuta / Edgard! Eu te dou um beijo de verdade!

EDGARD - Está certo. E nem eu. Quero que você compreenda. Eu não sei forçar. Eu

CECILIA - (Desligada). Tarde linda!

EDGARD - Explica.

CECILIA - Você não acha isto aqui, lindo?.

EDGARD - Mas explica. E' uma pergunta. Por que é que, tôdas as tardes, você me traz aqui. Sempre no mesmo lugar. E você fica de babeca baixa.

CECILIA - Rezando.

EDGARD - Como se rezasse.

CECILIA - Estou rezando.

EDGARD - O que é que tem êste lugar?

CECILIA - (Febril). Foi aqui.

EDGARD - O que?

CECILIA - Vem cá, anda! Está vendo? Foi aqui que aconteceu tudo!

EDGARD - Mas vamos embora.

CECILIA - Não.

EDGARD - Você conta no carro.

CECILIA - (Sem ouvi-lo). Olha alí. Foi lá que enguiçou o carro. Lá onde está o nosso. Alí. Um dia. (Muda de tom). O Dr. Peixôto estava me ensinando a guiar.

EDGARD - O Dr. Peixôto?

CECILIA - O carro morreu e êle saltou para ver o defeito.

(EVOCAÇÃO DO EPISÓDIO).

CECILIA - O que é, o que é?

PEIXÔTO - Sei lá. Vai ver que é o carburador. E' uma droga.

(Surgem cinco homens, um dêles negro).

CRIOULÃO - Vai lá, Negro!

OUTRO - Mete as caras.

NEGRO - (Ergue-se e avança). Como é, meu chapa? Quer uma mãozinha?

PEIXOTO - Olá! O filtro do carburador.

CECILIA - E por aqui não passa automóvel.

NEGRO - Deixa eu dar uma espiada.

PEIXOTO - Caso sério.

NEGRO - (Mete a cabeça no motor). Tem uma chave?

PEIXOTO - Chave?

NEGRO - De parafuso.

PEIXOTO - Ah, de parafuso! Tem aqui. (Apanha a chave e dá ao Negro).

NEGRO - Espia. (Aponta). E' alí.

(Peixôto mete a cabeça no motor, o outro desfe
um golpe na cabeça de Peixôto, que cai.)

CECILIA - (Apavorada). Que é isso? Não faça isso!

(CENA DA CURRA). A' cargo do Sr. Diretor.

CECILIA - (Esganiçada). Não! Não!

NEGRO - (Feroz). Um beijo! Um beijo!

CECILIA - (Mêdo selvagem). Não quero! (Mais forte). Não quero!

NEGRO - (Mais violento). Sua! Me dá o beijo!

OUTRO - (C/Deboche). Dá, filhinha, dá!

NEGRO - (Enfurecido). Beija o Negro!

CECILIA - (Louca). Meu pai é rico! Meu pai dá dinheiro!

NEGRO - Ou, tu me acha negro? Então, me xinga de negro!

CECILIA - Dou dinheiro!

OS OUTROS (As gargalhadas). Papai é rico! Papai dá dinheiro!

NEGRO - Me xinga! me xinga! (Possesso).

CECILIA - (Como louca). Negro! Negro! Negro! Negro!

NEGRO - Quem me chama de negro, morre! Eu mato! Eu não sou negro!

(Corre levando Maria Cecília).

CECILIA - (Gritando). Meu pai é rico. Eu dou dinheiro!

(Peixoto recupera os sentidos. Levanta-se, vai apanhar Ma. Cecília. Volta carregando a menina).

EDGARD - (Desesperado). Mas por que o Dr. Peixoto não matou os caras um por um!

CECILIA * Desmaiado.

EDGARD - (Fora de si). Numa hora dessas o sujeito não desmaia. O sujeito mata! tem que matar!

CECILIA - Edgard. Um dos miseráveis se chamava Cadelão. Foi êsse que. O primeiro. Mandava nos outros. Cadelão! De vez em quando ouço / uma voz repetindo: Cadelão! Por isso eu não sei beijar. E acho o beijo. Dseculpe, sim?

EDGARD - Acha o beijo.

CECILIA - Acho o beijo, nem sei. O beijo é uma coisa que.

EDGARD - Maria Cecília, quero te dizer que, respeito o teu sofrimento. E compreendo.

CECILIA - O pior você não sabe. Telefonaram lá pra casa.

EDGARD - Quem?

CECILIA - Sei lá. Voz de homem. Uma vez, o sujeito só disse isso. Maria Cecília, você gostou de ser violada?. Que eu gostei de ser / violada. E desligaram.

EDGARD - Miserável! E' uma gente!

CECILIA - E se você. Estamos sòzinhos. Lugar deserto. Ninguém. Só nós dois. E se você que nunca me beijou.

EDGARD - Vem cá, Maria Cecília! Maria Cecília!

CECILIA - Se você quizesse me beijar a fôrça. Você! Quizesse fazer - Vo sòzinho, o que aqueles cinco homens. Mas não tem coragem. E' còvarde!

EDGARD - (Num apêlo). Meu amor!

EDGARD - (Desesperado). Maria Cecília. Eu não toco num fio dos teus cabelos!

CECILIA - (Soluçando). Ah, querido! O sujeito que me telefonou. Só pode ser o Cadelão.

EDGARD - (Atônito). Mas o Cadelão, não é negro? o negro boçal? Não dir violada. E' uma palavra que. Entende? Não usaria a palavra / "Violada".

CECILIA - Tenho medo! medo!

Edf. onde mora Ritinha. Ela espera Edgard

- RITINHA - Eu queria explicar.
- EDGARD - Ritinha, não adianta. E nem interessa.
- RITINHA - Edgard, você não sabe o .
- EDGARD - Sei.
- RITINHA - (Quase chorando). Não sabe. Eu queria apenas. Presta atenção.
Eu não era assim, juro! Era direitíssima!
- EDGARD - (Violento). Quer dinheiro?
- RITINHA - (Desesperada). Não me humilha, Edgard.
- EDGARD - De mim, não leva nada! Um níquel!
- RITINHA - (CHORANDO). Eu quero contar a minha história. Só isso! Quer me ouvir, Edgard?
- EDGARD - Está perdendo o seu tempo, Ritinha. Eu não quero ouvir história nenhuma!
- RITINHA - Edgard!
- EDGARD - (Arranca o cheque). Está vendo isto aqui?. É um cheque!
- RITINHA - Ouve, Edgard.
- EDGARD - Um cheque! Dois milhões de cruzeiros!
- RITINHA - (Sem ouvi-lo e falando mais alto). Eu sou o que sou, porque.
- EDGARD - (Sem ouvi-la). Cheque! Enquanto eu não rasgar isto aqui, eu / serei um canalha!
- RITINHA - (Fora de si). Minha mãe era tesoureira dos Correios e Telégrafos. Funcionária antiga.
- EDGARD - Eu podia rasgar este cheque agora, neste momento.
- RITINHA - Pelo amor de Deus, Escuta!
- EDGARD - (Furioso). Quem tem razão é o Otto. A frase do Otto é genial! E não adianta você contar história nenhuma. Não adianta. Enquanto eu não rasgar este cheque. Ou eu rasgo este cheque ou então a frase do Otto é verdade.
- RITINHA - (Violenta). Ou você me ouve. X
- EDGARD - Ou eu te ouço.
- RITINHA - Eu tenho a mania do suicídio! Só não me matei ainda, porque / tenho a minha mãe e as minhas irmãs. Por isso! Mas se você não quiser me ouvir, eu me atiro. Atiro debaixo do primeiro ônibus. Você duvida?
- EDGARD - Então conta. Conta.
- RITINHA - Quero que Deus me cegue se minto. Um dia houve um roubo nos / Correios. Desapareceu uma quantia grande. Minha mãe era a responsável. Fizeram uma Comissão de Inquérito. Então eu fui falar / com o Presidente. O Presidente da Comissão. Está ouvindo, Edgard?
- EDGARD - (Abstrato). O mineiro só é solidário no câncer! (muda de tom)
Continua. X
- Ritinha afasta-se. Evocação do episódio narrado.
Ela c/o Presidente da Comissão.)
- VELHO * (Furioso). São os fatos! os fatos!
- RITINHA - (Soluçando). Em 20 anos minha mãe não teve uma falta! Não tirou nem a licença prêmio. X

Pg.07

- VELHO - (Sarcástico). São outros quinhentos! outros quinhentos! Menina! Roubou! Pronto! Sua mãe roubou! Tôdas as suspeitas, entende?
- RITINHA - Minha mãe é incapaz! Incapaz de tirar um tostão! Nós passamos privações.
- VELHO - Você é filha. E a filha não aceita. Não concebe. (Berrando),/ Vai se fazer justiça, doa a quem doer. E eu não vou me sujar! Minha fôlha de serviço! Ou você pensa que. Está muito enganada. Não sou moleque, e nem admito.
- RITINHA - (Chorando). Quer dizer que?
- VELHO - (Baixa a voz, agarra Ritinha pelo braço). Estou sendo durão por causa dos outros. Estão ouvindo. Uma corja! (Muda de tom e berra outra vez). Afinal, os meus anos de serviços! Eu tenho netos! Netos! (SÔFREGO E PASSANDO O LENÇO NA TESTA). Tenho muita pena de ti.
- RITINHA - Pelo amor de Deus!
- VELHO - Vamos fazer o seguinte: você vem aqui no domingo.
- RITINHA - (Atônita). Mas, abre no domingo?
- VELHO - Tenho chave. Domingo não tem ninguém e podemos conversar. Conversar. Entra por aquela porta de lado. Deixo encostada, você empurra e entra. O negócio tem de ser discretíssimo. Conversar mos, e. Não prometo nada. Depende. Mas quem sabe?!
(O velho afasta-se, Ritinha vira-se e começa a falar para Edgard).
- RITINHA - Voltei lá no Domingo. Porta apenas encostada. Entrei.
- VELHO - (Esfregando as mãos). Agora é outra coisa. Estamos sôzinhos. Aqui ouve-se tudo. E' uma gente que. Mas, como é? Nervosa?
- RITINHA - Mamãe acha e disse.
- VELHO - (VIVAMENTE). Sua mãe é uma colega como poucas. Distintíssima! Sabe que sua mãe depende de mim? Sabe? Só de mim?
- RITINHA - Sei, sei.
- VELHO - Pois é. Chorando, por que? (INCISIVO). O que eu quiser, os outros assinam em cruz. E' o que eu quiser! Agora responde: Você quer salvar sua mãe? Sim, ou não?
- RITINHA - Mas que é isso? Não faça isso?.
- (VELHO TENTA PUXAR DECOTE DE RITINHA, ELA RECUA).
- VELHO - (Recuando). Está bem. Eu não toco em você. Me afasto. Fico de longe. E você... Você mesma, você. Puxa um pouco o decote. Um pouco. O decote.
- RITINHA - Não quero! O senhor não pode!
- VELHO - (Fora de si). Ou prefere. Escuta menina! Prefere que ponha sua mãe na cadeia? Prefere? Depende de mim! de mim! (SÚPLICO). Está pedindo o mínimo! o mínimo!
- RITINHA - (Chora). O Senhor está abusando de mim.
- VELHO - (Desesperado). O mínimo! no médico, a mulher! Os médicos despois. No exame de câncer, a cliente fica nua! em pêlo! Você mostra seio. Eu só olho, de longe. Não toco em você. Fico aqui. Olha

RITINHA - (Desesperada). O senhor jura que minha mãe não será presa?
VELHO - (Violento). Eu sou um homem de bem! Homem de uma palavra só.
(Muda de tom. C/humilde desejo). Juro! Juro o que você quiser!
Agora, mostra!

(Ritinha puxa o decote, aparece o seio. O velho avança e agarra Ritinha).

RITINHA - Não! Não!

VELHO - Quieta! Olha que eu te! No médico, não há pudores!

RITINHA - Pelo amor de Deus!

(Ritinha soluça. Velho recua. Ela vira-se p/ Edgard e continua).

RITINHA - (No seu desespero). Lá mesmo! Em pé. em pé! E depois me mandava ir fora do expediente. Prometia, prometia! Levou nisto / um mês. Até que um dia.

(Velho reaparece).

RITINHA - O resultado do inquérito. Foi contra mamãe o resultado do / inquérito?

VELHO - (Formal e maligno). Exato. Contra sua mãe, naturalmente.

RITINHA - Mas o senhor prometeu, o senhor disse!

VELHO - (C/Violencia). Em primeiro lugar, não grite! Aqui quem grita sou eu!

RITINHA - O senhor abusou de mim, pretendendo que.

VELHO - (C/Crueldade). Escuta aqui. Os médicos quando tiram as suas / casquinhas e as clientes protestam, eles dizem: "Neurótica. neurótica!". Eu tenho a minha saída. Digó que você é uma // neurótica. Ou vigarista.

RITINHA - Cínico!

VELHO - (Aos berros). O! sua cachorra! Tem coragem de! Fala assim comigo que eu te. Nós temos aqui uma polícia particular. Você entra na borrachada. Mulher aqui apanha também! Quer fazer chantagem comigo, sua sem-vergonha?! (SAI DE CENA).

RITINHA - Compreende, agora?

EDGARD - (Atônito). Duas violadas!

RITINHA - Mas, ouviu? Eu não nasci vagabunda. Me fizeram isso!

EDGARD - (Sem ouvir). Na minha vida, duas pequenas que. Violadas.

RITINHA - Eu tive que arranjar o dinheiro, pra repor. O dinheiro. De qualquer maneira.

EDGARD - E! a frase do Otto. Tudo é a frase do Otto. Se o cara te viu / lentou. E eu não rasgo o cheque. (Puxa o cheque). Está aqui e não rasgo. Por causa da frase do Otto.

RITINHA - (SEM ENTENDER E DESESPERADA). Eu gosto de você, Edgard!

EDGARD - Ritinha, a frase do Otto é mais importante do que OS SERTÕES de Euclides da Cunha.

RITINHA - De quem?

EDGARD - Euclides da Cunha. O Escritor.

RITINHA - (C/Docura e inocência). Erico Veríssimo também é bom! X

Pg.09

EDGARD - (Irritado). Estou falando de . Ora bolas!

RITINHA - (Apanha a mão de Edgard). Você está com febre? Está sim. Quente!

EDGAR - Ritinha! A frase do Otto. Está ouvindo? A frase do Otto é mais importante do que todo o Machado de Assis!

RITINHA - Você está exaltado!

EDGARD - Não sei mais nada.

RITINHA - (Meiga). Lá no cemitério, eu falei aquilo. Do dinheiro. Mas foi olhe. Via você tão iludido. Eu não queria enganar você. Quis // mostrar que eu, afinal de contas. Mas eu não aceitaria nada de você. Só amor. Você é o único que.

EDGARD - (Agarra-a pelos dois braços). Ritinha, a frase do Otto é que é o câncer! (Os dois saem em direções contrárias. Edgard desapa-
parece. Ritinha c/o Porteiro do Edf.)

OSIRIS - Ah, D. Ritinha. Que sorte!

RITINHA - O pequeno piourou?

OSIRIS - Quase bom. Não é isso. D. Ritinha, telefonei pra senhora. Lá pra Colégio. Imagine, o Alírio saiu com suas irmãs. As três.

RITINHA - Com minhas irmãs?!

OSIRIS - Saiu. Eu ouvi, por acaso. Fui mudar uma lâmpada no quinto andar. E ouvi a conversa. Eles foram a uma festa. E como hoje, é dia de senhora dormir no colégio.

RITINHA - Deixaram mamãe sozinha? Onde é a festa?

OSIRIS - Quem pode saber, pra onde foram, é o Zé Cláudio.

RITINHA - Que Zé Cláudio?

OSIRIS - Aquê! A senhora não se lembra? Um que. Pois é. Esse Zé Cláudio está no Sinuca. O Zé Cláudio.

OSIRIS - D. Ritinha, parece que a festa é la pros lados do Leblon. Ouvia coisa assim. Leblon. Avenida Niemayer., parece.

RITINHA - Av.Niemayer? Barra da Tijuca? Então é curra! Curra! Mas os caras que tocarem nas minhas irmãs hão de morrer! de câncer na língua. Vão morrer!

(Quatro de Edgard. Entra Peixoto).

PEIXOTO - Vim te buscar.

EDGARD - (Sem erguer a cabeça). Pra onde?

PEIXOTO - Que cara é essa?

EDGARD - Doente.

PEIXOTO - Quer ver como eu sou psicólogo? Tua doença é a frase do Otto. não é?

EDGARD - Va pra merda! Peixoto, vá à merda!

PEIXOTO - E' ou não é?

EDGARD - Está pensando que eu sou algum idiota? Que eu sou o que? Frase. Frase inteiramente cretina. Frase do Otto!

PEIXOTO - Confessa Edgard.

EDGARD - Ora, vê. Peixoto, passei a noite toda, acendendo e apagando o isqueiro, querendo queimar este cheque, e sem coragem.

PEIXOTO - Não tem fundos?

- EDGARD - Desisto! E' a frase do Otto. E' sim, que me impede de queimar esta porcaria!
- PEIXOTO - Se tem fundos, deixa de ser besta. Escuta, Edgard. Guarda isso. Ouve. Você vai se casar. E' preciso conhecer a família. A família da sua mulher. Edgard, você quer saber quem é o Dr. Werneck? o teu sôgro? Quer?
- EDGARD - Sogro, não interessa.
- PEIXOTO - Interessa.
- EDGARD - A família que se dane! Só me interessa a pequena. Maria Cecília, ouviu? E eu conheço Maria Cecília?
- PEIXOTO - Mas Edgard.
- EDGARD - Peixoto, você não entende, olha. Houve o que houve com Maria Cecília. Foi violada por cinco criouloes. E basta. Pra mim, é sagrada. Pronto! Peixoto, eu não vou desiludir a menina que. Não vou. Foi violada.
- PEIXOTO - Sua besta! O teu sogro dá uma festa. Um negócio, rapaz! Ah, vendendo! E você vai lá comigo. Vamos juntos, Edgard.
- EDGARD - Não vou.
- PEIXOTO - Mas vale a pena. Aquilo que eu te disse. Edgard, é uma família que começou a apodrecer!
- WERNECK - (Bêbado, fala pra os grã-finos). Bem, é o seguinte. Vamos fazer uma brincadeira. (Risos, vozes). Silêncio! Fontainha! Cala a boca! Uma brincadeira. X
- I-GRÃOFINO - Mas, como é o negócio?
- II-GRÃOFINO - Deixa o Werneck falar!
- WERNECK - O negócio é psicanálise. Psicanalise. Assim, olha. O divã. (Vai até o Divã). O divã está aqui.
- II-GRÃOFINO - Pra que divã?
- I-grafino - Você é analfabeto, hen rapaz?
- WERNECK - Mas calma! O freguês deita-se no divã. Como na psicanalise. Eu vou bancar o Freud. Tomo notas num caderninho. O que está deitado conta as proprias sujeiras.
- III-GRÃOFINO - Qual é a graça?
- WERNECK - Vai querer? Primeira.
- I-GRÃOFINO - Eu!
- WERNECK - Um momento! Só mulher! Mulher tem mais graça. De preferência mulher casada, com o marido presente. Quem se habilita?
- I-GRÃOFINO - Vai você. (Para a mulher). Vai!
- ANA ISABEL - (Ergue o dedo). Eu!
- WERNECK - Muito bem. Deita aqui, Ana Isabel. Pode deitar. Marido progressista. Permitiu que a propria espôsa. Agora, silêncio!
- ANA ISABEL - Essa luz em cima de mim, é que está chato.
- I-GRÃOFINO - Apaga a luz!
- WERNECK - Fica quieto, Fontainha. Não apaga nada. Tem que ser no claro. Vamos parar com este barulho. Silêncio! Vou começar.
- II-GRÃOFINO - Pergunta quantas vezes ela traiu o marido.

WERNECK - Ana Isabel, Qual foi o seu michê mais baixo?

ANA ISABEL - Não me lembro.

WERNECK - (Possesso). Responda, Ana Isabel. Não admito pudores. Você *pertence* - a uma família formidável. Não interessa. Tem que dizer tudo. Qual foi o seu michê mais baixo? O mais baixo?

ANA ISABEL - (Violenta e esganiçada). 75 cruzeiros!

WERNECK - Por que os quebrados?

ANA ISABEL - O sujeito deu tudo onque tinha. 75 cruzeiros!

WERNECK - Onde foi?

ANA ISABEL - Agora eu vou dizer tudo! tudo! Foi em Brasília. Na inauguração. O rapaz trabalhava numa obra. Descalço, imundo!

WERNECK - Silêncio! Vamos ouvir a analisada! (P/ANAN ISABEL). Escuta! (P/os outros). Calem a boca! (P/Ana Isabel). E agora responda Ana Isabel, sem pensar: E qual foi o seu maior michê?!

ANA ISABEL* (Feroz). 250 contos!

WERNECK - (Num humor brutal). 250 contos, ou cruzeiros?

ANA ISABEL - (Esganiçada). Contos! contos! contos! 250 contos!

WERNECK - Pra que tanto, Ana Isabel?

ANA ISABEL* Eu tinha uma conta de 250 contos, na costureira. Então fui ao sujeito e pedi.

II-GRAFINO - Quem é o cretino? o nome do cretino!

ANA ISABEL - (Furiosa). Olha aqui. Vamos parar com esta palhaçada. Ou // então, eu paro e não falo mais.

WERNECK - Não chateia, Alfredinho. Conta! Pode contar Ana Isabel!

ANA ISABEL - (Sofrida). O sujeito disse que dava. E que eu fôsse buscar o cheque no apartamento. Fui, voltei com o cheque de 250 // contos por uma hora. Nem por uma noite. Uma hora! Eu descobri o michê na inauguração de Brasília!

WERNECK - (C/Exaltação selvagem). Outra mulher!

III-GRAFINO * Agora sou eu.

WERNECK - Mulher, rapaz! (P/os outros). Outra coisa. É a seguinte: isto aqui é psicanalise. De galinheiro, mas é. Para mulher, psicanalise é como se fôsse um toque ginecológico sem luva. Outra mulher!

VELHA - (Exaltadíssima). Eu também quero. Preciso falar!

WERNECK - Deita!

VELHA - (Desatinada). Em pé!

WERNECK - Silêncio! (P/a velha). Em pé, vá lá. Começa.

VELHA - (Como uma louca). Meu marido estava morrendo. Eu era mocinha. E adorava meu marido. Foi o meu único amor. Estava morrendo de câncer. Câncer no sangue. No quarto, eu caí com ataque. Meu primo, que aprendia judô, me carregou no colo. Meu marido já estava com o cheiro da morte. Eu chorava, gritava. Meu primo me levou pra o quarto do lado. E de repente, eu tive vontade de de trair. Trair o homem que eu amava. Trair antes que ele morresse. E enquanto ele estava morrendo, eu estava com ele na boca. Eu! Enquanto ele estava morrendo, eu estava com ele na boca. Eu! Enquanto ele estava morrendo, eu estava com ele na boca. Eu!

VELHA - - Enquanto meu marido morria, eu mesma puxava com as duas mãos o decote! abria assim o decote! (VOZES). E o resto, e o resto!

VELHA - (Aos soluços). Eu trai e amava! A saia era justa.

WERNECK - (Tropa no divã). Um momento. Quero dizer o seguinte. Cala a boca! Esse negócio de guerra nuclear. Sei lá se daqui a 15 minutos. 15 minutos, vou levar um foguete russo pela cara. / Estou dando adeus. Adeus a minha classe, ao meu dinheiro. / Estou me despedindo. Posso de repente ser uma Hiroshima. // Hiroshima, eu. Eu, Nagasaki. Portanto, hoje vale tudo! tudo! (Edgar e Peixoto na escada).

EDGARD - Vamos embora!

PEIXOTO - Ele já me viu. Sabe que nós estamos aqui. E não está bêbado. Está lúcido e tem prazer. Prazer que os dois genros vejam. Está representando para nós.

EDGARD - Adeus.

PEIXOTO - Não acabou. Tem mais. Ouve essa. Está ouvindo?

WERNECK - Vocês vão ver um show. É um crime sexual.

I-GRAFINO - O que? o que?

WERNECK - Eu mandei buscar tres mocinhas. Uns anjos meninas de família. Garôtas que não sabem nada. Purinhas. Vêm com os namorados. Estão estourando por aí. E os namorados vão fazer tudo, tudo aqui. Vamos ver um crime sexual, autêntico!

II-GRAFINO - Eu quero uma!

WERNECK - Não te mete, Bingo!

I-GRAFINO - Mas, é curra de verdade?

WERNECK - O negócio é assim. Vamos preparar os namorados. Vamos entupir os namorados de maconha. E aqui, dentro desta sala, eles vão caçar as pequenas.

II-GRAFINO - Mas isso é crime!

WERNECK - Sua bêsta! Ou você não acredita no Poder Econômico?! Vou idenizar, compreendeu. Pai, mãe, as pequenas. Tapo a boca da família, rapaz. O negócio dá em nada.

(Na escada, Edgard e Peixoto).

EDGARD - E nós vamos cruzar os braços;

PEIXOTO - E' com esta família que você vai se casar!

EDGARD - (Desesperado). Não vamos fazer nada?

PEIXOTO - Não. Nada.

EDGARD - Peixoto, escuta. Eu não estou brincando, Peixoto. Se fizeres isto.

PEIXOTO - Espera e verás.

EDGARD - Mas, escuta. Se fizeres isso, eu desço. Juro! Desço e mato esse velho!

PEIXOTO - E o teu casamento? X

EDGARD - Mato! mato! (Muda de tom). Meu casamento?

PEIXOTO - Sim. Com Maria Cecília.

EDGARD - Mas é um crime sexual. Um crime sexual!

Apenas assistir. Apenas olhar!

- VELHA - Meu marido morrendo, e eu traindo. Traindo o único homem que eu amei. (Berra). Quero alguém para me cuspir na cara!
- RITINHA - O senhor, por obsequio. Pelo amor de deus. Quero ir mais depressa. Por favor, o senhor corre. São minhas irmãs. O senhor compreende. E talvez eu não chegue a tempo.
- EDGARD - (Gritando). Eu podia evitar. E fugi. Fugi pra não ver. Enquanto eu não rasgar o cheque, eu sei que vou aceitar tudo, até o fim. Mas, eu saí. Sei que não terei coragem. Não vou rasgar, não vou queimar, nunca!

(Apartamento de Werneck. Ritinha entra).

- AURORA - (Rouca de desespero). Ritinha!
- RITINHA - Larga a menina, Alírio!
- WERNECK - Quem é você?
- RITINHA - Eu sou irmã dessas meninas. São direitas. Juro! Meninas de // família.
- WERNECK - Mas eu pago!
- RITINHA - Pelo amor de Deus. Minhas irmãs são menores.
- RITINHA - (DESESPERADA). Eu fico no lugar, de minhas irmãs. Fico. Se minha
- WERNECK - (Com mais força). Eu pago!
- RITINHA - (Grita também). Se minhas irmãs saírem virgens daqui, vocês podem fazer tudo comigo. O que quiserem tudo!
- WERNECK - Ninguém vai sair daqui. Nem você. Você também vai entrar no // brinquedo.
- RITINHA - (Segurada por Werneck). Velho indecente!
- WERNECK - (Dominando-a e fúria). Sua vaca! Eu estou me despedindo. Estou dando adeus. Adeus as minhas empresas. E' a despedida. Nós vamos morrer. Tudo vai morrer. E você. Você, vai dançar nua! Mas antes me xinga! Me dá na cara!

(CASA DE EDGARD. D. IVETE RECEBE-O DE CAMISOLA).

- D. IVETE - São horas!
- EDGARD - Mamães, não fala comigo, que hoje, ouviu, mamãe? Hoje, eu estou brigando automaticamente.
- D. IVETE - (Dura). Depositou o cheque?
- EDGARD - Nem vou depositar!
- D. IVETE - (Estende a mão). Dá-me esse cheque. Fica comigo. Dá-me Edgard.
- EDGARD - (Recua, trinca os dentes). Se ue depositar o cheque. Se tocar num tostão desse cheque, estou perdido, mamãe.
- D. IVETE - (Desatinada). Esse dinheiro é nosso!
- EDGARD - (Puxa o cheque e o isqueiro). Não venha, mamãe. Eu queimo assim.
- D. IVETE - Meu filho! Sou velha! velha! Tua mãe quer um dinheirinho.
- EDGARD - Mamãe, não fale assim. A senhora parece uma bruxa.
- (EDGARD NÃO TEM CORAGEM DE QUEIMAR O CHEQUE),
- D. IVETE - Meu filhinho. Você não vai fazer isto. Não vai deixar sua mãe na miséria.
- EDGARD - (Desesperado). Eu quero queimar e não posso. Não consigo. Porque o mineiro só é solidário no câncer. Mamãe, o mineiro só é soli-

D.IVETE - (Furiosa). Não repete!

EDGARD - (Recua diante de D.Ivete, c/o cheque numa mão e o isqueiro aceso na outra). O mineiro só é solidário no câncer!

D.IVETE - (Como louca). Chega! Chega! (Tapa os ouvidos).

EDGARD - (C/excitação e perdido de tristeza). A frase do Otto, mamãe. A frase do Otto.

D.IVETE - (Numa maldição). Desgraçado! Igual ao pai! Oh, por que você nasceu! (Rebenta em soluços).

(CASA DE WERNECK. Sozinhos Ritinha e Werneck. Ela sentada no chão, com a blusa em pedaços).

RITINHA - (Soluçando de ódio). Você vai morrer, velho! Vou lhe matar!

WERNECK - (Triste e paciente). Escuta.

RITINHA - (Ofegante). Vou te dar um tiro. Essas meninas, era tudo o que eu tinha na vida.

WERNECK - Quer me ouvir?

RITINHA - (Sem ouvi-lo, falando para si mesma). E eram virgens. Eu caí na putaria para que elas se casassem direitinho. Ao menos elas. (Pondo-se de gatinhas). E vocês! (Enfurecida). Vocês defloraram. (Soluçando). Eu não tenho mais nada na vida!

WERNECK - Eu dou dinheiro. Dinheiro grande!

RITINHA - (Louca de ódio e esgançada). Eu quero minhas irmãs Virgens!

WERNECK - (Berrando). Sua bêsta! Eu te dou as tuas irmãs virgens, pronto! Dou!

RITINHA - (Atônita). Virgens?!

WERNECK - (Furioso). Cala a boca! Mania! (Muda de tom). Eu tenho um médico Médico fabuloso. E faz isso com um pé nas costas.

RITINHA - Isso, o que?

WERNECK - Ganha um dinheirão, o sujeito, restaurando virgindades. êle faz um retoque no local. Uma costurazinha, dá uns pontos. Coisa // à-tôa. E a pequena sai mais virgem do que entrou.

RITINHA - Vocês arrebertaram as minhas irmãs! (Num desespero maior). Vocês arrebertaram as minhas irmãs!

WERNECK - Nada disso. Sangrou porque é natural. E' isso mesmo. Mas olha, A hemorragia já parou. Mandeí levar as tuas irmãs em casa, de automóvel. O médico já foi pra lá. Está lá. Ritinha, quero ser bom com você, com as tuas irmãs. Elas vão se casar. E o marido não vai perceber tostão de coisa nenhuma. Eu me responsabiliso. Na noite do casamento, o negócio vai sangrar até mais. Você vai ver.

(D.Lygia, vestida para dormir à espera do marido. Werneck chega da farra hedionda, saturado de abjeção).

WERNECK - Acordada?

LYGIA - (Doce). Te esperando, meu amor.

WERNECK - (C/Humor triste). Quer dizer que eu sou amor de alguém?

LYGIA - Meu.

WERNECK - Ainda?

LYGIA -

WERNECK - Lygia, eu queria que você me disesse. Dissesse, agora. Neste momento, que eu sou bom.

LYGIA - (C/emoção contida). Você é bom, Heitor.

(Werneck escorrega ao longo do corpo de Lygia, e agarrado as suas pernas repete).

WERNECK - Eu sou bom, Lygia, eu sou bom!

(Edgard e Ritinha em pé na rua, os dois // chupam picolé).

RITINHA - Eu estive com o médico, Edgard. Ele disse. Garantiu. Disse que fica perfeito.

EDGARD - Escuta, Ritinha.

RITINHA - (Radiante). Tirei um peso.

EDGARD - Você acha. Escuta. Acha que interessa virgindade? assim? Assim Ritinha?

RITINHA - (Sem perceber a objeção moral). Mas, o médico, Edgard, disse que o marido não ia perceber, nem ia desconfiar.

EDGARD - Não sei, Ritinha. Sei lá. Mas talvez fôsse melhor. Acho sabe o que? Que a mulher, nestas ocasiões, deve chegar junto do homem e contar. Dizer! aconteceu isto assim, assim. Vê se o cara quer ou não quer. Ritinha, não se faz isso com um homem.

RITINHA - (Sem entender nada). Mas você queria o que? Você acha que casamento na igreja, Edgard, casamento com veu e grinalda. A menina tem que ser virgem! Você como homem não acha bonito uma virgem? não prefere, hen? Diz?.

EDGARD - E'. Bonito. Pode ser. Aliás, tenho que ir embora. Minha noiva está me esperando.

RITINHA - (Sofrida). Ficou triste?

EDGARD - Me diz uma coisa. (IMPULSIVAMENTE). Como é que você suporta esta vida? Tem essa profissão? Sabe que não me entra.

RITINHA - Edgard, eu não me arrependo. Eu tinha que repor o dinheiro. E não me arrependo. Não havia outro jeito. E' por minha mãe, ~~minha~~ minhas irmãs. Eu quero, Edgard, quero casar minhas irmãs.

EDGARD - Quer saber de uma coisa, quer?

RITINHA - Não me acuse meu bem.

EDGARD - Ouve. Era preferível que você se matasse de uma vez!

RITINHA - Deixando minhas irmãs solteiras e minha mãe assim?

EDGARD - Ritinha.

RITINHA - Escuta. Deixa eu falar. Você escreva. Pode escrever. Quando minhas irmãs se casarem. E minha mãe morrer, então, aí sim. Ai eu estarei livre, e vou me matar. Ah, vou! E vou morrer queimada, como essas do jornal. Essas que tocam fogo no vestido. (COM ALEGRIA CRUEL). Quero morer negra!

(Casa de Werneck. Edgard e Ma. Cecilia na sala abraçados).

CECILIA - (Sófrega). Te chamei porque.

EDGARD - Vim correndo.

- CECILIA - Papai e mamãe saíram. As criadas estão lá fora. Tive ~~medo~~, não sei. Medo de ficar sôzinha.
- EDGARD - (C/o desejo começando). Querida!
- CECILIA - (Passando a mão pelo rosto de Edgard). Olha pra mim. Assim. Você ainda pensa que eu não sei beijar?
- EDGARD - E sabe?
- CECILIA - Quer ver como eu te beijo? (BEIJA-O). Sou muito inexperiente?
- EDGARD - Outro.
- CECILIA - Fora de si, beija-o novamente). Eu te adoro! Beija, me beija! (C/euforia cruel). Cadelão! meu Cadelão!
- EDGARD - (Solta-se, atônito). Você me chama de Cadelão!
- CECILIA - Te chamei? De Cadelão? Ando com a cabeça que. Nervossíssima. / Sabe que tôdas as noites eu sonho com o Cadelão? Sonho. Tôdas / as noites. Desculpe. Querido, olha. (Desesperada). Deixa eu te chamar de Cadelão! - (ENFIA OS DEDOS NOS CABELOS DE EDGARD).
- EDGARD - (Soltando-se). Assim não quero!
- CECILIA - (C/ferocidade voluptuosa). Cadelão! - (PEIXOTO APARECE).
- PEIXOTO - Edgard, eu sou Cadelão! Era assim que me chamavam no Colégio. Meu apelido de Colégio!
- CECILIA - (Recuando). Ele vai mentir!
- EDGARD - Peixoto, eu não admito!
- PEIXOTO - (Desatinado). Eu não sou tão canalha, porque vou impedir teu casamento. Larga esta mulher! Edgard! Foge desta casa!
- EDGARD - (Agarra-o pelo paletó). Cala esta boca! Eu te arrevento!
- PEIXOTO - (Aponta p/cunhada). E' a última das cachorras!
- (EDGARD ESBOFETEIA PEIXOTO, QUE CAI LONGE).
- PEIXOTO - Eu não me ofendo mais! nunca, nunca mais! Ela. Ela fez de mim isto!
- CECILIA - (Numa euforia hedionda). Cadelão!
- PEIXOTO - Edgard, eu preciso contar, E você precisa saber!
- EDGARD - (Num berro). Nem mais uma palavra!
- PEIXOTO - Depois eu vou me embora. Saio. Mas primeiro, escuta. Quando / Maria Cecília saiu do colégio, logo depois!
- CECILIA - Mentira!
- PEIXOTO - (Sem ouvi-la). Logo depois. Maria Cecilia leu um jornal da empregada, uma reportagem de curra. Uns caras pegaram uma crioula no Leblon. Fizeram o diabo. Eram cinco. Estou mentindo?
- CECILIA - Cadelão!
- EDGARD - (Desesperado). Continua!
- PEIXOTO - Eu me apaixonei por ela. E ela me dizia: "Eu queria uma curra como aquela do jornal!". Pôs isso na minha cabeça. Então eu catei cinco sujeitos. Paguei, cinco. Custou 50 contos. Ela queria que eu ficasse olhando. Compreendeu, Edgard? Foi ela! Ela que pediu pra ser violada!
- EDGARD - (Desesperado, volta-se p/ela. Segura-a pelos braços.) E' verdade? Responde? E' verdade?
- CECILIA - (Ela não responde!)

- EDGARD - (Furioso). E você me chamou de Cadelão, por que?
- CECILIA - (Desprendendo-se c/violência e recuando, desfigurada pelo ódio).
Ex-contínuo!!
- PEIXOTO - (Tem 17 anos e é mais puta que.) E só sabe amar assim. A única // coisa que a prende a mim é o apelido de Cadelão. Foge desta // mulher! Foge, porque eu não fugirei nunca!
- CECILIA - Não, Edgard, não! - (Tenta agrra-lo. Ele a empurra e corre. Sós Cecília e Peixoto. Ela corre p/ele abraça-o c/volúpia).
- CECILIA - "Cadelão".! (PEIXOTO A EMPURRA). Você me empurra?.
- PEIXOTO - (Olha em volta. Vê uma garrafa. Apanha pelo gargalo e quebra).
- CECILIA - Não! Não!
- PEIXOTO - Eu não mereço viver. Nem você. Vou acabar com a tua cara. Assim!
(Grito de mulher. Peixoto segura Ma.Cecília pelo pulso, torce o braço dela. Projeção no assoalho. Ela e Peixoto, mortos.Rosto de Ma. Cecília destruído e ensanguentado. Música // triste e violenta.) Ritinha no lupanar onde trabalha).
- P/ARARA - Que música é essa?
- RITINHA - Twist.
- P/ARARA - Sabe dançar?
- RITINHA - Um pouco. Quer dizer, mais ou menos.
- P/ARARA - Começa.
- RITINHA - (C/atitudes lascivas). Faz assim, olha.
- P/ARARA - Vamos lá.
- RITINHA - Mexe! Assim. Mexe! (Entra Edgard. Ritinha para a dança).
- P/ARARA - Continua! (EDGARD AVANÇA E PUXA RITINHA PELO BRAÇO).
- P/ARARA - Que é que há meu amigo? A garôta está comigo! Vai dormir comigo!
- EDGARD - Desinfeta!
- P/ARARA - (Pulando pra traz). Eu sou é homem! Matei um, e olhe que.
(RITINHA E EDGARD CORREM. ESTÃO NA CALÇADA).
- EDGARD - (Delirante). Estou só, Ritinha! Não sou mais noivo!
- RITINHA - (Maravilhada). Brigou?
- EDGARD - Olha pra mim. Pra minha cara. Eu sou outro. E quero você!
- RITINHA - Meu bem, você está exaltado!
- EDGARD - Exaltadíssimo! Vou te levar. Vem comigo!
- RITINHA - Pra onde?
- EDGARD - Sei lá. Qualquer lugar! Ou tem medo? Vem!
- RITINHA - Vou.
- EDGARD - Linda!
- RITINHA - (Ofegante). Eu queria tanto ser de um só!
- EDGARD - Está amanhecendo, Ritinha! No mar. Vem ver.
(Os dois caminham pela calçada. Correm na direção do mar. Ele arranca os sapatos. Ritinha também. Atiram os sapatos para o ar. Edgard vai um pouco na frente.)
- RITINHA - Eu não tive.

B 42

- EDGARD - (Na frente). O que?
- RITINHA - Não posso falar alto.
- EDGARD - Grita.
- RITINHA - (Gritando). Nunca tive prazer com homem nenhum! Você vai ser o primeiro! (CHEGAM NA PRAIA).
- EDGARD - Está vendo isto aqui?
- RITINHA - O que?
- EDGARD - (Exaltadíssimo). O cheque! O tal cheque! Dois milhões de cruseiro
- RITINHA - Dois milhões!
- EDGARD - Dois milhões. E vou queimar.
- RITINHA - Escuta.
- EDGARD - Fala.
- RITINHA - E' muito dinheiro. E você não acha que.
- EDGARD - (Contido). Continua.
- RITINHA - (Travada). Vamos viver juntos. E êsse dinehrio.
- EDGARD - Acaba!
- RITINHA - Êste dinheiro pode ser importante para nós.
- EDGARD - Vamos começar sem um tostão. Sem um tostão. E se fôr preciso, um dia, você beberá água da sargeta, comigo. Apanharemos água com as duas mãos. Assim. E beberemos água da sargeta. Entendeu? Agora, olha.
- EDGARD - (Acende o isqueiro e queima o cheque até o fim). Está morrendo! Morreu! A frase do Ottop!
- {Os dois caminham de mãos dadas, em silêncio.
Slide, o amanhecer no mar}.
- RITINHA - Olha o sol!!
- EDGARD - O sol! Eu não sabia que o sol era assim! O Sol!

Fim da Peça
Bonitos, mas conclusivos
de Nelson Rodrigues
Texto de Inuados UNIDOS
NATAL - RN

Diretor Responsável:
Jeferson Gomes do



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: "BONITINHA, MAS ORDINÁRIA"

Nome do Autor: NELSON RODRIGUES

Nome do Tradutor:

Gênero: DRAMA -

Entrecho: A PEÇA ESTÁ ESCRITA DENTRO DO ESTILO DA LITERATURA DE ESCÂNDALO, DESNUDANDO SEUS PERSONAGENS PARTINDO DO PRINCÍPIO DE QUE TODA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA É HIPOCRITA COM RELAÇÃO AOS PRINCÍPIOS MORAIS VIGENTES. O AUTOR, CONFORME CRÍTICA DE ANTONIO OLINTO, ACHA QUE NENHUM É PURO NO MUNDO, E QUE O HOMEM AINDA NUNCA ESTÁ COMPLETO NEM PERFEITO.

NO PRESENTE TEXTO, UMA TRAMA SORDIDA ENVOLVE PAI, MÃE, FILHAS, GENRO, NOIVO, ETC. COM EXPRESSÕES VULGARES, E DE BAIXO CALÃO, CONFORME ASSINALAMOS NO TEXTO; AS PG. 13, 15 TO; PG. 4, 8, 9, 14 E 17 DO III ATO.

TRATA-SE, CONTUDO, DE PEÇA JÁ REPRESENTADA, (NÃO SEI) SE, COM Apreciação moral CORTES DAS EXPRESSÕES DE BAIXO CALÃO E, TAMBÉM, LEVADO AO CINEMA, COM A MESMA REALIDADE QUE O TEXTO ASSINALA.

DENTRO DESSA PROBLEMÁTICA, É QUE SOMOS LEVADOS A DECIDIR. A PEÇA, A POSSO VER, TEM MENSAGEM ALTAMENTE POSITIVA, COM A RECUPERAÇÃO DOS DOIS PERSONAGENS CENTRAIS, DENTRO DO MAR DE LAMA EM QUE SÃO COMPELIDOS A VIVER, NÃO POR VONTADE PRÓPRIAS, MAS PELAS CIRCUNSTÂNCIAS DO MUNDO EM QUE VIVEM. E AÍ, É QUE RESIDE O DETALHE IMPORTANTE E POSITIVO DA PEÇA, QUE DESNUDA SEM PEIORS TONS, UM MUNDO BEM PRÓXIMO A NÓS.

Observações: A PEÇA PODERIA SER LIBERADA PARA MAIORES DE 18 ANOS APÓS EXAME DO ENSAIO GERAL PARA AQUILATAR O EFEITO DE ALGUMAS MARCAS, ENTRETANTO, SOLICITO SEJA LIDA POR OUTRO CENSOR, PARA UMA AVALIAÇÃO MAIS POSITIVA. INDICO, TAMBÉM, A SUPRESSÃO DOS TERMOS DE BAIXO CALÃO QUE ASSINALAMOS

Classificação final:

Brasília-DF, em 20 de Setembro de 1968
Censor Federal - matrícula n. 2095858

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Madura, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA:

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA

AUTOR:

Nelson Rodrigues

RESTRIÇÃO SUGERIDA:

18 (dezoito) anos - publicidade de no cinema do Emissor Geral.

OBS.

Em

21/9/68

Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em

CHEFE DO SCDF



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: Bonitinha, mas ordinária ::::

Nome do Autor: Nelson Rodrigues ::::

Nome do Tradutor: _____

Gênero: Drama ::::

Entrecho: Conflitos morais em torno do problema sexual envolvendo o aliciamento da honestidade pela qual trilha um jovem que é convidado a negociar a sua honradez, aceitando casar-se com a filha de um milionário que fôra currada. ::::

APRECIACÃO MORAL: A literatura mundial está recheada de escritores incisivos e violentos, que não fazem rodeios para suavizar o que pretendem expressar. Dentre alguns, lembramo-nos, no momento de Tennessee Williams, Gil Vicente, José Maria DuBocage. A peça aqui focalizada aborda uma temática bivalente: sociedade e moralidade. Em determinados momentos atinge vibrante intensidade, como se pode observar nas fls. 13 (E você um filho da puta. Seu filho da puta); 38 (eu caí na puta-puta), 40 (Tem 17 anos e é mais puta que). Há, ainda, uma explosão em que brada (fls. 33 - vá pra merda! Peixoto, vá à merda). Todas essas manifestações, a meu vêr, situam o ambiente em que a trama se desenvolve, transmitindo ao espectador uma agressividade realista. Existem, porém, duas marcações que reclamam a visualização dos recursos que o Diretor usará: fls. 32, quando Ritinha desnuda o seio e o velho avança e a agarra, e fls. 28, quando é armada uma curra que fica a cargo do diretor. De modo geral, dentro de meu ponto de vista, a peça, em princípio, poderá ser liberada integralmente, sem observações, cortes, para maiores de 18 (dezoito) anos, RESSALVADAS as marcações apontadas, que só poderão ser avaliadas com a apresentação do ensaio-geral cuja dispensa, contudo, poderá ser determinada pela Chefia do SCDP que, assim, assumirá, com a autoridade que lhe compete, a responsabilidade da moderação ou abuso que se registrar nessas passagens. Este é o meu parecer, que submeto a consideração superior.:

Classificação final: (Pelo Escrito, com a RESSALVA das Marcações) - Impróprio para menores de 18 (DEZOITO) ANOS e TELEVISÃO. ::::

Brasília-DF. em 28 de setembro de 1968

Censor Federal - matrícula n. 1.282.938
Carlos Lúcio

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Comar Bruno, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: RESTITUIÇÃO DAS ORDINAÇÃES

AUTOR: Nelson Rodrigues

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (dezoito) anos e TV. Censurada
mas no exame do Tribunal Geral.

OBS.

Em 20/9/68

[Assinatura]
Chefe da TCTC

VISTO:

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em

Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor com observações expressas do Enunciado Geral sobre
relatadas a este chefe. Após o Relatório ser
remitido o certificado.

[Assinatura]
CHEFE DO SCDP

OFÍCIO Nº 356/68-SCDP.

2 de outubro de 1968.

: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

: Senhor Subdelegado Regional do DPF/RN

: Solicitação (faz)

Senhor Subdelegado Regional,

Vimos pelo presente solicitar de Vossa Senhoria as providências necessárias no sentido de que seja assistido o ENSAIO-GERAL da peça teatral "BONITINHA, MAS ORDINÁRIA", de autoria de Nelson Rodrigues, encaminhando-se - com urgência - relatório a respeito, a esta Chefia, a fim de que possamos, baseados no citado relatório, expedir o competente certificado liberatório.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria votos de estima e consideração.

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Chefe do SCDP.

Ilmo. Senhor

Subdelegado Regional do DPF

NATAL - RN.



D. F. S. P.	
054663	22 OUT 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

~~DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA~~
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL / SUBDELEGACIA REGIONAL-RN

OFÍCIO Nº 797/68- SDR/RN

Em 17-outubro-1968

Do Subdelegado Regional da Polícia Federal-RN

Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas

Assunto Informação (prestada)

*Ciente e
 providas as
 respectivas
 providências*

Senhor Chefe:

Em resposta ao Ofício nº 356/68, cumpre-me informar que o sr. JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO, Diretor do Grupo Teatro de / Amadores Unidos, solicitante, aqui compareceu informando que a peça "Bonitinha Mais Ordinária" de autoria de Nelson Rodrigues, cujos / originais encontra-se nesse Serviço, foi adiada sua exibição nesta capital para o mês de março de 1969, data, em que se realizaria o ensaio geral.

Face ao exposto, esta Subdelegacia sómente na data mencionada poderá atender as suas determinações.

Renovamos a V.Sa. protestos de estima e distinta / consideração.

Noel Romualdo do N. Cristiano

Bel: NOEL ROMUALDO DO N. CRISTIANO

Respondendo pelo expediente

SRA. - DA. - D. F. S. P.

EUBI - 122/10 1968 AS 13 23

NRNC/abb.

CARTELA DE RECEBIMENTO (SSEB)

TEATRO DE AMADORES UNIDOS

Diretor Responsável - Jesiel Maciel de Figueirêdo
NATAL - RIO GRANDE DO NORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p. 57

Prezado senhor :

Tomo a liberdade de escrever-lhe mais uma vez, a respeito de nosso movimento teatral e de nossos problemas com a CENSURA FEDERAL.

O ensaio exigido pelo prezado colaborador, da peça BONITINHA, MAS ORDINARIA, de Nelson Rodrigues, não será realizado agora conforme seu pedido, devido a peça ter sido adiada para o mês de Março do próximo ano, quando regressarei da França onde estarei a partir da próxima semana desfrutando uma Bolsa de Estudos que me foi outorgada pelo trabalho realizado no V FESTIVAL NACIONAL DE TEATROS DE ESTUDANTES, no Rio de Janeiro, com a peça CALIGULA, de Albert Camus.

Outro assunto que tomo a liberdade de focalizar é a situação político-social do grupo. Temos realizado em Natal e fóra de nossas fronteiras, um trabalho reapeitável de TEATRO ARTE, sem nunca no envolver em agitações ou coisas parecidas, pois o nosso interesse é simplesmente fazer Teatro como Arte Maior. Apelando para a compreensão do amigo (acho que já devo chamá-lo assim) pediria que a peça de Nelson que se encontra em pauta fosse liberada para representação - com o foi no Rio e em São Paulo alguns anos atrás:- para Menores de 18 anos, sem ~~ser~~ necessário a realização do citado ensaio, pois isso somente virá atrasar o pessoal da Sociedade Beneficente que ficará vendendo a estréia para ~~x~~ quando se realizar a minha volta em Março próximo.

De volta da França, terei ~~apenas~~ dez dias para ensaiar e montar a peça visto estar programada para dia 15 de Março.

Seria uma deferência de sua ~~parte~~ e somente com o Certificado liberatório e Texto Carimbado, os responsáveis ~~da~~ venda se sentirão seguros em efetua-la.

Certos de que não lhe criaremos nenhum embaraço - como não temos criado - confiamos mais uma vez na sua boa vontade .

Segue um programa de espetáculo do grupo, que lhe dará a ~~xx~~ idéia do repertório que montamos sempre.

Atenciosamente, *Jesiel Maciel de Figueirêdo*

16/10/68



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p.58

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 621/68



PEÇA - / BONITINHA, MAS ORDINÁRIA / -

ORIGINAL DE NELSON RODRIGUES

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 25 de OUTUBRO de 19 69

Brasília, 25 de OUTUBRO de 19 68

IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS E
PARA TELEVISÃO

Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p. 59

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 19, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - **BONITINHA, MAS ORDINÁRIA** -

Original de NELSON RODRIGUES.

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DE AMADORES UNIDOS.

Tendo sido censurada em 21 de OUTUBRO de 19 68 e recebido

a seguinte classificação: **IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS E TV.**

- .CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL .-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 25 de OUTUBRO de 19 68

JOSE SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Memº 670/68-SCDP

Em, 31 de outubro de 1968

Do: Chefe do SCDP
Ao: Subdelegado do DPF / RN
Assunto: Peça teatral (ENCAMINHA)

Senhor Subdelegado:

Em anexo, encaminho a V. Sª a peça teatral " BONITINHA MAS ORDINÁRIA" original de Nelson Rodrigues, cujos certificados liberatórios somente deverão ser entregues ao interessado, Sr. JESIEL FIGUEIREDO- Teatro de Amadores Unidos, após o exame do Ensaio Geral e remessa de relatório a respeito, a este SCDP.

Atenciosamente,

Aloysio Müllethaler de Souza
ALOYSIO MÜLLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP

P.408



REPÚBLICA DO BRASIL

REGISTRO ~~582/68 L.I. P.10~~

TITULO: BONITINHA MAS ORDINARIA

CENSOR:

AUTOR: NELSON RODRIGUES

RESTRIÇÃO:

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Proc. n.

Sr. Chefe do SCDP:

Encaminhamento: "BONITINHA MAS ORDINÁRIA" — Nelson Rodrigues

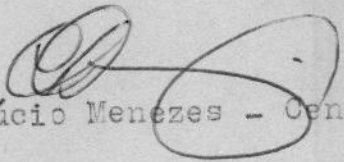
Jesiel Maciel Figueirêdo, Presidente do Teatro de Amadores Unidos, de Natal, quer/ liberação da peça.

Enviou, contudo, apenas um exemplar para este SCDP, e o original citado está em desacôrdo com o art. 44, do Decreto 20.493/46 (emendas, rasuras e borrões).

Isto pôsto, proponho Indeferimento e Arquivamento do processo em tela, dando-se ciência ao interessado.

A consideração superior.

DF. 23.maio.1968

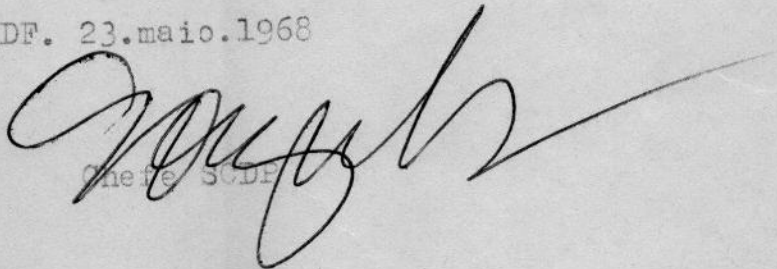

Carlos Lúcio Menezes — Censor Federal

++++++

DESPACHO

De acôrdo.

DF. 23.maio.1968


Chefe SCDP

Sr. Chefe da Turma de Censura Federal no Rio Grande do Norte

JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO, Presidente

Nome

cargo

Responsável pelo(a) TEATRO DE AMADORES UNIDOS, situado à~~xxx~~ Teatro Alberto Maranhão α bairro Ribeira - NATAL

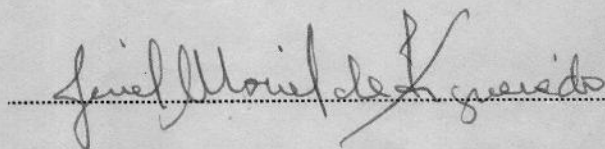
vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa., a aprovação e a liberação

do(a) Peça BONITINHA MAS ORDINÁRIA de Nelson Rodrigues, conforme determina o

Decreto n. 1.023, de 17 de maio de 1962.

Têrmos em que,

P. deferimento

Natal, 13 de Maio de 1968

OBS.: Os originais enviados estão com anotações dos Roteiros de Direção e respectivas anotações em virtude de não se encontrar outros exemplares no comércio local.

Ministério da Justiça	
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL	
SUB-DE-RECECA	
NATAL - Rio Grande do Norte	
PROTOCOLO	
Nº. 708/68	Fis. 016
Natal 13 de maio	de 1968
O recebedor	Lima



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p.64

Direitos de Representação

Autorização Nº 209638

Teatro Amadores de Natal

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

Ronitinha nas Ordinações

Original de *Nelson Rodrigues*

Música de

Tradução de

No Teatro *Alberici Maranhães* Cidade *Natal*

nos dias *15 Junho e Julho 1968*

sob as condições de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de *R\$ 1/2 Salário* por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

J. G. G. G.
(pela SBAT)

Isenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissantes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.



POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0209, 1ª 66

CONT JOÃO FREDERICO ABBOTT GALVÃO
SUBDELEGADO REGIONAL DO DPF/RN
ED ALFÂNDEGA - 1º ANDAR - RIBEIRA - NATAL

180 23 5 68

ENCAREÇO INFORMAR SENHOR JESIEL MACIEL FIGUEIRÊDO
VG PRESIDENTE TEATRO AMADORES UNIDOS VG NATAL VG INDEFERIMENTO
ET ARQUIVAMENTO PEÇA "BONITINHA MAS ORDINÁRIA" VG ENCAMINHADA
ÊSTE SCDP VG VIRTUDE ESTAR DESACÔRDO COM ARTIGO 44 VG DECRE
TO 20493/46 PT SDS MANOEL FELIPE SOUZA LEÃO NETO - CHEFE
SCDP

Arquivo

PROC.-	408
LIV.-	01
PAG.-	09
REG.-	282

MJ - DPF - DCDP	
ARQUIVO	
N.º PROT. COLO:	048.566
PRACA:	SÃO PAULO - SP
JÁ LIBERADA:	Sim
IMPROPRIEDADE:	18
N.º CERTIFICADO:	282
TÉRMINO VALIDADE	1 / 19

BONITINHA MAS ORDINÁRIA

OU

OTTO LARA REZENDE

NELSON RODRIGUE

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

SALE-DFP - SRA/BSB

- 3 SET 00 16 22 048566

BRASILIARECEBIDO POR *Ref*

EU João Roberto Simões
Residente a Rua (Av.) Amaral Gurgel
N.º 164 Apfo. Estado Civil Solteiro
venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar
a Peça: BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA REZENDE
Aforia de: NELSON RODRIGUES
Trad. (Adap.) -
Que será representada a partir do dia 8 / Novembro / 1973
na Cidade São Paulo Estado São Paulo
pelo Grupo ou Empresa PAIOL-TEATRO & ARTES S/C LTDA.
com Cobrança de Ingressos.
Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.
& Autorização da SBAT N.º

Nos referidos termos

D. deferimento

João Roberto Simões
JOÃO ROBERTO SIMÕES



01/00

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO

~~Rio de Janeiro~~, 27 de AGOSTO

de 1973

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE
APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA
EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,

para fins de CENSURA (-3-) cópias da peça:

"BONITINHA MAS ORDINÁRIA" OU "OTTO LARA REZENDE"

DE: NELSON RODRIGUES

próxima apresentação da PAIOL-TEATRO & ARTES S/C LTDA

no Teatro PAIOL

com estréia marcada para o dia 8 de NOVEMBRO DE 1973

Sem outro assunto, subscrevo-me, com a maior

consideração,

A PRESENTE AUTORIZAÇÃO SERVE
APENAS E EXCLUSIVAMENTE PARA
EFEITO DE CENSURA DE PEÇA.

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS

★ 27 AGO 1973 ★
SUCURSAL SÃO PAULO

Visto: Djalma Bittencourt
Superintendente



TRANSFILM

MATRIZ - RUA MARQUÊS DE ITÚ, 88 - LOJA 3
SÃO PAULO - SP.

CONHECIMENTO

Nº 6531

De: S. Paulo Para: Brasília - D.F. Data: 27 / 8 / 7

Remet. Paol. Teatro & Art

End. S. Paulo - Capital

Cidade Tel.

Local de Cobrança

Dest. Dptº Cons urna Federal

End. RJ. R.S'D.E. 4º

Cidade Brasília Tel.

Nota Fiscal N.º snf

Quantidade	Espécie	Pêso	Natureza da Mercadoria Diz - Conter	Valor Segurado
01	pat	1.000	imp	Cr\$ svd

CÁLCULO

Frete Cr\$ 16.00

Taxa Domicílio « 2.00

Ad. Valorem « 1.00

« 1.00

TOTAL Cr\$ 20.00

linhares

Funcionário Emissor

Remetente

BS.

O REMETENTE DECLARA ESTAR DE PLENO ACÔRDO COM TODAS AS CONDIÇÕES CONSTANTES NO VERSO DÊSTE CONHECIMENTO
NÃO SE TRATA DE CORRESPONDÊNCIA

a Via Destinatário

TEATRO

TÍTULO BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU
OTTO LARA REZENDE

1) S. ARQUIVO

Documentação Em OrdemClas. Anterior 18 anosPraça SÃO PAULO. SP

Obs.: _____

DF. 4/9/73_____
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Le avião, na
forma do despacho
do Sr. Urye da
S.C.T.C.

04.X.73

Também.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Bernardo

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de 05/09/73 a 10/09/73DF. 05/09/73_____
Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com os pareceres 7897, 8434 e 8435/73. Emita-se os certificados aos com impropriedade para menores de 18 anos, com exceção das páginas 15, 19, 25, 29, 30, 33, 41, 42, 43, 44, 45 e 46, condicionando os, entretanto, ao ensaio geral.

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SCT/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 4/10/73_____
Rogério Nunes

sendo em vista das tratativas
e de confronto, e sem de nota
censura, uma vez que a pre-
sente peça está com o seu
certificado em validade, a
qual se há muito se exten-
diu, reprograma-se pa-
ra mais dois técnicos de
censura.

F. V. de Azevedo
20779
m

F. V. DE AZEVEDO N. T. O
Chefe de S. C. T. C. / D. C. P.

Chefe de S. C. T. C. / D. C. P.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de

DF. 1971

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 1971

Procedimento



BR DFANBSB NS.CPR.TEAT.FEIO 44-43

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 7897 / 73

Título: " BONITINHA, MAS ORDINÁRIA "

Classificação Etária: DEZOITO ANOS

Espécie: Peça Teatral Com cortes: SIM

Boa Qualidade: xxx Livre P/Exportação: xxx

Dublado: xxx Legendado: xxx

Vedada a Exploração Comercial: NÃO

Cenas: Condicionadas ao ensaio geral.

Época: Atual Gênero: Drama

Linguagem: Comum, vulgar, de baixo calão, agressiva.

Tema: Psico-social.

Personagem: Desajustados, levianos, ingênuos, desonestos, simples.

Mensagem: Negativa com desfecho positivo.

Enredo: Drama sórdido entorno da problemática moral e sexual, envolvendo pai, mãe, filhos, genro e noivo, etc., e as circunstâncias deprimentes do mundo em que são compelidos a viverem.

1 - Cortes: Às pag. 15, 29, 40, 46, 49.

2 - Conclusão: Mais de uma vez a peça ^{em}alusão foi submetida a exame censório. Trata-se, na oportunidade, de um confronto, acusando perfeita identificação com o original. Sugiro, portanto, seja mantida a impropriedade para maiores de dezoito anos, desde que observados os cortes indicados.

Brasília, 18 de setembro de 1973.

Maria Bemvinda Bezerra
Maria Bemvinda Bezerra.

DPF-507



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209/p.49

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Parecer Nº 8434/18

Título: "BONITINHA MAS ORDINÁRIA"

Classificação Etária: 18 (dezoito) anos. Cond. a rigoroso exame do ensaio geral.

Espécie: Peça teatral Com cortes: Sim

Boa Qualidade: - Livre P/Exportação: -

Dublado: - Legendado: -

Vedada a Exploração Comercial: Não

Cenas: A serem apreciadas e liberadas após o exame do ensaio geral.

Época: Atual Gênero: Drama

Linguagem: Vulgar, com uso de palavras de baixo calão.

Tema: Social.

Personagem: Amorais e pervertidos.

Mensagem: Negativa.

Enredo: Um rapaz, de duvidosas qualidades morais, se vê entre escolher casar-se com filha de família discutível, abastada e pervertida e outra, bonita como a primeira, também ordinária, mas de poucos recursos. Optando pela última, faz com que ela deixe sua vida irregular e se propõe a ficar com ela.

1 - Cortes: Partes assinaladas às págs. 15, 19, 29, 30, 33, 41, 42, 43, 44, 45 e 46. Principamente as cenas diretamente ligadas aos cortes referidos.

2 - Conclusão: O autor já é de muito conhecido pelo excesso de realismo de seus trabalhos. Este que agora é apreciado, não foge à sua característica, onde são retratadas, retratadas várias facetas inconfessáveis da anormalidade humana. Entretanto, a final, o que é repugnante não é aceito, o que atenua de certa forma o seu impacto. Dessa forma, sou pela liberação com impropriedade.

DPF-507

"BOM DIA, MAS ORDINÁRIO"

Continuação.

impropriedade para menores de 18 anos, condicionada a rigoroso exame do ensaio geral.

Brasília, 28 de setembro de 1973.

Reginaldo O. de Castro

Não

A série apresentada e liberada após o exame do ensaio geral.

Grma

Atual

Vulgar, com uso de palavras de baixo calão.

Social.

Amor e pervertidos.

Negativo.

Um rapaz, de dúvidas e qualidades morais, se vê entre escolher casar-se com filha de família discutida, ou, apastada e pervertida e outra, bonita como a primeira, também ordinária, mas de poucas recursos. O rapaz de pais ricos, faz com que ele deixe sua vida livre e se propõe a ficar com ela.

Partes assinaladas às págs. 12, 13, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45 e 46. Principalmente

as cenas diretamente ligadas aos temas re-

feridos. O autor já é de muito conhecido pelo excesso de realismo de suas histórias. Esta que agora é apresentada, não foge à sua característica, onde são retratadas, retratadas várias situações inconcebíveis de amor e paixão humana. Entretanto, a final, o que é importante, não é o amor, mas a forma de como se dá o amor. O amor, nessa forma, não é a libertação, mas a libertação com libertação.



Parecer Nº 8435/73

Título: "BONITINHA MAS ORDINÁRIA"

Classificação Etária: 18 Anos Com Cortes.

Espécie: Peça Teatral. Com cortes: Sim

Boa Qualidade: - Livre P/Exportação: -

Dublado: XXXXXX Legendado: XXXXXX

Vedada a Exploração Comercial: XXXXXX

Cenas: Subordinadas a rigoroso ensaio geral, observando-se que não sejam apresentadas as cenas de violência extrema.

Época: Atual. Gênero: Drama social.

Linguagem: Vulgar, com palavreado de baixo calão.

Tema: Psicossocial.

Personagem: Homossexual, psicopata, prostituta, adúlteras, /
inocentes vítimas.

Mensagem: Negativa.

Enredo: Homem de princípios morais duvidosos, encontra-se indeciso entre casar-se com uma jovem de família abastada, decadente e ordinária e outra, de família pobre / mas ordinária por necessidade. Descobrendo toda a podridão trazida pela riqueza desiste da jovem rica preferindo o amor verdadeiro da outra.

1 - Cortes: Assinalados nas páginas: 15, 19, 25, 29, 30, 33, 41, 42, 43, 44, 46.

2 - Conclusão: A peça examinada contém enredo altamente pornográfico, amoral, prejudicial e ofensiva ao público situado abaixo de 18 anos. Pelo exposto, sugerimos a liberação com impropriedade para menores de 18 anos.

Brasília, 28 de setembro de 1973

Therézinha de T. Neves
Therézinha de T. Neves. DPF-507

EDGARD - (PÕE-SE DE PÉ) Vou falar, sim!

DR. HEITOR WERNECK - Mas senta!

EDGARD - Escuta aqui. E você também, Peixoto. (PARA WERNECK) Você. Você não é doutor, não. E você. Olha! Eu não vou me casar com sua filha. Não vou, não! E saio do emprêgo. Você enfie os 11 anos, a estabilidade! E fique sabendo. Sou em ex-contínuo. E você um filho da puta! (NUM BERRO MAIOR) Seu filho da puta!

↑ corte

FIM DO 1º ATO

COM CORTES

MARIA CECÍLIA - Ficou e deixa eu falar.

EDGARD - O que eu não quero é ser grã-fino, em hipótese nenhuma.

MARIA CECÍLIA - Vou te dizer uma coisa.

EDGARD - Nunca!

MARIA CECÍLIA - Deixa eu falar? P'ra mim, eu acho que dá charme.

P'ra mim, dá. Você ter sido contínuo. Eu me lembro quando eu era garôtinha. Você ia lá em casa. Uma vez, levou um ca chorrinho numa cesta. Eu olhava p'ra você e você nem. Uma vez você almoçou na cozinha. Você usava uniforme caqui.

EDGARD - (NO SEU RESSENTIMENTO) Uniforme caqui.

MARIA CECÍLIA - (VIVAMENTE) Você se ofendeu ?

EDGARD - Por que ?

MARIA CECÍLIA - Mas lindo, tão lindo ser esposa de um ex-contínuo.

Ex-contínuo. É gostoso. Acho. (MARIA CECÍLIA APANHA ENTRE AS MÃOS O ROSTO DE EDGARD) (BAIXO E SOFRIDA, COM CERTO ~~XX~~ VOLUPTUOSIDADE) Contínuo. X

CENA II

NAMÔRO DE ALÍRIO COM AURORA NA CASA DE RITINHA. DURANTE A CENA, D. BERTA FICA CAMINHANDO PARA TRÁS, DE UM LADO PARA OUTRO. COMO UM DE LIQUENTE JUVENIL, O RAPAZ BRINCA COM UM CANIVETE AMERICANO. SUA DI VERSÃO É PROVOCAR O JATO DA LÂMINA. E, DE VEZ EM QUANDO FALA.

ALÍRIO - (VOLUPTUOSO E CÍNICO) Quando eu soube que ia haver um concurso de twist, já sabe. Fomos lá, eu e a turna de Ge neral Glicério.

AURORA - Você ganhou?

ALÍRIO - (DANDO UM PASSO DE DANÇA) Barbarizei!

AURORA - Teve prêmio ?

ALÍRIO - (SEMPRE DANÇANDO) Um isqueiro legal ! (ALÍRIO PUXA O ISQUEIRO)

AURORA - Seu nascarado!

SÚBITO, ALÍRIO DÁ, COM O CANIVETE, UM GOLPE DE BAIXO PARA CIMA.

AURORA - (PULANDO PARA TRÁS) Essas brincadeiras comigo!

ALÍRIO - (NUMA ALEGRIA MALÍGNA) Quase!

AURORA - Não brinca assim, que eu não gosto!

ALÍRIO CONTINUA RISCANDO O AR COM O CANIVETE.

NADIR - Você tinha coragem de matar Aurora?

ALÍRIO - (FICHANDO A LÂMINA) Se tinha? Olha (SUBITAMENTE GRAVE) Eu sei que, um dia. (TRISTE, QUASE DOCE) Um dia, vou matar al guem. Não sei quem. Alguem (DEBOCHANDO) Vou te rasgar, Au rora. Enfió assim e te rasgo até en cina.

AURORA - Você é um chato!

ALÍRIO - (ALÍRIO EMBOLSA O CANIVETE) E E como é ?

AURORA - Como é o que ? X

COM CORTES

TEREZA - Ou você pensava que fôsse o que?(DESAFORADA) Dôr de cor
no, sin!(QUEBRADA) Mas você nem sabe o que é isso. Você
não gosta de ninguém. É incapaz. Você já gostou de alguem? X

PEIXOTO - (SUBITAMENTE GRAVE E TRISTE) Eu gosto de alguem.

TEREZA - (FEROZ) Duvido!

PEIXOTO - (DESESPERADO) Gosto!

TEREZA - Mentira!

PEIXOTO - (QUASE CHORANDO) Juro! Gosto de uma mulher. Uma mulher
que é pior do que você! Mais suja do que você. Em ano es
sa mulher.

COM CORTES

TEREZA - (INCISIVA) Duvido!

PEIXOTO - (NUM SOLUÇO) Ano!

TEREZA - Você é igual a êsse Edgard. É outro. Não gosta da Maria
Cecília!(COM ESGAR DE NOJO) Vocês, puxa. São todos ~~igu~~
iguais. Não escapa um.

PEIXOTO - (CONTROLA O PRÓPRIO ÓDIO. AJEITA O COLARINHO) E aquele
dinheiro?

TEREZA - (ATÔNITA) Que dinheiro?

PEIXOTO - Do automóvel. O novo automóvel.

TEREZA - (AINDA SENTIDA, SARDÔNICA) Ah, você quer mais dinheiro?

PEIXOTO - Fiquei de levar o cheque amanhã de manhã.

TEREZA - (NUM RISO FALSO) Mais dinheiro, hen?(E SÚBITO, TEM UMA
EXPLOÇÃO DE DEUSA) Não leva um tostão! Um tostão! um
níquel não leva! X

CENA VI

FUSÃO COM A ESCOLA DO COLÉGIO DE RITINHA NA TELA, A MOÇA COM AS
CRIANÇAS. RITINHA APARECE. JEEP, COM EDGARD. A MOÇA CAMINHA EM DIRE
ÇÃO OPOSTA À DO JEEP. EDGARD MOVIMENTA O CARRO EM SUA DIREÇÃO.

EDGARD - Ritinha!

RITINHA - (EM PÂNICO) Pelo amor de Deus!

EDGARD - Quer uma carona?

RITINHA - (OLHANDO EM TÔRNO, APAVORADA) Você está maluco?

EDGARD - Entra aqui!

RITINHA - Vai embora!

EDGARD - Ritinha, entra!

RITINHA - (DESESPERADA) Oh, meu Deus!

EDGARD - Depressa!

DESESPERADA, RITINHA OBEDECE E SOBE NO JEEP.

RITINHA - Você é um chato!

EDGARD - Calma!

RITINHA - Eu não posso ser vista! Compreende isso!

EDGARD - Escuta.

RITINHA - Caso sério. X

TERCEIRO ATOCENA I

PALÁCIO DO DR. WERNECK. ESTE JOGA CARTAS COM D. LÍGIA. DR. WERNECK FA-
LA COM IRRITAÇÃO E PENA.

WERNECK - Fala! Lígia, não perde tempo.

D. LÍGIA - Você se faz de mau!

WERNECK - (QUE, AO MESMO TEMPO, PRESTA ATENÇÃO ÀS CARTAS) Toca o
bonde! Toca o bonde!

D. LÍGIA - Querê un casamento simples.

WERNECK - (TIRANDO UMA CARTA) Pinóia! Oito de paus!

D. LÍGIA - (CONTINUANDO) Cerinônia íntina. Civil e religioso; en ca-
sa.

WERNECK - (ATENTO ÀS CARTAS) (COM HUMOR FERÓZ) Quer dizer que vo-
cê ne acha bon ?

D. LÍGIA - (COM CERTA IMPACIÊNCIA) Está ouvindo, Heitor?

WERNECK - Sei. Casamento simples.

D. LÍGIA - E sen vestido de noiva.

WERNECK - (OLHANDO A CARTA) Valete. (MUDANDO DE TOM) Sen vestido
de noiva por que ?

D. LÍGIA - Ora, Heitor!

WERNECK - Mas claro!

D. LÍGIA - Depois do que houve não seria decente!

WERNECK - Mas ninguem sabe!

D. LÍGIA - Deus sabe!

WERNECK - Deus não se nete. Aquêlê nédico, aquêlê. Resolvía a situa-
ção. Mas ~~você pensa que toda noiva é cabaco.~~ — corte

D. LÍGIA - Essas expressões!

WERNECK - Você sempre com essa mania de ser honesta. Ninguem é ho-
nesto. (COM HUMOR FERÓZ) Você é a última honestidade
que eu conheci! Hoje, já se reconstitui a virgindade. Você
não quer, paciência. Mas êsse Edgard.

D. LÍGIA - (INTERROMPENDO) Bon nenino!

WERNECK - (COM SARCASMO) Bon nenino! (MUDA DE TOM) Outro dia, eu
soube que êsse sujeito

D. LÍGIA - (ESCANDALIZADA) Heitor!

WERNECK - Sujeito sin. Êsse sujeito tonou un porre. Deu show. E ne
contaran que êle berrava. Ouve, Lígia. Berrava: — "O ninei-
ro só é solidário no câncer". Una bêsta! un pulha!

D. LÍGIA - É o seu genro! Heitor!

WERNECK - (FURIOSO) Está ben. Não quer vestido de noiva? Que mais ?

D. LÍGIA - Heitor, vou lhe pedir un favor. Pelo amor de Deus, não re-
pita mais. Essa frase! A frase do nineiro!

WERNECK - Vá lá! Vá lá!

- D.LÍGIA - Heitor, eu tenho a impressão que vou morrer breve. Não du-ro muito.
- WERNECK - (COM JOCUNDA FEROCIDADE) Vai chorar outra vez ?
- D.LÍGIA - (ARREBATADA) Vou! Vou chorar! Graças a Deus ainda choro! Ainda sei chorar! E o seu mal é que você não chora! (COM MAIS FÔRÇA) Você devia chorar!
- WERNECK - (NUM RISO CRUEL) Boa piada!
- D.LÍGIA - Heitor! Antes de morrer, quero ver minha filha casada. Quero saber que minha filha é uma menina igual às outras. Igual a todo mundo. Normal. Graças a Deus, Tereza é feliz no casamento. Quero que Maria Cecília seja feliz como Te-reza! X 9. ? py. II ato

CENA II

NA TELA, DETALHE DO ITANHANGÁ. AO FUNDO UM MATCH DE PÓLO. EDGARD NA CÉRCA. PEIXOTO VEM POR DETRÁS BATE-LHE NAS COSTAS.

- PEIXOTO - Olá, nineiro!
- EDGARD - Que piada é essa ?
- PEIXOTO - Não sei, nas bebi, ali, um negócio. Não almocei, estô nago va-zio e estou achando todo mundo com cara do Alkmín. Escuta. Como vai a frase do Otto ?
- EDGARD - Muda de chapa!
- PEIXOTO - (COM HUMOR FERÓZ) Mas espera lá! A frase do Otto é uma pronção tua!
- EDGARD - Antes que eu esqueça. Escuta, Peixoto!
- PEIXOTO - Você se zangou ?
- EDGARD -- Não é nada disso! Olha aqui: - o meu casamento. Vocês pen-san que me compraram e que eu me vendi. Pensam.
- PEIXOTO - (COM ALEGRE ESCÂNDALO) Está com vergonha de mim ?
- EDGARD - Não chateia!
- PEIXOTO - (COM AMESMA EFUSÃO) Eu também sou mau caráter!
- EDGARD - (DESESPERADO) Eu não sou mau caráter. Não admito, ouviu? está ouvindo?
- PEIXOTO - Mas hoje em dia. Escuta. No Brasil, quem não é caralha na véspera é caralha no dia seguinte. O Otto está certo. O nineiro só é solidário no câncer.
- EDGARD - Você está bêbado, Peixoto. Mas ouve. Cala a boca!
- PEIXOTO - Fala!
- EDGARD - Fique sabendo. Vocês não me compraram. Eu não me vendi. Aceitei esse casamento porque. Já conhecia Maria Cecília. Sempre achei que podia me apaixonar por Maria Cecília.
- PEIXOTO - (COM DEBOCHE) E a tua vizinha ?
- EDGARD - Que vizinha ?
- PEIXOTO - A tal!

COM CORTES

M.CECÍLIA - Ven cá, anda! Está vendo ? Foi aqui que aconteceu tudo
 EDGARD - Mas vamos embora.
 M.CECÍLIA - Não.
 EDGARD - Você conta no carro.
 M.CECÍLIA - (SEM OUVÍ-LO) Olha ali. Foi lá que enguiçou o carro.
 Lá, onde está o nosso. Ali. Um dia. (MUDA DE TOM) O Pei
 xoto estava me ensinando a guiar.
 EDGARD - O Peixoto ?

M.CECÍLIA - O carro morreu e êle saltou para ver o defeito.
 MARIA CECÍLIA ENCAMINHA-SE PARA UMA ÁREA DE LUZ. PEIXOTO APARECE.
 EVOCAÇÃO DO EPISÓDIO.

M.CECÍLIA - O que é que é ?
 PEIXOTO - Sei lá. Vai ver que é o carburador. É uma droga!
 DO OUTRO LADO DA ESTRADA SURGEM CINCO HOMENS, TODOS NEGROS.

NEGRO - Vai lá, Negro!
 OUTRO - Mete as caras!

NEGRO ERGUE-SE E AVANÇA.

NEGRO - Como é, meu chapa? Quer uma nãozinha ?

PEIXOTO - Olá! O filtro do carburador.

M.CECÍLIA - E por aqui não passa autonóvel.

NEGRO - Deixa eu dar uma espiada.

PEIXOTO - Caso sério.

NEGRO + (METENDO A CABEÇA NO MOTOR) Tem uma chave ?

PEIXOTO - Chave ?

NEGRO - De parafuso ?

PEIXOTO - Ah, de parafuso! Tem aqui.

PEIXOTO APANHA UMA CHAVE E DÁ AO NEGRO;

NEGRO - Espia. (APONTA) É ali.

PEIXOTO METE A CABEÇA NO MOTOR. ENTÃO, O OUTRO, POR TRÁS, DESPERE
 TREMENDO GOLPE NA CABEÇA DE PEIXOTO. ESTE CAI, COM UM GEMIDO.

M.CECÍLIA - (APAVORADA) Que é isso ?

OS OUTROS NEGROS IRROMPEM DA MATA E FAZEM O CERCOS AS GARGALHADAS.
 MARIA CECÍLIA TENTA A FUGA IMPOSSÍVEL. NA TELA, O ROSTO ENSANGUENTA
 DO DE PEIXOTO. MARIA CECÍLIA CORRE PELO PALCO COM OS CRIULÕES KKK
 ATRÁS. NA TELA, A CARA DE MARIA CECÍLIA DESEFIGURADA PELO PAVOR. E,
 NO PALCO, O NEGRO ALCANÇA E DOMINA MARIA CECÍLIA.

M.CECÍLIA - (ESGANIÇADA) Não! Não!

NEGRO - (JOCUNDO E FERROZ) Um beijo! Um beijo!

M.CECÍLIA - (NO MEDO SELVAGEM) Não quero. (MAIS FORTE) Não quero!

NEGRO - (MAIS VIOLENTO) Sua! Me dá o beijo!

OUTRO - (DEBOCHADO) Dá, filhinha, dá!

NEGRO - (JÁ ENFURECIDO) Beija o negro!

M.CECÍLIA - (ENLOUQUECIDA) Meu pai é rico! Meu pai dá dinheiro!

NEGRO - Ou tu me acha negro? Então, me xinga de negro!

COM CORTES

1ºGRÃ-FINO - Mas como é o negócio ?
2ºGRÃ-FINO - Deixa o Werneck falar!
WERNECK - O negócio é psicanálise. Psicanálise. Assin, olha. O divã (WERNECK VAI ATÉ O DIVÃ) O divã está aqui.
2ºGRÃ-FINO - P'ra que divã?
1ºGRÃ-FINO - Você é analfabeto, hen, rapaz ?
WERNECK - Mas calma! (DIDÁTICO) O freguês deita-se no divã. Como na psicanálise. Eu vou bancar o Freud. Tomar notas. Num caderninho. O que está deitado conta as próprias sujeiras.
3ºGRÃ-FINO - Qual é a graça ?
WERNECK - (COMO UM CAMELO) Vai querer? Prineira!
1ºGRÃ-FINO - Eu!
WERNECK - Um momento. Só mulher! Mulher tem mais graça. (NUM BERRRO MAIOR) De preferência, mulher casada com o marido presente. Quem se habilita ?
1ºGRÃ-FINO - (PARA A MULHER) Vai você! Vai!
A MULHER ERGUE O DEDO.
ANA ISABEL - Eu!
PALMAS.

WERNECK - Muito ben. Deita aqui, Ana Isabel. Pode deitar. (PARA O MARIDO) Marido progressista. Permitiu que a própria esposa. Agora, silêncio.
1ºGRÃ-FINO - Por que essa chata não morre ?
ANA ISABEL - Meu marido hoje está brochadíssimo. (DEITA-SE NO DIVÃ)
3ºGRÃ-FINO - Quero tirar as minhas calças!
ANA ISABEL - Essa luz em cima de mim é que está chato!
1ºGRÃ-FINO - Apaga a luz!
WERNECK - Fique quieto, Fontainha. Não apaga nada. Tem que ser no claro. (PARA OS OUTROS) Vamos parar com esse barulho! Silêncio! Vou começar.
2ºGRÃ-FINO - Pergunta quantas vezes ela traiu o marido. X
WERNECK - (COM VOZ FORTE) Ana Isabel! Qual foi o seu nichê mais baixo ?
ANA ISABEL - Não me lembro.
WERNECK - (POSSESSO) Responda, Ana Isabel! Não admito pudores. Você pertence a uma família fornidável. Não interessa. Tem que dizer tudo. Qual foi o seu nichê mais baixo? O mais baixo ?
ANA ISABEL - (VIOLENTA E ESGANIÇADA) X 75 cruzeiros!
WERNECK - Por que os quebrados ?
ANA ISABEL - O sujeito deu tudo o que tinha. 75 cruzeiros. (PÕE-SE DE PÉ NO DIVÃ)
WERNECK - Onde foi ?

COM CORTES

- ANA ISABEL - (ERENÉTICA) Agora eu vou dizer tudo! tudo! (OFEGANTE)
Foi em Brasília. Na inauguração. O rapaz trabalhava na obra. Descalço. Imundo.
- WERNECK - Silêncio! Vamos ouvir a analisada! (PARA ANA ISABEL)
Escuta! (PARA OS OUTROS) Calen a bôca! (PARA ANA ISABEL)
E agora, responda Ana Isabel, rápido, sem pensar.
(AOS BERROS) E qual foi o seu maior nichê?
- ANA ISABEL - (BERROZ) 250 contos.
- WERNECK - (NUM HUMOR BRUTAL) 250 contos ou cruzeiros?
- ANA ISABEL - (ESGANICADA) Contos! contos! 250 contos!
- WERNECK - P'ra que tanto, Ana Isabel?
- ANA ISABEL - (COM ARDENTE SÉRIE) Eu tinha uma conta de 250 contos. Na costureira. Então, fui ao sujeito e pedi.
- 2º GRÃ-FINO - Quem é o cretino! o nome do cretino!
- ANA ISABEL - (FURIOSA) Olha aqui. Vamos parar com essa palhaçada. Ou, então, eu paro e não falo mais!
- WERNECK - Não chateia, Alfredinho! Conta! Pode contar, Ana Isabel!
- ANA ISABEL - (SOFRIDA) O sujeito disse que dava. E que eu fôsse buscar o cheque no apartamento. Fui, voltei com o cheque. 250 contos por uma hora. Não por uma noite. Uma hora! Eu descobri o nichê na inauguração de Brasília!
- 1º GRÃ-FINO - Quero tirar as minhas calças!
- WERNECK - (COM EXALTAÇÃO SELVAGEM) Outra mulher!
- 3º GRÃ-FINO - Agora, sou eu.
- WERNECK - Mulher, rapaz! (PARA OS OUTROS) Outra coisa. É a seguinte. Isso aqui é uma psicanálise. De galinheiro, mas é. Para a mulher, a psicanálise é como se fôsse um toque ginecológico... sen luva! Outra mulher!
- VELHA - (EXALTADÍSSIMA) Eu também quero! Eu preciso falar!
- WERNECK - Deita!
- VELHA - (DESATINADA) Em pé!
- WERNECK - Silêncio! (PARA A VELHA) Em pé, vá lá. Começa.
- VELHA - (COMO UMA LOUCA) Meu marido estava morrendo. Eu era nocinha. E adorava meu marido. Foi o meu único amor. Estava morrendo. De câncer. Câncer no sangue. No quarto, eu caí com ataque. Meu primo, que aprendia judô, me carregou no colo. Meu marido já estava com o cheiro da morte. Eu chorava, gritava. Meu primo me levou para o quarto do lado. E, de repente, eu tive vontade de trair. Trair o homem que eu amava. Trair antes que ele morresse. Fui eu que beijei meu primo na bôca! eu! Enquanto meu marido morria, eu nesna puxava com as duas mãos o decote! abria assim, o decote!
- 3º GRÃ-FINO - Eu quero tirar as minhas calças!
- VELHA - (AOS SOLUCOS) Eu trai e amava! A saia era justa.

COM CORTES

COM CORTES

WERNECK - (TREPA NO DIVÃ) Um momento! Quero dizer o seguinte. Cala a boca. Esse negócio de guerra nuclear. Sei lá se daqui a 15 minutos... 15 minutos... vou levar um foguete russo pela cara. Estou dando adeus. Adeus a minha classe, ao meu dinheiro. Estou me despedindo. Posso ser, de repente, uma Hiroshima, eu. Eu, Nagasaki. Portanto, hoje vale tudo! tudo!

3º GRÃ-FINO - Eu quero tirar minhas calças!

EDGARD E DR. PEIXOTO NO ALTO DA ESCADA.

EDGARD - Vanos embora!

COM CORTES

PEIXOTO - Ela já me viu. Sabe que nós estamos aqui. E não está bêbado. Está lucido e tem prazer. Prazer que os dois genros vejam. Está representando para nós.

EDGARD - Adeus.

PEIXOTO - Não acabou. Tem mais. Ouve essa. Está ouvindo?

EM BAIXO, DR. WERNECK FALA AINDA.

WERNECK - Vocês vão ver um show. É um crime sexual.

COM CORTES

1º GRÃ-FINO - O que? o que?

WERNECK - Eu mandei apanhar três meninas. Uns anjos, mocinhas, de família. Garotas que não sabem nada. Purinhas. Vêm com os nanorados. Estão estourando aí. E os nanorados vão fazer tudo, aqui, tudo. Vanos ver um crime sexual, crime sexual. Autêntico.

3º GRÃ-FINO - Eu quero uma!

WERNECK - Não te nete, Bingo!

1º GRÃ-FINO - Mas é curra de verdade?

WERNECK - O negócio é assim. Vanos preparar os nanorados. Vanos entupir os nanorados de maconha. E aqui, dentro desta sala, eles vão caçar as pequenas.

2º GRÃ-FINO - Mas isso é crime!

WERNECK - Sua bêsta! Ou vocês não acreditam no Poder Econômico? Vou indenizar, compreendeu, pai, mãe, as pequenas. Tapo a boca da família, rapaz. O negócio dá em nada.

EM CIMA EDGARD E PEIXOTO.

EDGARD - E nós vamos cruzar os braços?

PEIXOTO - É com essa família que você vai se casar!

EDGARD - (DESESPERADO) Não vamos fazer nada?

PEIXOTO - Não. Nada.

EDGARD - Peixoto, escuta. Eu não estou brincando, Peixoto. Se fizerem isso.

PEIXOTO - Espera e verá.

EDGARD - Mas escuta. Se fizerem isso, eu desço. Juro! Desço e mato esse velho.

PEIXOTO - E teu casamento?

EDGARD - Mato!Mato!(MUDA DE TOM) Meu casamento ?

PEIXOTO - Sim, com a Maria Cecília.

EDGARD - Mas é um crime!Um crime sexual!

PEIXOTO - (QUASE COM TERNURA) Nós vamos assistir.Apenas assistir.
Apenas olhar.

A VELHA QUE TRAIRA O MARIDO NA HORA DA MORTE,TEM UMA ESPÉCIE DE CONVULSÃO.

VELHA - Meu marido morrendo e eu traindo.Traindo o único homem que eu anei.(NUM BERRO MAIOR) Quero alguem.Alguem p'ra me cuspir na cara!

NA TELA PROJEÇÃO DE RITINHA NO TAXI.LUZES PASSANDO.VELOCIDADE.APÊLO DE RITINHA AO CHAUFFEUR.

RITINHA - O senhor,por obséquio.Pelo amor de Deus.Quero ir mais depressa.Por favor,o senhor corre.São minhas irmãs.O senhor compreende.E talvez eu não chegue a tempo.

EDGARD CORRENDO PELA NOITE E GRITANDO.

EDGARD - Eu não podia evitar.E fugi.Fugi p'ra não ver.Enquanto eu não rasgar o cheque eu sei que vou aceitar tudo,até o fim.Tudo.Mas eu sei.Sei que não terei coragem.Não vou rasgar,não vou queimar,nunca!

DE NOVO,COM OS GRÃ-FINOS.GARGALHADAS.ENTRA RITINHA,CORRENDO.

AURORA - (ROUCA DE DESESPERO) Ritinha!

RITINHA - Larga a menina,Alírio!

WERNECK - Quem é você ?

RITINHA - (OFEGANTE) Eu sou irmã.Irmã dessas meninas.São direitass.Juro.Meninas de família.

WERNECK - Mas eu pago!

RITINHA - O senhor.Pelo amor de Deus.Minhas irmãs são menores.

WERNECK - (FEROZ) Eu pago!

RITINHA - (DESESPERADA) Eu fico no lugar de minhas irmãs.Fico.
Se minhas irmãs.

WERNECK - (REPETINDO COM MAIS FORÇA) Eu pago!

RITINHA - (GRITANDO TAMBÉM) Se minhas irmãs saírem virgens da-
qui vocês podem fazer tudo comigo.O que quiserem.Tudo!

WERNECK - (EXULTANTE) Ninguém vai sair daqui.Nem você.Você também vai entrar no brinquedo.

RITINHA - (SEGURA PELO DR. WERNECK) Velho indecente!

WERNECK - (DOMINANDO-A,COM A SUA VOZ E A SUA FÚRIA) Sua vaca!
Eu estou me despedindo.Estou dando adeus.Adeus as minhas emprêssas,aos meus cavalos!Cavalos,adeus!Nós vamos morrer.Tudo vai morrer.E você.Você vai dançar nua!
Mas antes,me xinga!me dá na cara!

CASA DE EDGARD. O RAPAZ CHEGA. A MÃE O RECEBE, EM ROUPA DE DORMIR.

D. IVETE - São Horas!

EDGARD - (DOENTE) Mamãe, não fala comigo, que, hoje, ouviu, mamãe?
Hoje, eu estou brigando, automaticamente.

D. IVETE - (DURA) Depositou o cheque?

EDGARD - Não vou depositar!

D. IVETE - (VORAZ, ESTENDENDO A MÃO) Dá esse cheque. Fica comigo.
Dá, Edgard.

EDGARD - (RECUA, TRINCA OS DENTES) Se eu depositar o cheque. Se
tocar num tostão desse cheque, estou perdido, mamãe.

D. IVETE - (DESATINADA) Esse dinheiro é nosso!

EDGARD - (PUXA O CHEQUE, COM A OUTRA MÃO SEGURA O ISQUEIRO) Não
venha, mamãe. Eu queino ~~xx~~. Assin olha.

D. IVETE - (NO DESESPERADO APÊLO) Meu filho! Sou velha! Velha (SU-
PLICA ABJETA) Tua mãe quer um dinheirinho!

EDGARD - Mamãe, não fale assim. A senhora parece uma bruxa!

COM O ISQUEIRO ACESSO, EDGARD NÃO TEM CORAGEM DE QUEIMAR O CHEQUE.

D. IVETE - (EM TOM MISERÁVEL DE ADULAÇÃO) Meu filhinho. Você não
vai fazer isso. Não vai deixar sua mãe na miséria.

EDGARD - (DESESPERADO) Eu quero queimar e não posso. Não consi-
go. (QUASE SEM VOZ E APAVORADO) Porque o mineiro só é
solidário no câncer. Mamãe, o mineiro só é solidário no
câncer.

D. IVETE - (FURIOSA) Não repete!

EDGARD - (RECUA DIANTE DA MÃE, COM O CHEQUE NUMA MÃO E O ISQUEIRO
ACESSO, NA OUTRA) O mineiro só é solidário no câncer!

D. IVETE - (COMO UMA LOUCA) Chega! chega! (TAPA OS OUVIDOS)

EDGARD - (COM EXCITAÇÃO, PERDIDO DE TRISTEZA) A frase do Otto,
mamãe. A frase do Otto.

D. IVETE - (COMO NUMA MALDIÇÃO) Desgraçado! Igual ao pai! ao pai!
Oh! Porque você nasceu!

D. IVETE REBENTA EM SOLUÇOS.

COM CORTES

CENA X

CENA NA CASA DA CAVEA, SOZINHOS, RITINHA E DR. WERNECK. RITINHA, SEN-
TADA NO CHÃO, EM TRAPÓS.

RITINHA - (SOLUÇANDO NO SEU ÓDIO) Você vai morrer, velho, Vou te
matar!

WERNECK - (TRISTE E PACIENTE) Escuta!

RITINHA - (OPEGANTE) Vou te dar um tiro. Essas meninas. Era tudo
o que eu tinha na vida.

WERNECK - Quer me ouvir?

BRDFANBSONS CPR.TEA.PTE. 0209, p. 88

RITINHA - (SEM OUVÍ-LO E COMO SE FALASSE PARA SI MESMA) E eram virgens! Eu caí na putaria para que elas, ao menos, ~~elas~~ se casassem, direitinho. (PONDO-SE DE GATINHAS, COMO UMA CADELA ENFURECIDA) E vocês! Vocês defloraram! (SOLUÇANDO) Eu não tenho mais nada na vida!

WERNECK - Eu dou dinheiro. Dinheiro grande!

RITINHA - (ENLOUQUECIDA DE ÓDIO E ESGANIÇADÍSSIMA) Eu quero minhas irmãs virgens!

WERNECK - (BERRANDO) Sua bêsta! Eu te dou as tuas irmãs virgens, pronto. Dou!

RITINHA - (ATÔNITA) Virgens?

WERNECK - (FURIOSO) Cala a boca! Mania! (MUDA DE TOM) Eu tenho um médico. Médico fabuloso. E faz isso com um pé nas costas.

RITINHA - Isso o que?

WERNECK - Ganha um dinheirão, o sujeito, restaurando virgindades. Ele faz um retoque, no local. Uma costurazinha, dá uns pontos. Coisa a toa. E a pequena sai mais virgem do que entrou!

RITINHA - (NUM DESESPERO MAIOR) Vocês arrebentaram minhas irmãs!

WERNECK - Nada disso. Sangrou porque é natural. É isso mesmo. Mas olha. A hemorragia já parou. Mandei levar tuas irmãs em casa, de automóvel. O médico já foi pra lá. Está lá. Ritinha, quero ser bom com vocês, com suas irmãs. Elas vão se casar. E o marido não vai perceber tostão de coisa nenhuma. Eu me responsabilizo. Na noite do casamento. O negócio vai sangrar até mais. Você vai ver.

CENA XI

MUDANÇA PARA CASA DE DR. WERNECK. D. LÍGIA, VESTIDA PARA DORMIR, À ESPERA DO MARIDO. DR. WERNECK CHEGA DA FARRA HEDIONDA, SATURADO DE ABJEÇÃO.

WERNECK - ACORDADA?

D. LÍGIA - (DOCE) Te esperando, meu amor.

WERNECK - (COM UM HUMOR TRISTE) Quer dizer que eu sou amor de alguém?

D. LÍGIA - Meu.

WERNECK - Ainda?

D. LÍGIA - ~~SEMPRE~~ Sempre. X

WERNECK - Lúgia, eu queria que você me dissesse. Dissesse, agora, neste momento, que eu sou bom.

D. LÍGIA - (NA SUA EMOÇÃO CONTIDA) Você é bom, Heitor.

DR. WERNECK ESJORNLEGA AO LONGO DO CORPO DA MULHER. AGARRADO ÀS SUAS PERNAS REPETE.

WERNECK - Eu sou bom, Lúgia, eu sou bom!

COM CORTES

COM CORTES

940/73-SCTC/SC/DDP

04 outubro

3

SUPERINTENDENTE REGIONAL DO DPF - SÃO PAULO

" BONITINHA MAS ORDINÁRIA "

" NELSON RODRIGUES "

SUPERINTENDENTE:

TEATRO PAIOL.

EVAN/fnn.

BONITINHA MAS ORDINARIA OU OTTO LARA REZENDE

NELSON RODRIGUES

282/73
COM
CORTES

BONITINHA MAS ORDINARIA OU OTTO LARA REZENDE
JOAO ROBERTO SIMES

28 SETEMBRO

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES
ASSIMILADOS AS PÁGINAS: 12-13-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31-32-33-34-35-36-37-38-39-40-41-42-43-44-45-46-47-48-49-50-51-52-53-54-55-56-57-58-59-60-61-62-63-64-65-66-67-68-69-70-71-72-73-74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85-86-87-88-89-90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-100
78
LIGADO QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA BCDP.

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

04 OUTUBRO 73
ROGERIO NUNES

BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA REZENDE

NELSON RODRIGUES

COM CORTES

PAIOL- TEATRO & ARTES S/C LTDA. - SP -

JOÃO ROBERTO SIMÕES

28 SETEMBRO

73

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES
ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: ~~15-19-25-29-30-33-41-42-43-44-45-46~~- CONDICIO-
NADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA-
LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

04

OUTUBRO

73

DEUSDETH BURLAMAQUI

mhf



MI-DFP-SRA/BS

5 FEV 1974 007129

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
SUPERINTENDENCIA REGIONAL

Of. nº 644/74-SCDP/SR/SP

Em, 31 de janeiro de 1974.

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exm^o. Sr. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente encaminho a V.Exa., - para os devidos fins, os relatórios de ensaio geral da peça teatral "BONITINHA, MAS ORDINÁRIA" ou "OTTO LARA REZENDE" de autoria de Nelson Rodrigues, encenada pelo Teatro Paiol.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.D. P. do nosso parecer, com maior brevidade possível.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., protestos de estima e consideração.

DR. - ANTONIO BRANDÃO ANDRADE

Superintendente Regional

ABA/acb. -

ROGÉRIO NUNES
Diretor de DCP

De Despacho: Face o relatório de ensaio geral, subscrito, o certificação para acrescentar, no mesmo, os cortes suprimidos, em pag. 17 e 28 e suprimir, conforme proposto, os de pag. 15, 25, 33, 41, 42 e 43 //

84/060374

ROGÉRIO NUNES

A SETC

F. V. de Azevedo Netto

M

7/2

74

A SE:

1. Envie-se novos certificados em substituição aos já expedidos, com a mesma importância, com cortes às fls. 17, 19, 28, 29, 30, 44, 45 e 46, da seguinte maneira de acordo do Sr. Diretor da DCD.

2. Oficie-se à SE/SE uma minuta dos documentos supracitados e solicitando o recolhimento dos autênticos, os quais devem ser devolvidos a esta Direção.

080374
Mm
F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SETC-SADUP

A SE

Encaminha-se.

M
12/2/74

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

De Técnico de Censura

A Sra. Chefe do SCDP SR/SP.

Assunto- Relatório de Ensaio Geral da Peça "BONITINHA MAS ORDINÁ-
RIA OU OTTO LARA REZENDE".

Sra. Chefe.

Verificada a apresentação da peça supra citada, opino pela supressão de alguns cortes, manutenção de vários e que novos cortes sejam impostos às folhas 17 E O BRASIL e 28 " O DEFUNTO E BRIGADEIRO. O corte assinalado à página 15 em nada " fere o espetáculo, sendo cabível a fala de Edgard em momento de " fúria, o mesmo ocorrendo com a fala de Peixoto, página 25. O corte da página 33, tendo uma marcação bem suave, sem expressão corporal, poderá ser apresentado. Quando do defloramento de Ritinha, pag. 37, não poderá nenhuma expressão corporal, gestos de homem possuindo a mulher, devendo a marcação restringir-se apenas em Ritinha deitada sobre a mesa e o homem sobre ela estático. Os cortes assinalados às páginas 41, 42 e 43, embora com teor pesado, cabem perfeitamente dentro desta apresentação. É um tipo psicanálise de grupo, jogo da verdade ou laboratório. O corte da pag. 19 terá que ser suavizado no que tange a marcação e encenação.

O cenário, vestuário, marcação, sonoplas-
tia e iluminação são bastante compatíveis com a apresentação, po-
dendo, a título precário, aguardando decisões finais, obedecida e
mantida a faixa etária delimitada pela DCDP, ser encenada para o
público.

São Paulo, 28 de Janeiro de 1974

Drauzio Seimann Dornellas Coelho

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
Técnico de Censura nº 310

Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura

De acordo com o parecer do ~~Departamento~~
Brasileiro de Censura a Brasília
W. J. Silva

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

São Paulo..... em 30 de janeiro de 1974

Ao :- Chefe do SCDP/SR/SP

De :- Técnico de Censura

Assunto :- Ensaio Geral - "Bonitinha, mas ordinária

Exame censório do ensaio geral de Bonitinha, mas ordinária.....

Autor :- Nelson Rodrigues.....

Tradutor :----

Encenado por :- Teatro Paio.....

Local :- rua Amaral Gurgel.....164.....

Data do ensaio :- 29 / 1 / 74 Horário :- das 21,45 às 23,50 horas

1, T E X T O

1.1 Tema :- Corrupção humana e esperança em sua salvação.....

1.2 Sofreu alterações ? () Sim (X) Não

1.3 Sofreu alterações signifi- () Sim (X) Não
cativas ? (X) Sim () Não

1.4 Sofreu cortes ? () Sim (X) Não

1.5 Cortes observados ? () Sim (X) Não

1.6 Classificação :- Impróprio para menores de 18 anos - C/corte

2, E N C E N A Ç Ã O

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
--	--------------------------------------	-------------------------------------

2.1	(X)	()
-----	-------	-----

2.1 Cenário :-	(X)	()
----------------	-------	-----

2.2 Iluminação :-	(X)	()
-------------------	-------	-----

2.3 Música :-	(X)	()
---------------	-------	-----

2.4 Guarda-roupa :-	(X)	()
---------------------	-------	-----

2.5 Projeção de "slides"	()	()
--------------------------	-----	-----

2.6 Expressão corporal :-	()	(X)
---------------------------	-----	-------

2.7 Restrições Sugiro cortes à pag. 17 : "E o Brasil" : pag. 37
"Pausa" até : sem sair do lugar

Nº Série ...

3. OBSERVAÇÕES

Considerando...o contexto da encenação sugiro a supressão dos...
cortes às pags. 15-19-25-43(1º corte)-43(2º corte)-44-45-46(1º corte)

.....
Devido ao chocante realismo da marcação da pag. 33 (cena de...
"curra") sugiro a modificação tendente à suavização da mesma.
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Segue anexo Relatório minucioso () Sim X Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4,1 Opino pela liberação ()

4,2 Opino pela proibição () de acordo com

4,3 Opino pela liberação com restrições parciais (X) de acordo
...Dec. 20.493, art. 41, "a".....
.....

Solange Maria T. Hernandez
Solange Maria T. Hernandez. Técnico de Cens.
Nº 334.

Departamento de Polícia Federal
Censura Federal

De acordo com o parecer do Censor

Enunciado se é Branco
21/1/74

M. J. Gomes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p. 97

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, p. 97

NELSON RODRIGUES

COM CORTES 282/74

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS
NELSON RODRIGUES

SAIO CERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO
DE "SCRIPT" DEVOLVIDO PELA DCP.

11

FEVEREIRO

74

ROGERIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

SP 9, 0209, p. 98 : BONITINHA, MAS ORDINÁRIA

: NELSON RODRIGUES

: PAIOL - TEATRO & ARTES S/C LTDA. - SP -
JOÃO ROBERTO SIMÕES

21 JANEIRO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ASSI
NALADOS ÀS PÁGINAS: 17-19-28-29-30-44-45-46- CONDICIONADO AO EXAME DO EN
SAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO
DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

11

FEVEREIRO

74

MHF

HUGO POVOA DA SILVA
INSP. POL. FEDERAL.

COM CORTES

13 de fevereiro de 1.974

164/74-SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas - DDP

: Sr. Superintendente Regional do DDP em São Paulo

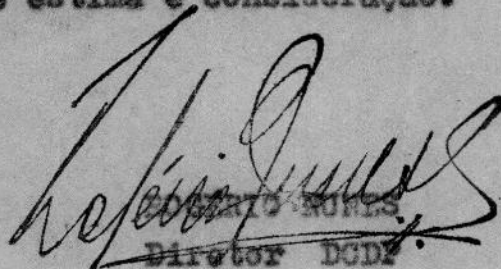
: "BONITINHA, MAS ORDINÁRIA"

Anexo: 1ª e 2ª vias do Certificado.

Senhor Superintendente:

Encaminho a Vossa Senhoria as anexas 1ª e 2ª vias do Certificado da peça teatral supracitada, de autoria de Nelson Rodrigues, de interesse do Teatro Paiol, solicitando mandar proceder a substituição pelos anteriores emitidos, face da alteração dos cortes, devendo os mesmos serem recolhidos e devolvidos a esta DCDP.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria meus protestos de estima e consideração.


ROBERTO GOMES
Diretor DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, P.100

408

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 282/73

PEÇA : BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA REZENDE

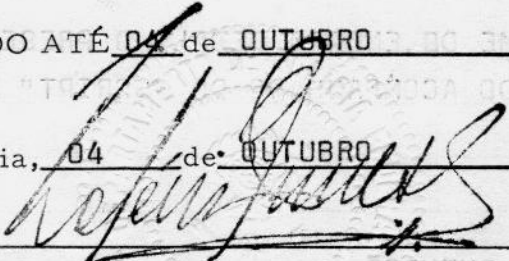
ORIGINAL DE : NELSON RODRIGUES

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

**PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS**

VÁLIDO ATÉ 04 de OUTUBRO de 19 78

Brasília, 04 de OUTUBRO de 19 73


ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada : BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA REZENDE

Original de : NELSON RODRIGUES

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de PAIOL- TEATRO & ARTES S/C LTDA. - SP -

Requerida por JOÃO ROBERTO SIMÕES

Tendo sido censurada em 28 de SETEMBRO de 19 73 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES

ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 15-19-25-29-30-33-41-42-43-44-45-46- CONDICIO-

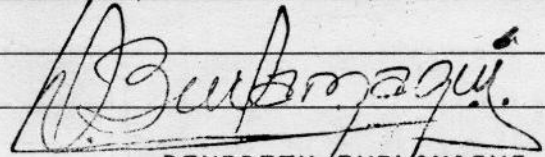
NADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA-

LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 04 de OUTUBRO de 19 73

mhf

DPF-150


DEUSDETH BURLAMAQUI

Chefe do Serviço de Censura

COM CORTES



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0209, 7.102

408

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 282/73

PEÇA : BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA REZENDE

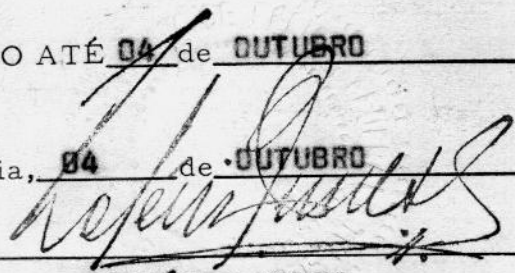
ORIGINAL DE : NELSON RODRIGUES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 04 de OUTUBRO de 19 78

Brasília, 04 de OUTUBRO de 19 73

PROIBIDO PARA
18
MENORES DE
DEZOITO ANOS


ROGÉRIO NUNES

Diretor da DCDP

001-130

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada : **BONITINHA MAS ORDINÁRIA OU OTTO LARA REZENDE**

Original de : **NELSON RODRIGUES**

Tradução de

Adaptação de

Produção de **PAIOL- TEATRO & ARTES S/C LTDA. - SP -**

Requerida por **JOÃO ROBERTO SIMÕES**

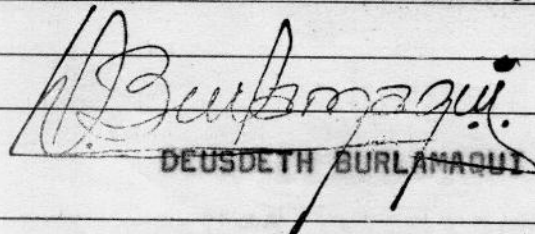
Tendo sido censurada em **28** de **SETEMBRO** de 19 **73** e recebido

a seguinte classificação: **PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES ASSINALADOS ÀS PÁGINAS: 15-19-25-29-30-33-41-42-43-44-45-46- CONDICIO-**

NADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, **04** de **OUTUBRO** de 19 **73**

mhf


DEUSDETH BURLANAQUI

Chefe do Serviço de Censura

PROC.-	408
LIV.-	01
PAG.	09
REG.-	282
PRAÇA-	SP

BONITINHA MAS ORDINARIO

Nelson Rodrigues



020526

L.F.-SRA
In.
Rub.SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

Em, 18 de maio de 1976.

OF.

Nº. 1144/76-SCDP/SR/SP

ROGERIO NUNES
Diretor da DivisãoFICHA DO
S.A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.Sa., uma via do texto das peças teatrais "TRIPÉ DE HOLOCAUSTOS" original de Wilson R. Vicente, "TRÊS PERALTAS NA PRAÇA" original de José Valuzi, "O SANTO, A BONDAD E O MINHOCA" original de José Lyra, "OS MANSOS DA TERRA" original de Raimundo Alberto, "O PALHAÇO IMAGINADOR" original de Ronaldo Ciamboni, "AUTO DA BARCA DO INFERNO" original de Gil Vicente, "BONITINHA, MAS ORDINÁRIA" original de N. Rodrigues, "A GRANDE SURPRESA" ou "ENTÃO O QUE É QUE A GENOVEVA TEM QUE VER COM ISSO" original de Sergio - Luiz Bambace, "O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO" original de Augusto Lucio Silva, "ASSASSINATO S.A." ou "MORTE/ROMET/TORME/ERTOM/MORET/METRO" original de Otto Prado, "MARIA SEMPRE MARIA" original de Antonio Carlos R. da Fonseca, "RAPOSA E AS UVAS" original de Guilherme Figueiredo, "JACQUES" original de Ionesco.

Outrossim, informo que os demais itens - da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

João Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.

DR. ROGERIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

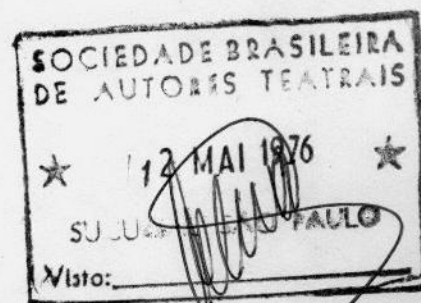
B R A S I L I A / D F

NELSON
RODRIGUES

BONITINHA
MAS ORDINÁRIA

OU

OTTO LARA
RESENDE



PERSONAGENS:

EDGARD

D. IVETE, sua mãe

PEIXOTO

RETINEA

DINORÁ

AURORA } suas irmãs

HADIR

D. HERTA, sua mãe

ALÍRIO, namorado de Aurora

OSIRIS, porteiro de edifício

DR. HEITOR WERNECK

D. LÍCIA, sua esposa

DR. PEIXOTO, seu genro

MARIA CECÍLIA, sua filha

TERESA, mulher de Peixoto

DESCONHECIDO (leproso)

ARTURZINHO, amante de Teresa

COVEIRO DO CAJU

NEGRO

NEGRO

NEGRO

NEGRO

NEGRO

PRESIDENTE DA COMISSÃO

1º GRÃ-FINO (FONTAINHA)

2º GRÃ-FINO (ALFREDINHO)

3º GRÃ-FINO (BINGO)

ANA ISABEL, mulher de Fontainha

VIELHA

PAU DE ABARA

OUTRO

VELHO

PRIMEIRO ATO

CENA I

CANTO DE BAR, NUMA MESA, EDGARD E PEIXOTO. OS DOIS COCHILHAM EM
TOM DE MAQUINAÇÃO DIABÓLICA.

PEIXOTO - Você está alto, eu estou alto. É a hora de rasgar o jogo.
De tirar todas as máscaras. Primeira pergunta: você é o
que se chama de mau caráter?

EDGARD - Por que?

PEIXOTO - (VACILANTE) Pelo seguinte.

EDGARD - Fala.

PEIXOTO - Estou precisando de um mau caráter. Entende? De um mau ca-
ráter.

EDGARD - Quem sabe?

PEIXOTO - Espera. Outra pergunta. Você quer subir na vida? É ambici-
oso?

EDGARD - Se sou ambicioso? Prá burro! Você conhece o Otto? O Otto
Lara Resende? O Otto!

PEIXOTO - Um que é ourives?

EDGARD - Ourives? Onde? O Otto escreve. O Otto! O mineiro, jornalis-
ta! Tem um livro. Não me lembro o nome. Um livro!

PEIXOTO - Não conheço, mas. Bola prá fora! bola prá fora!

EDGARD - O Otto é de arder! é de lascari! E o Otto disse uma que eu
considero o fino! o fino! Disse. Ouve essa que é. Disse:
"O mineiro só é solidário no cancer". Que tal?

PEIXOTO - (HELPE TINDO) "O mineiro só é solidário no cancer". Uma pia-
da.

EDGARD - (INFLAMADO) Aí é que está: -não é piada. Escuta, Dr. Pei-
xoto. A princípio eu também achei graça. Ri. Mas depois
veio a reação. Aquilo ficou dentro de mim. E eu não penso
noutra coisa. Palavra de honra!

PEIXOTO - Uma frase!

EDGARD - Mas uma frase que se enfiou em mim. Que está me comendo
por dentro. Uma frase roedora. E o que há por trás? Sim,
por trás da frase? O mineiro só é solidário no cancer. Mas
olha a sutileza. Não é bem o mineiro. Ou não é só o minei-
ro. É o homem, o ser humano. Eu, o senhor ou qualquer um,
só é solidário no cancer. Compreendeu?

PEIXOTO - E daí?

EDGARD - Daí eu posso ser um mau caráter. É prá que pudores ou escrúpulos se o homem só é solidário no câncer? A frase do Otto mudou a minha vida. Quero subir, sim. Quero vencer.

PEIXOTO - Bem. Uma curiosidade: _ o que é que voce faria, o que, pra ficar rico? Cheio de burro? Milionário?

EDGARD - Eu faria tudo! Tudo! Com a frase de Otto no bolso, não tenho bandeira. E, de mais a mais, sou filho de um homem. Vou lhe contar. Quando meu pai morreu tiveram de fazer uma subscrição, vaquinha, pra o enterro. Os vizinhos se cotizaram. Comigo é fogo. A frase do Otto me ensinou. Agora quero um caixão com aquele vidro, como o do Getúlio. E em terro de penacho, mausoléu, o diabo. Não sou defunto de cova rasa!

PEIXOTO - Isso mesmo. O Otto Lara é quem está com a razão.

EDGARD - (NUM HEPÊLÃO DE BEBADO) O mineiro só é solidário no cancer. E eu sou mau caráter, pronto! Mas escuta. O que é que eu devo fazer?

PEIXOTO - É simples. Você não vai matar ninguém. Você vai se casar. Apenas casar.

EDGARD - Eu?

PEIXOTO - Você.

EDGARD - Que piada é essa?

PEIXOTO - Piada, os colarinhos! Você vai se casar no duro!

EDGARD - E quem é a cara?

PEIXOTO - (FEROZ) Grã-fina, milionária, a melhor família do Brasil!

EDGARD - Mas eu sou um pé-rapado! um borra-botas!

PEIXOTO - Não interessa, ouviu? Não interessa! (RUGUENDO-SE E PATEÉTICO) _O mineiro só é solidário no cancer! (FEROZ) É ou não é?

EDGARD - (EXULTANTE) _Só no cancer!

PEIXOTO - Portanto, já sabe. Eu arrango tudo. Você entra com o sexo e a pequena com o dinheiro. Ainda por cima, linda, linda! Uma coisinha, rapaz! Essas gajas que saem na "Manchete" não chegam aos pés. Não são nem pára pra tal garota.

EDGARD - Topo. Caso já. Imediatamente! Caso! Sempre gostei de grã-fina. A grã-fina é a única imunda limpa. A grã-fina nem transpira.

- PEIXOTO - (NUM BERRRO TRIUNFAL) E CÍNICO) Sim, mau caráter!
- EDGARD - (NUMA SÚBITA E FERROZ REVOLTA) Eu não sou defunto de cova rasa! E quero enterro de penacho!
- PEIXOTO - (APONTANDO PARA EDGARD, AOS BERRROS TAMBÉM) Mau caráter! Mau caráter!
- EDGARD - (COMO UM LOUCO) De penacho! De penacho!

CENA II

APARTAMENTO DE RITINHA. ELA MORA COM A MÃE, D. HEITA, E COM AS IRMÃS MAIS MOÇAS: DINORÁ, AURORA E NADIR.

RITINHA - (SACUDINDO A ESCOVA DE DENTES NA CARA DE DINORÁ) Já escovou os dentes?

DINORÁ - (DENGOSA) Eu escovo depois.

RITINHA - (DESAGRADÁVEL COMO SE FOSSE UMA MÃE) Olha aqui. Não toma café. Sem escovar os dentes, não toma café. Vai escovar, anda.

DINORÁ - Mas escuta.

RITINHA - Vai, Dinorá.

DINORÁ - Você enche.
(RITINHA VIRA-SE PARA AURORA).

RITINHA - Você é outra, Aurora!

AURORA - Paciência!

RITINHA - Vem cá.

AURORA - Que inferno!

RITINHA - Chega aqui, Aurora. Deixa eu ver tuas orelhas. Não disse? Olha, Sujas!

AURORA - Mas eu limpo!

RITINHA - Não limpa direito. Porque se limpasse.

AURORA - Limpo.

RITINHA - Menina! Não me interrompa. Se você limpasse. Vou te mostrar uma coisa.

RITINHA PASSA A FRANJA DA TOALHA NA ORELHA DA IRMÃ.

AURORA - Ai! Está doendo!

RITINHA - Mas olha. Está vendo? Olha aqui!

AURORA - Nessa porcaria de edifício nem água tem!

RITINHA - Vai no tanque! esfrega com sabão! sua burra! Você tem na

morado. E a mentira que nemora tem que andar limpa. Põe
na cabeça. Sabe o que é que o homem mais repara na mu-
lher? Se é limpa. Homem não perdona a mulher suja!

AURORA - (INSOLITAMENTE) Pois o Alirto é tarado por mim!

RITIMHA - Pois sim!

AURORA - Nadir, o Alirto não é tarado por mim? Falai Nadir sabe.
Não é?

NADIR - (LENDO "QUEBRADA") Set 1.º.

AURORA - Set 1.º ou? Você é um piquete-saco da Ritinha!

NADIR - Você é que é.

RITIMHA - Escuta, Aurora.

AURORA - (CHORANDO DE BAIXA) Você está de meras... assinatura co-
migo. Só bronzeta comigo.

RITIMHA - (IMITANDO) Bronzeta.

AURORA - Você também usa girai! A Nadir você adora! Mas todas as
vontades. Proteção escandalosa.

RITIMHA - Deixa de ser mentirosa!

AURORA - Claxoi!

RITIMHA - P'ra mim, não há diferenças. São todas iguais. Apenas ha-
vir, é a menor, a cegala. E tem asma. Por causa da asma.
Agora, outra coisa.

AURORA - Já sei que é comigo.

NADIR - Não chatela, Aurora.

RITIMHA - Com você e com todas. Cuidado com esse Rêgido.

DINORA - Mas por que?

RITIMHA - Metido a amável. Tem cara de ser pirralhão.

AURORA - Eu não acho!

RITIMHA - Eu acho. Ainda por cima, o cara arranjou um Jeep. (MAI B.
NIRGICA) Vocês não deem bola a esse enxada e principal-
mente não aceitem carona.

DINORA - Tão bonzinho!

RITIMHA - Bonzinho, Virgínia! Automóvel facilita pra burro! Estou a-
visando porque ontem, sim, é com você, Aurora. Ontem, voc
aceltoresse.

AURORA - Eu?

RITIMHA - Acetou, sim.

AURORA - (PARA NADIR) Foi voce que contou!

NADIR - Não amola!

AURORA - Edgar, só me levou ontem. Estava chovendo, chovendo.

Me levou, mas não houve nada. Muito respeitador, com por cento.

RITINHA - Sua bobal de mais a mais, voce tem namorado. E não está

direito. Outra coisa. Eu dou um duro desgragado.

AURORA - (CHORANDO) Eu tenho 16 anos! Não sou erlanga!

DINORA - Todo mundo dá carona!

RITINHA - (PARA DINORA) Cala a boca! (QUASE CHORANDO) Dou um duro

pra que voces se casem. Pra mim, não quero nada. Só peço a Deus que voces se casem na Igreja, direitinho, de vêu e grinalda. Estão ouvindo?

AURORA - Que coisa!

RITINHA - Mas se eu souber, calo a boca! seu souber que uma de vo-

qualquer uma! Andou de Jeep, aceton carona de Edgar. E numa simples carona pode acontecer tudo! Eu quebro a cara dura! rebento a primeira que!

AURORA - (INCOMPREENSIVEL) Oxa, Ritinha! Deixa de mascarar.

RITINHA - O que?

AURORA - Mascara, sim senhora. Mascara pra cima de mim. Ou pensa

que eu não vi?

RITINHA - (ATÔNITA) Viu o que?

AURORA - Você, hoje. Ainda agora. No sangue. Você escovando os den-

tes e o Edgar, do outro lado. Vocês fletando! Olha! Vo-

ce deu sorrisinho!

ESTUPREADA, RITINHA AVANÇA PARA AURORA, QUE RECUA, COM A CARA DEBRI-

GUADA PELO ÓDIO E PELO MEDO.

RITINHA - (ARQUEJANDO) Eu me mato por voces. Fago uma ginástica. D

ou aulas até altas horas. Qualquer dia, sou assaltada no meio das ruas. E voce ainda tem a coragem? Dizem que eu

flettei! Agora voce vai repetir. Eu flettei?

AS DUAS IRMÃS, CARA A CARA.

AURORA - Fletou!

RITINHA A ESPONTEIRA, CONTINUA BATENDO.

RITINHA - Sua descerada!

AURORA RECUA CIRCULARMENTE, DEBAIXO DE BOMBAS.

AURORA - (AOS SOLUÇOS) Voce vai me pagar! Juiz! Voce vai ver, Rit-

nhai Quero que Deus me cegue se... Voce vai ver!
A MÃE DE RITINHA, D.BERTA, QUE ESTAVA SENTADA NA SUA PASSIVIDADE DE IDIOTA, ERGUE-SE, COM SÚBITA AGITAÇÃO. D.BERTA COMEÇA A ANDAR DE COSTAS.

D.BERTA - D.Rita! D.Rita!

RITINHA - (COM DESESPERADO AMOR) Pronto, mamãe!

D.BERTA - (PARA RITINHA) Voce não é D.Rita!

RITINHA - Sou, mamãe! Sou D.Rita!

D.BERTA - (NA SUA INCOERÊNCIA DE INSANA) É, sim, D.Rita. D.Rita houve um roubo nos Correios. Disseram que fui eu, que eu roubei. (BAIXA E SÓFREGA)..Vou ter que repor o dinheiro.

RITINHA - (SUPLICANTE) Agora, senta, mamãe!

DINORA - (NUMA HISTERIA PAVOROSA) Segura mamãe! Não deixa mamãe andar pra trás!

RITINHA - (PRA DINORA) Não se meta!

NADIR - Vem cá, mamãe.

D.BERTA - (NUM LAMENTO FERROZ) Tudo deu pra trás. Estou andando pra trás. Voce é D.Rita?

RITINHA - (NUM APELO) Sou, mas escuta. Mamãe, olha.

CENA III

APARTAMENTO DE EDGARD. ELE, NO QUARTO, MÚ DA CINTURA PARA CIMA, APANHA A CAMISA. D.IVETE, SUA MÃE, ENTREABRE A PORTA E ENFIA A CABEÇA.

D.IVETE - (AFLITA) Dr. Peixoto está aí!

EDGARD - Dr. Peixoto? Já vou. Diz que. Olha mamãe.
DR. PEIXOTO SURGE POR DETRÁS DE D. IVETE.

PEIXOTO - (ALEGHEMENTE) Pode-se entrar?

EDGARD - Dr. Peixoto!

D. IVETE - (ATARANTADA) O senhor desculpe a desarrumação!

PEIXOTO - Ora, minha senhora.

EDGARD - O quarto está numa bagunça!
D.IVETE APANHA UM JORNAL EM CIMA DA CAMA.

D.IVETE - Com licença.

PEIXOTO - Toda.

D.IVETE - (VOLTANDO) Aceita um cafézinho?

PEIXOTO - (RISONHAMENTE) Um cafézinho, aceito.
D. IVETE RETIRA-SE.

EDGARD - (ENTRANDO A CAMISA PRA DENTRO DAS CALÇAS) Vamos pra sala.

PEIXOTO - Ia. Ia a gente conversa melhor.

AGUI MESMO. FRETTO AGUI. DEIXA. EU ME SENTO NA CAMA.

NÃO SE INCOMODE. BEM, VAMOS SO QUE INTERESSA. VOCE, NUNCA TEM NEMOSIDADE, ESTA ESPANTADISSIMO, ESTÁ, COM A MINHA PRESENÇA AGUI.

EDGARD - De fato, eu, um pouco.

PEIXOTO - E o seguinte. Vm continuar o nosso papo de ontem.

EDGARD - Dr. Peixoto, alias, eu.

PEIXOTO - (MELTRINDO) Vamos tirar o doutor.

EDGARD - Ontem, eu fiz um papelão. Não posso beber. Eu, quando bebo, Devo ter dito besteira pra burro. O senhor, voce me desculpe.

PEIXOTO - Isso! Me chame de "voce". Mas olha. Pelo contrario, voce estava brilhante. Aquela frase do Otto.

EDGARD - (ALONITO) Otto?

PEIXOTO - O Otto Lara Resende ou voce não se lembra? Como é mesmo? A frase do cancer? Ora, como é? Tem mineiro. Entra mineiro no meio. Diz ai.

EDGARD - (GRAVE E TRISTE) O mineiro so é soldado no cancer.

PEIXOTO - Exatamente. Alias, voce.

EDGARD - Bobagem!

PEIXOTO - Em absoluto. Por que bobagem? Mas o que eu queria dizer voce deu uma interpretação da frase. Brilhante! Um momento! Voce diz que não é bem o mineiro, mas o proprio no nem, o proprio ser humano. E se o homem é isso, tudo é permitido. Eu concordo. Sou da mesma opinião.

EDGARD - Não foi bem assim.

PEIXOTO - Ah, foi! Eu tenho boa memoria. Mas não interessa. Não interessa. (BAIXANDO A VOZ E INCISIVO) Voce casa ou não casa?

EDGARD - Casar? Mas Dr. Peixoto!

PEIXOTO - (INCISIVO E QUASE AMEAÇADOR) Responda!

EDGARD - O senhor está brincando.

PEIXOTO - Nunca falei tao serio. Resposta, Edgard. Ou voce acha que eu vim aqui. Aqui (MOVENDO DE LOM) E outra coisa: voce tem nemosidade, notas, algum compromisso, tem? Alguma namorada?

EDGARD - No momento, eu. Quer dizer. Há uma menina, ~~minha vizinha~~.
Minha vizinha aí do lado. Mas por enquanto. Não, não há
nada!

ENTRA D. IVETE COM BANDEJA E XICARAS.

D. IVETE - O café.

PEIXOTO - Ah, minha senhora.

D. IVETE - O senhor vê se está bem de açúcar.

PEIXOTO - (MEXENDO) Obrigado.

DR. PEIXOTO PROVA.

EDGARD - Quer mais açúcar?

PEIXOTO - Ótimo.

D. IVETE - Então, com licença.

SAI D. IVETE.

EDGARD - Mas esse casamento é uma piada, claro!

PEIXOTO - Ó rapaz! Piada, vírgula. Olha aqui. Vou ser mais claro. U-
ma certa família. Das melhores do Brasil. Das melhores do
Brasil. Das melhores! Encarregou-me de arranjar um marido
ouviu? um marido p'ra menina. Menina, aliás, ~~linda~~,
linda. Esse marido pode ser você.

EDGARD - E é o senhor quem decide? Você, desculpe. É r ~~esco-~~
A pequena não apita?

PEIXOTO - Ou você tem escrúpulos? Sua bêsta! O mineiro só é solidá-
rio no câncer!

EDGARD - Vamos falar sério! Por que é a troco de que essa menina
vai se casar com um desconhecido? Porque eu sou um desco-
nhecido. E a família? O pai, a mãe, sei lá!

PEIXOTO - Eu explico. É simples e você vai compreender tudo. Essa me-
nina sofreu um acidente. Um acidente do tipo especial. Vi-
nha, de automóvel, por uma estrada. E há um enguiço. Um
enguiço no motor. Ela salta. De repente, surgem, do mato,
cinco crioulos. Lugar deserto. Pegam a menina, arrastam.
Bem. O resto você pode deduzir. E agora que você já sabe
quer casar?

EDGARD - Mas casar assim no peito? E houve esse troço! Além disso,
que diabo! Essas questões de sentimento. Vamos admitir qu-
eu. É uma hipótese. Que eu tope. Ela pode não gostar da
minha cara. (RESSALVANDO) Ainda não topei, não.

PEIXOTO - Ó rapaz! Ela te conhece, te viu e te digo mais -- foi ela
quem te escolheu.

EDGARD - (ESTUPEFADO) Me conhece de onde?

PEIXOTO - Aliás, vamos fazer o seguinte, o seguinte. Tem um lápis aí? Não precisa. Tenho aqui. Olha. O telefone da pequena é esse. Telefona p'ra lá. Toma nota. Diz que é o Edgard. Tele-Telefona. Por minha conta.

CENA IV

PORTA DO EDIFÍCIO ONDE MORAM RITINHA E EDGARD. RITINHA VAI PASSANDO E O PORTEIRO A CHAMA.

OSIRIS - Um momento, D. Ritinha!

RITINHA - Ah, seu Osiris. Como é? e o garoto? Melhorou?

OSIRIS - Acordou sem febre. Está lá. Pulando na cama.

RITINHA - Mas olha. Aquilo que eu disse. Homeopatia tem que dar na hora certa. Não pode passar um minuto, nem um minuto. Olha lá!

OSIRIS - (INCERTO) D. Ritinha, eu também queria falar com a senhora.

RITINHA - E essa falta d'água. Caso sério.

OSIRIS - Defeito da bomba.

RITINHA - Puxa! Mas o que é que voce quer falar?

OSIRIS - Um assunto.

RITINHA - (OLHANDO O RELÓGIO DO PULSO) Aliás, eu estou com um pouquinho de pressa.

EDGARD APARECE, PASSA PELOS DOIS E PÁRA MAIS ADIANTE, FUMANDO.

EDGARD - Bom dia.

OSIRIS - Bom dia. É um minutinho só, D. Ritinha. A senhora tem sido tão boa com o garoto que, É sobre sua irmã, D. Aurora.

RITINHA - Aurora?

OSIRIS - Esse rapaz, o Alírio. Sim, o Alírio. D. Ritinha, o Alírio não é namorado pra D. Aurora. Um sujeito que. Não é flor que se cheire. A maldade que ele faz aos bichos. Outro dia. A senhora pode perguntar por aí. Outro dia cegou um gato com a ponta de um cigarro. E com a gilete, eu vi, D. Ritinha, raspar a perna de um passarinho!

RITINHA - (ATÔNITA) Mas tem a certeza que o Alírio?

OSIRIS - D. Ritinha, essa eu vi. E esse sujeito que maltrata bicho...

RITINHA - (SEM ESPANTO) O Alírio?

OSÍRIS - A senhora não acha, hem, D. Ritinha?

10

RITINHA - De fato. E aliás. Bem. Mas eu vou pensar, "seu" Osiris. Até loguinho.

OSÍRIS - Disponha.

CENA V

RITINHA SEGUE. EDGARD VAI AO SEU ENCONTRO.

EDGARD - Vai pr'a cidade?

RITINHA - Tijuca.

EDGARD - Eu levo voce.

RITINHA - Obrigada, mas.

EDGARD - Meu jeep está ali.

RITINHA - Aliás, foi bom, até. Edgard, olha. Vou lhe pedir um favor. Não ofereça mais caronas às minhas irmãs. É favor.

EDGARD - Mas por que? Não entendo. Há algum mal?

RITINHA - (TAXATIVA) Há.

EDGARD - Escuta. Eu acho que voce. Somos vizinhos, eu moro no mesmo andar. Eu apenas quis ser gentil.

RITINHA - Já me aborreci com minhas irmãs.

EDGARD - Um momento.

RITINHA - Tenho que ir.

EDGARD - Um momento. Eu não tenho. Escuta, escuta. Não tenho - estou sendo honesto - o menor interesse pelas suas irmãs. Nenhum. O meu interesse é por voce. Só por voce.

RITINHA - Edgard, eu tenho hora marcada.

EDGARD - Não quer carona?

RITINHA - Prefiro a lotação.

EDGARD - Então vamos fazer o seguinte. Eu não ofereço mais caronas às suas irmãs. Prometo. Sob minha palavra de honra. Mas, hoje, vou comigo. Só esta vez. Deixo voce na Tijuca.

RITINHA - Ah, meu Deus!

EDGARD - Pela primeira e última vez. Juro!

RITINHA - (OLHANDO O RELÓGIO) Estou atrasada pra chuchu. Está bem. Aceito, mas escute: nunca mais, ouviu?

EDGARD - (SOPHEGO) Vamos, vamos!

RITINHA - Antes que uma das minhas irmãs me vejam.

11

RITINHA E EDGARD SE DIRIGEM PARA DUAS CADEIRAS, QUE VÃO FUNCIONAR COMO SE FOSSEM O JEEP. OS DOIS VÃO MOVER AS CADEIRAS PARA DAR ILUSÃO DE VELOCIDADE, CURVA, SOLAVANCOS, ETC. OSSUPOSTO JEEP PARTE AOS TRANCOS.

RITINHA - P'ra que essa velocidade?

EDGARD - Gosto de correr.

RITINHA - Mas calma!

EDGARD - Olha. Primeiro, vou por gasolina, ali, adiante. Posto conhecido. Vou sempre lá.

RITINHA - E a hora?

EDGARD - Rápido. Ou está com medo?

RITINHA - Medo, propriamente. Mas voce está correndo demais.

EDGARD - (NA EUFORIA DA VELOCIDADE) E se eu raptasse voce, que tal? Voce raptada, hem?

RITINHA - Não brinca assim que eu. Edgard, quer correr menos? quer?

EDGARD - Escuta. Saímos da Mada para a estrada da Tijuca. Vamos rodar.

RITINHA - Voce está maluco? Tenho hora marcada! Escuta, Edgard! Tenho que estar no colégio! Colégio das irmãs! Vamos voltar!

EDGARD - Considere-se raptada.

RITINHA - (JÁ DESATINADA) Vamos parar? quer parar?

EDGARD - (NUM HERRO TRIUNFAL) Vamos p'ras matas da Tijuca!

RITINHA - Pára, Edgard!

EDGARD - (NA SUA EUFORIA) E se eu fizesse, com voce. Sim, com voce. O que fizeram com uma moça que eu conheço. Aliás, grã-fina. O automóvel enguiçou na estrada. Cinco crioulões saíram do mato. Agarraram a moça e fizeram miséria. Legal!

RITINHA - Se voce não parar, eu salto! Eu me atiro!

EDGARD - Pois salte! pois se atire! quero ver!

RITINHA - (DESATANDO A CHORAR) Pelo amor de Deus! Não pode haver escândalo comigo. Compreenda! Lá, as irmãs são muito rigorosas! E os pais dos alunos.

EDGARD - Escuta. Deixa eu falar. Eu gosto de voce. E voce de mim. Ou não é?

RITINHA - Mentira!

- EDGARD - (NUM BERRO) O mineiro só é solidário no câncer! 12
- RITINHA - (ATÔNITA) O que?
- EDGARD - (COMO POSSESSO) O mineiro só é solidário no câncer!
- RITINHA - Olhe, Edgard. Escuta, Edgard. Não me interessa. (MUDA DE TOM) Eu sou uma moça de família.
- EDGARD - Ora!
- RITINHA - Sustento minhas irmãs e minha mãe. Leciono. Seja humano!
- EDGARD - (NUMA IRONIA HEDIONDA) Olha aqui, menina! A trôco de que, eu vou ser humano, se o mineiro. Você entende? Se o mineiro só é solidário no câncer? (COM IRRITAÇÃO) Não entendeu nada! Mulher é burra!
- RITINHA - (CHORANDO) Maldita hora!
- EDGARD - Vá lá. Vou ser humano. Volto daqui, levo você no colégio. É na Tijuca? Levo na Tijuca. Mas primeiro. Curva. Primeiro, você vai me dar um beijo.
- RITINHA - (ESGANIÇADA E FERÓZ) Nunca!
- EDGARD - Um beijo só.
- RITINHA - Desista! Edgard, olha. O que você está fazendo comigo.
- EDGARD - Vou parar por aqui. Um atalho. Não passa ninguém. E você. Ou dá o beijo ou não saímos daqui, pronto. E agora? Vai dar o beijo?
- RITINHA - Não, não e não.
- EDGARD - Sua burra! Eu podia fazer com você o que os criolões fizeram com a grã-fina. Mas não quero. Quero só um beijo. E voltamos imediatamente.
- RITINHA - (DEPOIS DE UMA PAUSA) E se eu der o beijo? Você promete? Jura?
- EDGARD - Prometo. Juro. Eu fecho os olhos. Assim. E você dá o beijo.
- RITINHA - Tira a mão. Não me segura.
- RITINHA VACILA. EDGARD ESTÁ DE OLHOS FECHADOS E DE ROSTO VOLTADO PARA ELA. RÁPIDAMENTE, RITINHA TOCA COM OS LÁBIOS A FACE DO RAPAZ.
- EDGARD - Ah, isso nunca foi beijo! Na face? Ora! Na boca! Quero na boca!
- RITINHA - (DESESPERADA) Chato!
- EDGARD - Ou me beija na boca. Ou ficamos aqui, até amanhã. Escolha.

RITINHA - Que inferno. Bem. Vou beijar, mas obrigada. Porque sou o-
brigada.

RITINHA, COM DESESPERO, APANHA O ROSTO DO RAPAZ ENTRE AS
MÃOS. E DÁ O PRIMEIRO BEIJO NA BOCA. EM SEGUIDA, TOCADA
POR UM DESEJO SÚBITO, BEIJA-O NOVAMENTE, POR CONTA PRÓ-
PRIA. EDGARD SE EXASPERA.

EDGARD - Quero mais e não resista. Quieta! Quietinha!

RITINHA - (DEBATENDO-SE) Ma largal me largal

EDGARD - Escuta, sua! Estamos sozinhos!

AO MESMO TEMPO QUE A VOZ DE EDGARD DIZ "SOZINHOS" APARECE,
À CURTA DISTÂNCIA, UM SUJEITO ESPREITANDO A CENA DE AMOR.
ESSA PESSOA TEM A CABEÇA ENROLADA EM GASE E ESTÁ VESTIDO
DE TRAPOS HEDIONDOS.

RITINHA - Não faça isso! Não, Edgard, não!

EDGARD - (DESATINADO) Fica quieta!

DO OUTRO LADO O DESCONHECIDO AVANÇA, DE RASTRO, COMO UM BI-
CHO. E SÚBITO, ERGUENDO-SE, BRANDINDO A MULETA.

DESCONECIDO - Agora sou eu! eu!

AO PERCEBER O DESCONHECIDO, EDGARD LARGA RITINHA. EM
PÂNICO, LIGA O AUTOMÓVEL E ARRANCA. O MISERÁVEL RECUA,
PARA DAR A ILUSÃO DE QUE O JEEP SE AFASTA.

EDGARD - (SOFREGO) Não chora, Ritinha, escuta. Aquele sujeito. Está
ouvindo, Ritinha?

RITINHA - (CHORANDO) Não fale comigo!

EDGARD - Aquele sujeito é um que. Saiu até uma reportagem. Acho que
no "Cruzeiro". O sujeito chama-se Nepomuceno. Tem aquela
doença. A pier do mundo. Você sabe. Aquela doença.

RITINHA - (SOINÇANDO) Juro que nunca mais!

EDGARD - (DESESPERADO DE PENA E REMORSO) Ouve, Ritinha. O que eu fiz.
Ouve. Eu reconheço que foi uma indignidade. Aquele leproso
apareceu no momento exato, exato. Foi ele que te salvou e
me salvou. E agora responde. Responde: -Você está com raiva
de mim?

RITINHA - Estou, sim. Com raiva. Ou voce queria o que? Aprendi mais,
muma hora, do que em toda a minha vida. Por que é que voce
fez isso? afinal, por que?

EDGARD - (TRISTE) Quer mesmo saber?

RITINHA - Quero.

EDGARD - Ritinha, eu quase violei porque o mineiro só é solidário no câncer.

RITINHA - (ATÔNITA) O mineiro só é como?

EDGARD - Não entendeu?

RITINHA - Eu, não.

EDGARD - Nem vai entender. Mas olha. Há uma relação! há uma relação! Ouve só: - "O mineiro só é solidário no câncer". Parece até piada. O sujeito acha graça. (EXASPERADO) - Mas essa frase tem um fundo falso. E a verdade está lá dentro. Compreendeu agora?

RITINHA - (ATONITA, REPETINDO) O mineiro só é solidário no câncer.

EDGARD - (QUASE GRITANDO) Pelo amor de Deus, entenda. Eu quis te vizentar porque essa frase está em mim, comigo, aqui, dia e noite, dia e noite. Eu acabo louco. E vou te dizer: - seria uma solução. Agora uma pergunta. Vamos mudar esse assunto. Uma pergunta: - antes de mim, voce tinha sido beijada por outro homem?

RITINHA - Nunca!

EDGARD - Eu fui o primeiro?

RITINHA - Ora, Edgard!

EDGARD - Que coisa linda!

RITINHA - Ou será que voce não percebe? Eu não tenho vida própria. Vivo p'ras minhas irmãs e p'ra minha mãe. Dependem de mim. E minha mãe. Minha mãe teve um desgosto muito grande e perdeu a memória, não reconhece mais nem as filhas. A única que reconhece sou eu. Mas me chama de D. Rita. Entendeu? Nunca homem nenhum tocou em mim.

CENA VI

PASSAGEM DE CENA. SALA DO DR. WERNECK, ELE, EXUBERANTE, BARRIGUDO, ESTÁ ENCHENDO O COPO. PRESENTES TAMBÉM O DR. PEIXOTO E A ESPOSA DO VELHO, D. LÍGIA. EDGARD APARECE POR FIM. SENTA-SE.

DR. HEITOR WERNECK - (PARA EDGARD) Voce já sabe de tudo?

EDGARD - Sim, senhor.

DR. HEITOR WERNECK - (COM UMA SATISFAÇÃO BRUTAL) Gostei da inflexão. Um "sim senhor" bem, como direi.

D. LÍGIA - (VIVAMENTE) Um momento. Com licença, Heitor. (PARA EDGARD COM SOFRIDA TERNUÇA) Voce é um rapaz novo, de forma que... Meu filho! Houve o que houve com minha filha, mas ela é...

menina mais pura. Tinha acabado de chegar do colégio interno. Posso dizer que, até aquela ocasião, nunca foi beijada por nenhum homem. Posso jurar! Juro por tudo!

DR. HEITOR WERNECK - Lígia, estamos perdendo tempo!

D. LÍGIA - (NA SUA HISTÉRIA DE PURITANA) Não havia menina mais virgem!

DR. HEITOR WERNECK - Exato. Exato. Uma menina que, ainda hoje. Ainda hoje. Se voce perguntar, digamos: _ onde é a praça Mauá? Ou a rua do Ouvidor. Não sabe. Mas vamos ao. Como é, Peixoto? Ah! Voce trabalha há 12 anos, ou mais, na companhia.

EDGARD - 11 anos.

PEIXOTO - Entrou antes de mim.

DR. HEITOR WERNECK - 11 anos. E começou de baixo. Veio do nada. Qual foi mesmo o seu primeiro posto lá?

EDGARD - Auxiliar de escritório.

DR. HEITOR WERNECK - (NUM BERRRO TRIUNFAL) Mentira!

D. LÍGIA - (ATONITA E HEPHEENSIVA) Que é isso Heitor?

DR. HEITOR WERNECK - (EXULTANTE) Mentira, dele! É mentira! Voce começou como contínuo. Contínuo! (Para Peixoto)
_ Não foi como contínuo?

PEIXOTO - Contínuo.

EDGARD - (ATONITO) Realmente, eu!

DR. HEITOR WERNECK - Contínuo! Contínuo! Portanto, não se esqueça: _ voce é um ex-contínuo! Põe isso na cabeça!

D. LÍGIA - (NUM APELO) Heitor, voce está humilhando o rapaz. (TREMULAMENTE, PARA EDGARD) Meu marido gosta de se fingir de mau. Mas é só aparência.

PEIXOTO - (PARA D. LÍGIA) Ah, o Edgard sabe! sabe!

DR. WERNECK ANDA DE UM LADO PARA OUTRO, EMPUNHANDO O COPO DE HERBIDA.

DR. HEITOR WERNECK - (NUMA CÍNICA RESSABIDA) Com licença. Eu insisto porque. Não é uma humilhação gratuita. Não absolutamente. Interessa a mim que voce seja um ex-contínuo pelo seguinte: _ porque o ex-contínuo dará valor ao dinheiro, à posição, à classe de minha filha. Por exemplo: _ eu vou lhe dar um título de sócio do Country Club. Quanto

custa, Peixoto, quanto custa um título de sócio do Country?

PEIXOTO - Dois mil contos.

DR. HEITOR WERNECK - Pois é. Dois mil contos. Para um ex-contínuo é alguma coisa. 2.500 contos! Eu quero. Quero que voce se sinta inferior à minha filha.

D. LÍGIA - (AFARANTADA) Meu marido é muito franco. Heitor, assim voce até ofende.

EDGARD ERGUE-SE

EDGARD - Posso falar?

DR. HEITOR WERNECK - Um momento. Senta, rapaz.

EDGARD OBEDECE.

DR. HEITOR WERNECK - Ainda não acabou. Voce vai se casar com a minha filha. Eu teria preferido que a menina fosse viajar. Desse uma volta pelos Estados Unidos. Mas minha mulher fez drama. Quer o casamento. Vá lá. Sabe como é: _ separação de bens!

EDGARD - Aliás, se eu me casar. Se, realmente, eu.

DR. HEITOR WERNECK - Não ouvi.

EDGARD - Eu acho que a separação de bens é o justo, o normal. E eu também prefiro.

DR. HEITOR WERNECK - (COM SARCASMO HEDIONDO) Prefere nada! Conversa! EDGARD PÔE-SE DE PÉ.

EDGARD - Mas o senhor!

DR. HEITOR WERNECK - Senta, rapaz. Essa obsessão de ficar de pé. Se - paração de bens, mas voce vai ganhar alto. A mesma coisa. Não faz diferença.

D. LÍGIA - (REVOLTADA) Voce fala como se tivesse comprado um genro! E eu não admito, Heitor. Não admito que voce trate o casamento de sua filha. A filha menor, a caçula. Como se fosse toma lá e dá cá. Heitor, o casamento é outra coisa. É um sacramento.

DR. HEITOR WERNECK - (COM UM HUMOR NÃO ISENTO DE SIMPATIA) Lúgia, não atrapalha! É gozado. Eterna mania. Lúgia, que voce seja grã-fina está certo.

D. LÍGIA - Eu não sou grã-fina.

DR. HEITOR WERNECK - A mulher pode ser grã-fina. O homem é que não pode ser grã-fino. Lúgia, o homem tem que ser na - cho! Pelo amor de Deus!

D. LÍGIA - (QUASE CHORANDO) Se voce continuar assim, eu me retiro.

DR. HEITOR WERNECK - (DIVERTIDO GROSSEIRAMENTE) Ora, meu Deus!

D. LÍGIA - (PARA OS OUTROS) Meu marido é bom!

DR. HEITOR WERNECK - Voce me considera um cafageste!

D. LÍGIA - (ATERRADA) Nunca!

DR. HEITOR WERNECK - Acha que eu faço barulho quando como!

D. LÍGIA - (DESESPERADA) Vou lá p'ra dentro. Com licença.

SAI D. LÍGIA. PARA UM MOMENTO NA PORTA. VOLTA-SE COMO SE FOSSE XINGAR O MARIDO.

D. LÍGIA - (SOLUÇANDO) Voce é bom, Heitor. Voce é bom!

DR. WERNECK FAZ UMA REFLEXÃO EM VOZ ALTA, COM CERTA MELANCOLIA.

DR. HEITOR WERNECK - Caso sério, a minha vida!

DR. WERNECK VIRA-SE PARA EDGARD, COM SUBITA CÓLERA.

DR. HEITOR WERNECK - (PARA EDGARD) É voce que quase não fala. Tudo sai de voce aos bocadinhos como titica de cabra. Fala, rapaz!

EDGARD PÔE-SE DE PÉ.

EDGARD - Vou falar, sim!

DR. HEITOR WERNECK - Mas senta!

EDGARD - Escuta aqui. É voce também, Peixoto. (PARA WERNECK) Voce. Voce não é doutor, não. É voce. Olha! Eu não vou me casar com sua filha. Não vou não! E saio do emprego. Voce enfie os 11 anos, a estabilidade! E fique sabendo. Sou um ex-contínuo. E voce um filho da puta! (NUM BERRO MAIOR) Seu filho da puta!

SEGUNDO ATO

CENA I

PROJEÇÃO DO EDIFÍCIO DE EDGARD. EDGARD COM A MÃE, NÚ DA CINTURA PARA CIMA, O RAPAZ PÔE DENTIFRÍCIO NA ESCOVA.

EDGARD - Sossega, mamãe! Estou estalando! (APONTA A FRONTE) Uma dor aqui, mamãe!

D. IVETE - Me chega bebado! Vomitou tudo! sujou o chão!

EDGARD TORCE A TORNEIRA DA PIA.

EDGARD - Mamãe! Não tem água, outra vez!

D. IVETE - (NA SUA FÚRIA DE NERVOSA) E o emprego? (MUDA DE TOM)
Toma no tanque!

EDGARD - No tanque! Esse edifício é mesmo uma vergonha, uma porcaria de edifício!

D. IVETE - Você vai ou não vai ver o Dr. Werneck?

EDGARD - (NUMA EXPLOSÃO) Não vou, já disse!

D. IVETE - Vai lá! Fala com o Dr. Werneck! Edgard!

EDGARD - Não adianta, mamãe! (MUDA DE TOM) E a água!

D. IVETE - No tanque ainda tem. Um restinho. Daqui a pouco acaba! Porque é que você não vai ao Dr. Werneck?

PROJEÇÃO DE D. IVETE E EDGARD NO TANQUE. NA FRENTE DA TELA OS DOIS VÃO VIVER, COM GESTO, A CENA DO TANQUE.

D. IVETE - Há uma semana que você está fora do emprego.

EDGARD - Apanha a panela, mamãe.

D. IVETE - Ontem, eu não tive dinheiro, p'ra ir à feira!

EDGARD - Mamãe, quer apanhar a panela, pelo amor de Deus!

D. IVETE - (ESGANIÇADA) P'ra que tanto orgulho?

EDGARD - O problema é meu!

D. IVETE - Todo dia, todo dia, você chega, aqui bêbado. Bêbado. Seu pai também era orgulhoso. E o resultado? Deu p'ra beber. Bebia! Tão orgulhoso que morreu dizendo palavrões!

EDGARD - Ora, mamãe! Não fala, Não fala do papai, mamãe!

D. IVETE - Engraçado!

EDGARD - Morreu!

D. IVETE - Você é exatinho o seu falecido pai. (MUDA DE TOM) Vou apanhar a panela. (MUDA DE TOM) Exatinho, meu Deus!

EDGARD - Olha, mamãe. Meu arrependimento. Não volto ao Dr. Werneck. Mas nem a tiro. E o meu arrependimento é não ter lhe metido a mão na cara. Sim, naquele dia. Devia ter enfiado a mão.

D. IVETE VAI DESPEJAR A PANELA.

D. IVETE - Abaixa a cabeça, anda! Baixa a cabeça.

D. IVETE DESPEJA ÁGUA NA CABEÇA, NO PESCOÇO DE EDGARD.

EDGARD - Capricha, mamãe, capricha!

D. IVETE - Abaixa!

EDGARD - (MUDANDO DE TOM) Quem está boa p'ra burro. E cada vez mais gostosa, é a Ritinha.

D. IVETE - Voce vai acabar como o seu pai!

EDGARD - A Ritinha é um negocinho!

APARECE ENTÃO, FORA DA CENA, DR. PEIXOTO E MARIA CECÍLIA.
EDGARD COMEÇA A ENFIAR A CAMISA.

EDGARD - Bagunça esse edificio! O sujeito obrigado a tomar banho de panela. É o Brasil!

D. IVETE - Seu pai fou um sujeito que.

EDGARD - (SEM OUVI-LA) que negócio da água.

D. IVETE - Estão batendo!

EDGARD - (RESMUNGANDO PARA SI MESMO) Bolas!
D. IVETE ABRE UMA IMAGINÁRIA PORTA.

D. IVETE - Ah, Dr. Peixoto!

DR. PEIXOTO - Bom dia.

D. IVETE - Tenha a bondade. Tenha a bondade.

DR. PEIXOTO - Hesso amigo está?

D. IVETE - Um momentinho!

DR. PEIXOTO - Conhece?

D. IVETE - (RISONHAMENTE) Ah!

M. CECÍLIA - Como vai?

DR. PEIXOTO - (APRESENTANDO) Maria Cecília.

D. IVETE - Boazinha?

M. CECÍLIA - Assim, assim.

D. IVETE - Volto já.

D. IVETE FAZ UMA VOLTA E CHEGA COM EDGARD.

DR. PEIXOTO - Rapaz, voce desapareceu!

EDGARD - Ah, Maria Cecília!

M. CECÍLIA - Olá!

DR. PEIXOTO - Escuta.

EDGARD - Senta, Maria Cecília.

DR. PEIXOTO - Edgard, a Maria Cecília quer falar contigo.

EDGARD - Comigo?

M. CECÍLIA - Um assunto.

DR. PEIXOTO - E outra coisa. O emprego continua lá. É teu.

EDGARD - Mas eu me despedi!

DR. PEIXOTO - O Dr. Werneck não aceita a tua demissão. Escuta, rapaz!
Voce continua ganhando.

EDGARD - Mas não é justo!

M. CECÍLIA - Papai gosta tanto de voce, Edgard.

DR. PEIXOTO - Olha!

EDGARD - Fui humilhado!

DR. PEIXOTO - Não chatei, Edgard!

EDGARD - Claro!

DR. PEIXOTO - Voce é um chato! (PARA MARIA CECÍLIA) Imagina. O Edgard é o único sujeito que ainda se ruboriza no Brasil!
(PARA O RAPAÇ) E a frase do Otto Lara?

EDGARD - Ora!

DR. PEIXOTO - A Maria Cecília também sabe, conhece,

EDGARD - Também.

M. CECÍLIA - (MELÍFUA) O mineiro só é solidário no câncer.

EDGARD - Bobagem! Piada do Otto Lara!

DR. PEIXOTO - Piada, vírgula! Por que piada? Pois olha. Eu, está ou - vindo? Cozado. A princípio, a frase do Otto faz uma coceirinha. Só. Quase uma brotoeja. Depois, é uma espinha. E no fim de uma semana vira abcesso!

EDGARD - Literatura.

DR. PEIXOTO - Escuta. A Maria Cecília quer conversar contigo e eu vou dar uma voltinha. E não te esqueças: - O mineiro só é solidário no câncer.

SAI DR. PEIXOTO.

D. IVETE - Com licença.

M. CECÍLIA - Até já.

D. IVETE SAI.

M. CECÍLIA - Eu vim aqui.

EDGARD - Lamento, Maria Cecília, lamento!

M. CECÍLIA - Mas escuta. Eu queria que voce fosse falar com papai.

EDGARD - Com seu pai, eu não falo!

M. CECÍLIA - (SÓFREGA) Nem eu pedindo?

EDGARD - Maria Cecília, eu sou filho de um homem.

M. CECÍLIA - (SUPLICANTE) Edgard.

EDGARD - Um momento. Sou filho de um homem que morreu na Santa

Casa. Aliás, no hospício. Meu pai, até a hora de 21
morrer, teve orgulho. Nunca perdeu o orgulho. Até o
fim foi orgulhoso.

M. CECÍLIA - Posso falar!

EDGARD - Desculpe.

M. CECÍLIA - Eu acho. Não sei. É uma impressão. Acho que voce tem
vergonha, sei lá, de ter sido contínuo.

EDGARD - (LM PÂNICO) Eu?

M. CECÍLIA - Voce.

EDGARD - Mas em absoluto. Ora! É por que, afinal? Vergonha ne-
nhuma.

M. CECÍLIA - Tem, sim!

EDGARD - Juro! O contínuo é um homem como outro qualquer. Um se-
humano.

M. CECÍLIA - Então, explica. Por que é que voce ficou vermelho. Fi-
cou, Edgard. Voce ficou, Vermelhinho.

EDGARD - E aliás, francamente.

M. CECÍLIA - Ficou e deixa eu falar.

EDGARD - O que eu não quero é ser grã-fino, em hipótese nenhuma.

M. CECÍLIA - Vou te dizer uma coisa.

EDGARD - Nunca!

M. CECÍLIA - Deixa eu falar? P'ra mim, eu acho que dá charme. P'ra
mim, dá. Voce ter sido contínuo. Eu me lembro quando eu
era garotinha. Voce ia lá em casa. Uma vez, levou um
cachorrinho numa cesta. Eu olhava p'ra voce e voce nem.
Uma vez voce almoçou na cozinha. Voce usava uniforme
caqui.

EDGARD - (NO SEU RESSENTIMENTO) Uniforme caqui.

M. CECÍLIA - (VIVAMENTE) Voce se ofendeu?

EDGARD - Por que?

M. CECÍLIA - Mas lindo, tão lindo ser esposa de um ex-contínuo. Ex-
contínuo. É gostoso. Acho.

MARIA CECÍLIA APANHIA ENTRE AS MÃOS O ROSTO DE EDGARD.

M. CECÍLIA - (BAIXO E SOPRIDA, COM CERTA VOLUPTUOSIDADE) Contínuo.

CENA II

NAMORO DE ALÍRIO COM AURORA NA CASA DE RITINHA. DURANTE A CENA, D.
BERTA FICA CAMINHANDO PARA TRÁS, DE UM LADO PARA OUTRO. COMO UM DELÍ

QUENTE JUVENIL, O RAPAZ BRINCA COM UM CANIVETE AMERICANO. SUA 22
DIVERSÃO É PROVOCAR O JATO DA LAMINA. E, DE VEZ EM QUANDO FALA.

ALÍRIO - (VOLUPTUOSO E CÍNICO) quando eu soube que ia haver um con-
curso de twist, já sabe. Fomos lá, eu e a turma de General
Glicério.

AURORA - Você ganhou?

ALÍRIO - (DANDO UM PASSO DA DANÇA) Barbarizei!

AURORA - Teve premio?

ALÍRIO - (SEMPRE DANÇANDO) Um isqueiro legal!

ALÍRIO PUXA O ISQUEIRO.

AURORA - Seu mascarado!

SÚBITO, ALÍRIO DÁ, COM O CANIVETE, UM GOLPE DE BAIXO PARA
CIMA.

AURORA - (PULANDO PARA TRÁS) Essas brincadeiras comigo!

ALÍRIO - (NUMA ALEGRIA MALÍGNA) Quase!

AURORA - Não brinca assim que eu não gosto!

ALÍRIO CONTINUA RISCANDO O AR COM O CANIVETE.

NADIR - Você tinha coragem de matar Aurora?

ALÍRIO - (FECHANDO A LAMINA) Se tinha? Olha. (SÚBITAMENTE GRAVE)

Eu sei que, um dia. (TRISTE, QUASE DOCE) Um dia, vou te ras-
gar, Aurora. Enfio assim e te rasgo até em cima.

AURORA - Você é chato!

ALÍRIO EMBOLSA O CANIVETE.

ALÍRIO - E como é?

AURORA - Como é o que?

ALÍRIO - Vai?

AURORA - Onde?

ALÍRIO - Lá.

AURORA - Deus me livre!

ALÍRIO - Por que?

AURORA - E Ritinha?

ALÍRIO - Não amola com Ritinha!

AURORA - Porque, olha. Se a Ritinha sabe ou desconfia é capaz de. Me
come viva! Você não conhece Ritinha. Ritinha é fogo.

ALÍRIO - Sua errada! Presta atenção? Você vai. Ela não estando em ca-
sa que mal há?

AURORA - Sei lá.

ALÍRIO - Vem cá. Olha p'ra lá, Nadir.

NADIR - (COM AFETAÇÃO) Não ligo!

ALÍRIO PUXA AURORA QUE FICA SENTADA NO COLO DO NAMORADO.
APERTA A COXA DA MENINA.

AURORA - Fica quieto!

NADIR - (DANDO RISADA) Vocês, hoje, estão impróprios p'ra menores!

ALÍRIO - (PARA AURORA) Você é engraçada! Escuta! Olha p'ra mim. É concurso de Tuíste. Você vai ser meu par. Te levo lá de automóvel e voltamos no mesmo automóvel. Te deixo aqui na porta.

AURORA - Olha essa mão!

ALÍRIO - Como é?

AURORA - Tenho medo!

ALÍRIO - Você parece até que. (VIOLENTO) Sou ou não sou legal contigo? Legal p'ra burro. E olha. Lá vai haver uma festa. Uma big festa! Casa de um velho cheio da gaita. Tem quadros na parede, um de Portinari. Portinari!

AURORA - Mas é longe!

ALÍRIO - Ora, longe. De carro, não é longe coisa nenhuma. Escuta. Avenida Niemeyer não é longe. Não é. A gente sobe, compreendeu? Sobe a Avenida Niemeyer. Depois das Furnas, pouco depois, há uma cruz. A gente então dobra. Tem um caminhezinho, que vai dar na casa.

AURORA - Tem paciência.

ALÍRIO - Aurora!

AURORA - Não vou, que coisa! Sózinha, ah não!

ALÍRIO - (ILUMINANDO) Tá aí! Boa idéia! Boa. Leva tuas irmãs. Vão com a gente, pronto. Você vai, não vai, Nadir?

NADIR - Topo.

ALÍRIO AFASTA AURORA. PÕE-SE DE PÉ.

ALÍRIO - Eu já resolvo já. Dinorá!

ALÍRIO CAMINHA PARA O FUNDO DA CENA. AO VER D. BERTA, ACOM-
PANHA A VELHA, QUE ESTÁ RECUANDO SEMPRE. NUMA BRINCADEIRA
CRUEL ELE DANÇA TUÍSTE.

AURORA - (RINDO) Ih, é moleque!

NADIR - (DANDO RISADA TAMBÉM) De morte!

AURORA - Pára, Alírio! Alírio, chega! Sujeito chato!
ALÍRIO PÁRA.

ALÍRIO - Dinorá!
VEM DINORÁ.

ALÍRIO - (ESFREGANDO AS MÃOS) O negócio é o seguinte. Tem um lugar p'ra gente ir. Bacana. Uma festa, olha: - concurso de tui-te. Quem for. Convidada mulher, claro. Ganha uma jóia. E a gente nem demora.

NADIR - Vai, sim, Dinorá!

ALÍRIO - Só falta voce. Um instantinho de automóvel.

DINORÁ - Eu não vou. E nem voce, Nadir. Voce não vai.

NADIR - Gracinha!

DINORÁ - (PARA NADIR) Voce é uma pirralha. E além disso, outra coisa.

ALÍRIO - Escuta, Dinorá.

AURORA - A gente vai e volta de automóvel.

DINORÁ - (GRITANDO) E quem fica com mamãe?

ALÍRIO - Dá-se um jeito!

DINORÁ - Ah, comigo, não!

AURORA - Voce é que é chata!

NADIR - Fala baixo!

DINORÁ - Outro dia, sabe o que Ritinha me disse? Disse a mim? Que preferia ver uma irmã morta. Morta, ouviu? Do que fazer certos papéis. Disse.

CENA III

QUARTO DE DR. WERNECK. EDGARD CHEGA. O VELHO ACABA DE TOMAR MASSA - GEM. ESTÁ NÚ, COM UM LENÇOL ENROLADO DA CINTURA ATÉ O JOELHO.

DR. HEITOR WERNECK - Entra, Edgard, entra!

EDGARD - Boa tarde, Dr. Werneck.

DR. HEITOR WERNECK - (RINDO COM SEU HUMOR BRUTAL) Como vai a frase?

EDGARD - Não ouvi.

DR. HEITOR WERNECK - Ó fapazi! A frase que voce descobriu. Do Otto!
Não é Otto?

EDGARD - Otto Lara.

DR. HEITOR WERNECK - (EXULTANTE) Acho ótima. Impressionante. E olha aqui. Sabe que o Peixoto anda espalhando a frase p'ra todo o mundo? Está fazendo o maior su

cesso. Agora os grã-finos se cumprimentam assim, de uma calçada para outra, aos berros: "Fulano! O mineiro só é solidário no câncer!"

EDGARD - (COM AMARGO RESSENTIMENTO) É uma piada besta.

DR. HEITOR WERNECK - Besta?

EDGARD - Eu acho!

DR. HEITOR WERNECK - Discordo. Mas completamente! Em absoluto e por que besta?

Rapaz, fiz uma experiencia com a minha mulher! Ontem. Foi ontem. Na hora de dormir, viro-me e digo de sopetão: "Fulana, o mineiro só é solidário no câncer". Minha mulher ficou pálida, branca, meio alada. E não dormiu. Palavra de honra. Passou a noite em claro, rapaz, em claro! As sete horas, estava com eczema no ouvido, lá dentro.

EDGARD - (NA SUA CÓLERA CONTIDA) - Dr. Werneck, vamos falar sério?

DR. HEITOR WERNECK - Estou falando seríssimo!

EDGARD - Vim aqui como homem.

DR. HEITOR WERNECK - Antes de mais nada, Edgard. Aquilo que houve entre nós dois foi, como o brasileiro diz, um mal entendido. O brasileiro é cínico p'ra burro. Vamos por uma pedra.

EDGARD - Voltei para o emprego, há dez dias. E não estou satisfeito.

DR. HEITOR WERNECK - Bolas! Vem cá, rapaz. Você se queixa de que?

EDGARD - Lá na companhia, não me dão nada p'ra fazer. Eu não faço nada! não tenho função, Dr. Werneck!

DR. HEITOR WERNECK - Foi ordem minha!

EDGARD - Ordem sua?

DR. HEITOR WERNECK - Minha!

EDGARD - Por que?

DR. HEITOR WERNECK - Ó Senhor! Edgard, presta atenção!

EDGARD - (VIOLENTO) Assim eu não quero! não aceito!

DR. HEITOR WERNECK - (FURIOSO) Eu te aumentei o ordenado, quatro vezes! Você, fique sabendo, não é um funcionário qualquer. Você é meu genro, meu futuro genro. Não precisa trabalhar.

EDGARD - (INCISIVO) Dr. Werneck!

DR. HEITOR WERNECK - Fala!

EDGARD - Eu não quero ser "o genro". Quero trabalhar. Eu sei que o pessoal lá.

DR. HEITOR WERNECK - Não dá bola!

EDGARD - O pessoal fala de mim. Nas minhas costas, diz o diabo. E eu me sinto mal. Passo o dia todinho sem fazer nada.

DR. HEITOR WERNECK - Faz o seguinte: não vai lá. Fica em casa. Vai só receber, pronto.

EDGARD - Eu não sou o Peixoto!

DR. HEITOR WERNECK - Engano. No Brasil, todo mundo é Peixoto. (MUDA DE TOM) Apanha o talco. Ali. Passa nas costas. Nas costas. Está coçando p'ra burro. Ai. Põe. Espalha. Coça um pouco, coça. Mais p'ra baixo. Coça. Assim.

EDGARD JÁ PÔS TALCO, JÁ COÇOU.

EDGARD - Eu tenho caráter!

DR. HEITOR WERNECK - Não posso conversar com esses trajes! Quando to no massagen, gozado, eu me sinto um Nero de filho. Essas sandálias, olha. São do Nero de Cecil B. de Mille. Mas ven cá. De que é que eu estava falando? Ah, caráter! Você tem caráter? Tem?

EDGARD - Tenho!

DR. HEITOR WERNECK - Pois então escuta. Quero esse casamento. De qualquer maneira. Vou fazer contigo uma experiência que eu fiz com o Peixoto. Vou testar seu caráter. É um teste.

DR. WERNECK CORRE PARA A MESA. APANHA UM LIVRO DE CHEQUE. ESCEVE. DEPOIS, PASSA O CHEQUE PARA EDGARD.

DR. HEITOR WERNECK - Toma!

EDGARD - O que é isso?

DR. HEITOR WERNECK - Cheque. Ao portador. Lê a quantia. Lê.

EDGARD - (ATÔNITO) Cinco milhões de cruzeiros!

DR. HEITOR WERNECK - P'ra ti, rapaz! De mão beijada. Cinco milhões de cruzeiros.

EDGARD - Mas por que? A troco de que? Cinco milhões?

DR. HEITOR WERNECK - É o teste! (MUDA DE TOM) O mineiro só é so- 2/
lidário no câncer, Edgard! (BAIXO) É só passar
no banco!

EDGARD - Cinco milhões!

DR. HEITOR WERNECK - (ARQUEJANDO DE FURIA) É teu o dinheiro. Mas se
voce tem caráter. E eu acredito. Se voce tem ca-
ráter. E eu acredito. Se voce tem caráter rasga
o cheque. Tão simples! Rasga e depois atira na
minha cara o papel picado. Ou voce é Peixoto,
não passa de um Peixoto!

EDGARD - (BAIXO E ATÔNITO) O mineiro só solidário do câncer.
EDGARD VIRA-SE, DR. WERNECK SAI PELO OPOSTO. EDGARD CAMINHA
E PARA DIANTE DE D. LIGIA.

D. LIGIA - (SÓFREGA) Meu filho, eu estava esperando voce.

EDGARD - Ah, como vai a senhora?

D. LIGIA - Falou com meu marido?

EDGARD - Acabei de conversar.

D. LIGIA - Eu sei que voce. Não é? Voce fará minha filha feliz. Voce
é bom. E graças. Tive muita sorte com as minhas filhas.
Tanto a mais velha, como a menor. E voce é bom. Meu mari-
do parece mau, mas é bom. Tem aquele genio. Só fogo de pa-
lha. Voce gosta muito de minha filha?

EDGARD - Naturalmente.

DR. WERNECK APARECE, DE ROUPÃO.

DR. HEITOR WERNECK - (PARA EDGARD) Voce ainda está aí?

D. LIGIA - Então, até logo. Deus te abençoe.

EDGARD - Obrigado.

DR. HEITOR WERNECK - Voce até que teve muita sorte. Minha filha con-
tinua pura. Tão pura que nem alma tem. A alma
vem com o tempo, vem depois.

CENA IV

ENTRADA DA CASA DE PEIXOTO, ELE ENTRA E CRUZA COM ARTURZINHO, QUE
NEM SAINDO.

PEIXOTO - Olá, Arturzinho.

ARTURZINHO - Costase do Fluminense?

PEIXOTO - Zezé Moreira, sei lá.

ARTURZINHO - O Valdo, o Maurinho estão fazendo uma falta danada.

PEIXOTO - Rodrigo muito lento.

ARTURZINHO - Até logo.

PEIXOTO - Cháu.

CENA V

PEIXOTO ENTRA. PROJEÇÃO DO QUARTO DO CASAL. NA CAMA, TERESA CHORA. PEIXOTO APANHA UM TRAVESSEIRO NO CHÃO.

PEIXOTO - (COM SARCASMO) Travesseiro no chão! cama daquele jeito!

TERESA - (FURIOSA) Não aborrece voce também!

PEIXOTO - (MAIS SÉRIO E INCISIVO) Escuta, Teresa. Voce sabe que eu não sou de reclamar. Sou um marido que não reclama. Mas há coisas, entende? (HESPIRA FUNDO) Coisas que não devem acontecer!

TERESA - (COM DEBOCHE) O que é que não deve acontecer?

PEIXOTO - Isso.

TERESA - Fale portugues claro!

PEIXOTO - Eu cheguei e o Arturzinho ia saindo. (COM DESESPERO HONESTO) Por que na minha casa?

TERESA - (NUM BERRA FERROZ) Minha!

PEIXOTO - (DESCONCERTADO) O que?

TERESA - (ESGANIÇADÍSSIMA) Minha! a casa é minha!

PEIXOTO - (GRITANDO TAMBÉM) Quero saber por que é que voce não vai ter seus encontros lá fora?

TERESA - (COM TRIUNFANTE CRUELDADE) Mas a casa é minha ou não é minha?

PEIXOTO - (DESATINADO) Não admito aqui dentro.

TERESA - (DE COSTAS) A casa é minha! minha!

PEIXOTO FAZ A MULHER VIRAR-SE.

PEIXOTO - Olha aqui!

TERESA - Não chateia e olha.

PEIXOTO - (QUASE CHORANDO) Aqui, não! aqui, não quero!

TERESA - Eute conheço longe. Voce nunca soube ser homem!

PEIXOTO - Esse Arturzinho!

TERESA - (NUM ACESSO) Não fala nesse cachorro. Esse palhaço. E se voce fosse homem (MUDA DE TOM) Por que é que não quebrou a cara dele? (COMEÇA A CHORAR) Veio aqui dizer que vai se casar! Com a Eliana! Também, olha: - dei-lhe uma bofetada!

PEIXOTO - (COM UM HEDIONDO SARCASMO) Dor de corno?

TERESA - Ou voce pensava que fosse o que? (DESAFORADA) Dor de corno sim! (QUEBRADA) Mas voce nem sabe o que é isso. Voce não gosta de ninguém. É incapaz. Voce já gostou de alguém?

PEIXOTO - (SÚBITAMENTE GRAVE E TRISTE) Eu gosto de alguém.

TERESA - (FEROZ) Duvido!

PEIXOTO - (DESESPERADO) Gosto!

TERESA - Mentira!

PEIXOTO - (QUASE CHORANDO) Juro! Gosto de uma mulher. Uma mulher que é pior do que voce! mais suja do que voce. Eu amo essa mulher.

TERESA - (INCISIVA) Duvido!

PEIXOTO - (NUM SOLUÇO) Amo!

TERESA - Voce é igual a esse Edgard. É outro. Não gosta de Maria Cecília! (COM ESGAR DE NOJO) Voces, puxa. São todos iguais. Não escapa um.

PEIXOTO CONTROLA O PRÓPRIO ÓDIO. AJEITA O COLARINHO.

PEIXOTO - E aquele dinheiro?

TERESA - (ATÔNITA) Que dinheiro?

PEIXOTO - De automóvel. O novo automóvel.

TERESA - (AINDA SENTIDA, SARDONICA) Ah, voce quer mais dinheiro?

PEIXOTO - Fiquei de levar o cheque amanhã de manhã.

TERESA - (NUM RISO FALSO) Mais dinheiro, hem? (E SÚBITO, TEM UMA EXPLOSAO DE DEUSA) Não leva um tostão! Um tostão! um níquel não leva!

CENA VI

FUSÃO COM A ESCOLA DO COLÉGIO DE RITINHA NA TELA, A MOÇA COM AS CRIANÇAS. RITINHA APARECE. JEEP, COM EDGARD. A MOÇA CAMINHA EM DIREÇÃO O = POSTA À DO JEEP. EDGARD MOVIMENTA O CARRO EM SUA DIREÇÃO.

EDGARD - Ritinha!

RITINHA - (EM PANICO) Pelo amor de Deus!

EDGARD - Quer uma carona?

RITINHA - (OLHANDO EM TORNO, APAVORADA) Voce está maluco?

EDGARD - Entra aqui!

RITINHA - Vai embora!

EDGARD - Ritinha, entra!

RITINHA - (DESESPERADA) Oh, meu Deus!

EDGARD - Depressa!

DESESPERADA, RITINHA OBEDECE E SOBE NO JEEP.

RITINHA - Você é um chatô!

EDGARD - Calma!

RITINHA - Eu não posso ser vista! Compreende isso!

EDGARD - Escuta.

RITINHA - Caso sério.

EDGARD - Ritinha, ouve. Não é o que você pensa, está ouvindo?

RITINHA - Você uma vez, fez aquilo comigo!

EDGARD - Vim só me despedir.

RITINHA - (ATÔNITA E MAGOADA) Despedir?

EDGARD - Vou me casar!

RITINHA - (ATÔNITA E DESOLADA) Mentira.

EDGARD - Fiquei noivo. Olha aqui a aliança.

RITINHA - (COM PENA) Quer dizer que.

EDGARD - (SOFRIDO) E como é a última vez, a última. Eu queria passar uma hora contigo.

RITINHA - Eu tenho responsabilidade.

EDGARD - Deixa de ser boba, Ritinha! Olha.

RITINHA - (NUM LAMENTO) Não.

EDGARD - Você não pode ser vista, nem eu. Mas descobri um lugar. Um lugar formidável. Fabuloso. Onde não há o menor perigo, o nor! O lugar mais discreto, cem por cento.

RITINHA - (SARDONICA) Apartamento, talvez?

EDGARD - Está vendo? Você é que é chatinha!

RITINHA - (DE PÉ ATRÁS) Que lugar!

EDGARD - Advinha.

RITINHA - Sei lá.

EDGARD - O cemitério.

RITINHA - O que?

EDGARD - Cemitério.

RITINHA - Não brinca assim. Fala sério, Edgard.

- EDGARD - Estou falando seriíssimo!
- RITINHA - Não amola.
- EDGARD - Fora de brincadeira. O cemitério é o lugar ideal. E bolei outra idéia. Vamos ao Caju.
- RITINHA - (ATERRADA) Ao Caju?
- EDGARD - Mas claro. São João Batista não interessa. Pode ter defunto conhecido lá da minha pequena. No Caju, não. Só dá cabeça de negro.
- RITINHA - Não vou! Já disse! que idéia bobal! idéia sem graça!
- NA TELA O PORTÃO DO CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO XAVIER. EDGARD E RITINHA SALTAM DO JUMP.
- RITINHA - (FURIOSA) A culpada sou eu!
- EDGARD - Chega, Ritinha! Parece matraca!
- RITINHA - Evidente! O que é que eu estou fazendo aqui? Você, noivo! É mesmo que não fosse noivo. Eu não posso gostar de ninguém.
- EDGARD - Ritinha, eu vou te dizer uma coisa.
- RITINHA - Mas não fala bonito!
- EDGARD - (DOCE) Ritinha.
- RITINHA - Eu não gosto de homem que fala bonito.
- EDGARD - Ouve. Até hoje, eu só conheci duas mulheres dignas de amor. Uma é minha noiva. Outra - você.
- RITINHA - Eu?
- EDGARD - Você.
- RITINHA - (COMOVIDÍSSIMA) Sua noiva, sim. Eu, não.
- EDGARD - Você também.
- RITINHA - Tem certeza?
- EDGARD - Ora!
- RITINHA - (SUSPIRANDO) Você não me conhece.
- EDGARD - Olha ali.
- RITINHA - O que?
- EDGARD - Um túmulo vazio. Vem cá. Chega aqui, Ritinha.
- EDGARD OLHA, FASCINADO O TÚMULO ABERTO. NA TELA, PANORAMA DO CEMITÉRIO. EDGARD SALTA DENTRO DO TÚMULO.
- RITINHA - (ESTUPEFADA) Edgard! Sai daí, Edgard!

- EDGARD - Pula também! pula!
- RITINHA - Deus me livre!
- EDGARD - (NO APELO) É a nossa despedida!
- RITINHA - Não vou!
- RÁPIDO, EDGARD APANHIA A PERNA DE RITINHA PELO TORNOZEIRO.
- EDGARD - (TRIUNFANTE) E agora?
- RITINHA - Me larga!
- EDGARD ARRANCA UM SAPATO DA MOÇA.
- EDGARD - Desce ou vai sem sapato!
- RITINHA - Você me paga!
- PULANDO NUM PÉ SÓ, RITINHA OLHA PARA UM LADO E OUTRO.
- EDGARD - Ninguém está vendo! Ritinha, não tem ninguém! Salta!
- RITINHA ESCORREGA E CAI NO INTERIOR DO TÚMULO.
- RITINHA - Doido! Doido!
- EDGARD - (SOFREGO) Eu gosto de você!
- RITINHA - Mentiroso!
- EDGARD - Adoro!
- RITINHA - (SOFRIDA) E sua noiva?
- EDGARD - Minha noiva, também.
- RITINHA - (COM AMARGURA) Gosta nada! Gosta de ninguém!
- EDGARD - Ritinha, olha. Escuta, Ritinha. Eu quero te beijar aqui.
- RITINHA - Não.
- EDGARD - E sabe lá se eu gosto de morrer com as minhas namoradas? Mas dane-se a morbidez. É o último beijo! O último. O nosso adeus! Você já me beijou, Ritinha! Agora eu quero um beijo dado!
- DE REPENTE, MUDA A ATITUDE DE RITINHA. PASSA A MÃO NA CABEÇA, COM UM JEITO PROVOCANTE E ORDINÁRIO.
- RITINHA - (ALTO E INSOLENTE) Você quer um beijo? (COM VIOLENCIA) Olha! Te dou o beijo e o resto! Tudo! Mas de graça, não!
- EDGARD - (ESTUPEFADO) De graça, não?
- RITINHA - (DURAMENTE) Três mil cruzeiros. É quanto eu cobro. Dou mil cruzeiros a dona e fico com o resto.
- EDGARD - (APAVORADO) Olha p'ra mim!
- RITINHA - (VIRANDO O ROSTO) Edgard.
- EDGARD - (DESESPERADO, APANHA O ROSTO DA PEQUENA ENTRE AS MÃOS)

quero ver tua cara.

RITINHA - (CHORANDO) Edgard, eu! eu!

EDGARD - (FLEDOZ) Fala!

RITINHA - Eu continuaria fingindo se fosse outra. Mas escuta. De voc
eu gosto. A professorinha é uma máscara. Eu sou outra coi
sa. (NUM DESESPERO MAIOR) Vou com qualquer um por dinheiro
Não me compare à sua noiva. Eu não chego aos pés da sua
noiva.

(SÚBITO APARECE, NA ILHRA DO TUMULO, O VULTO DO COVELIRO
LUSO).

COVELIRO - (COM SOTAQUE FORTE) Mas ó meninos! Que novidade é essa?
PÂNICO DO CASAL. RÁPIDO EDGARD ENFIA A MÃO NO BOLSO. TIRA
UMA CÉDULA GRANDE.

EDGARD -- Nossa amizade! Não leva a mal, mas toma, toma, toma, p'ra
uma cervejinha.

COVELIRO APANHA A CÉDULA. RISO LARGO.

COVELIRO - Vá lá! Vá!

EDGARD - Um minutinho só.

COVELIRO - DÁ mais uns beijinhos e vamos andar que isso não são locais
de bandelheiras. Daqui a pouco está aí o enterro. Vem p'ra
cá. O caro, o defunto é brigadeiro!
AFASTA-SE O COVELIRO. EDGARD O CHAMA.

EDGARD - Meu chapa!

COVELIRO - O que é que foi?

EDGARD - (NA SUA FÚRIA CONTIDA) O mineiro só solidário no câncer.

COVELIRO - (SEM ENTENDER) Deixa p'ra lá! Deixa p'ra lá!
SAI O COVELIRO.

EDGARD - Quer dizer que voce é uma.

RITINHA - (DESESPERADA) Esse nome não! Não diz essa palavra! Essa pa-
lavra não! Eu não presto. Posso ser vagabunda, ordinária,
tudo o que voce quizer. Mas adoro voce! adoro! Nem tua mãe,
nem tua noiva! Eu adoro voce.

CAI O PANO SOBRE O FINAL DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

34

CENA I

PALÁCIO DO DR. WERNECK. ESTE JOGA CARTAS COM D. LIGIA; DR. WERNECK FALA COM IRRITAÇÃO E PENA.

DR. HEITOR WERNECK - Fala! Lígia, não perde tempo.

D. LÍGIA - Você se faz de mau!

DR. HEITOR WERNECK - (QUE AO MESMO TEMPO, PRESTA ATENÇÃO ÀS CARTAS)
Toca o bonde! Toca o bonde!

D. LÍGIA - Quero um casamento simples.

DR. HEITOR WERNECK - (TIRANDO UMA CARTA) Pinóia! Oito de paus!

D. LÍGIA - (CONTINUANDO) Cerimônia íntima. Civil e religioso; em casa.

DR. HEITOR WERNECK - (ATENÇÃO ÀS CARTAS) (COM HUMOR) FERROZ) Quer dizer que você me acha bom?

D. LÍGIA - COM CERTA SIMPATIA) Está ouvindo, Heitor?

DR. HEITOR WERNECK - Sei. Casamento simples.

D. LÍGIA - E sem vestido de noiva.

DR. HEITOR WERNECK - (OLHANDO A CARTA) Valete. (MUDANDO DE TOM) Sem vestido de noiva por que?

D. LÍGIA - Ora, Heitor!

DR. HEITOR WERNECK - Mas clamo!

D. LÍGIA - Depois do que houve não seria decente!

DR. HEITOR WERNECK - Mas ninguém sabe!

D. LÍGIA - Deus sabe!

DR. HEITOR WERNECK - Deus não se mete. Aquele médico, aquele. Resolvia a situação. Mas você pensa que toda noiva é cabaco.

D. LÍGIA - Essas expressões!

DR. HEITOR WERNECK - Você sempre com essa mania de ser honesta. Ninguém é honesto. (COM HUMOR FERROZ) Você é a última honestidade que eu conheci! Hoje, já se substitui a virgindade. Você não quer, paciência. Mas esse Edgard.

D. LÍGIA - (INTERROMPENDO) Bom menino!

DR. HEITOR WERNECK - (COM SARCASMO) Bom menino! (MUDA DE TOM) Outro

dia, eu soube que esse sujeito.

D. LÍGIA - (ESCANDALIZADA) Heitor!

DR. HEITOR WERNECK - Sujeito sim. Esse sujeito tomou um porre. Deu show. E me contaram que ele berrava. Ouve, Lígia. Berrava, - "O mineiro só é solidário no câncer"! Uma besta! um pulha!

D. LÍGIA - É o seu genro! Heitor!

DR. HEITOR WERNECK - (FURIOSO) Está bem. Não quer vestido de noiva? Que mais?

D. LÍGIA - Heitor, vou lhe pedir um favor. Pelo amor de Deus, não repita mais. Essa frase! A frase do mineiro!

DR. HEITOR WERNECK - Vá lá! Vá lá!

D. LÍGIA - Heitor, eu tenho a impressão que vou morrer breve. Não duro muito.

DR. HEITOR WERNECK - (COM JOCUNDA FEROCIDADE) Vai chorar outra vez?

D. LÍGIA - (ARREBATADA) Vou! Vou chorar! Graças a Deus ainda choro! Ainda sei chorar! E o seu mal é que voce não chora! (COM MAIS FORÇA) Voce devia chorar!

DR. HEITOR WERNECK - (NUM RISO CRUEL) Boa piada!

D. LÍGIA - Heitor! Antes de morrer, quero ver minha filha casada. Quero saber que minha filha é uma menina Normal.

graças a Deus, Tereza é feliz no casamento.

Quero que Maria Cecília seja feliz como Tereza!

CENA II

NA TELA, DETALHE DO ITANHANGÁ. AO FUNDO UM MATCH DE PÓLO. EDGARD NA CERCA. PEIXOTO VEM POR DETRÁS BATE-LHE NAS COSTAS.

PEIXOTO - Olá mineiro!

EDGARD - Que piada é essa?

PEIXOTO - Não sei, mas behi, ali, um negócio. Não almocei, estomago vazio e estou achando todo mundo com cara do Alkimim. Escuta. Como vai a frase do Otto?

EDGARD - Muda de chapa!

PEIXOTO - (COM HUMOR FERROZ) Mas espera lá! A frase do Otto é uma pro-

moção tua!

EDGARD - Antes que eu esqueça. Escuta, Peixoto!

PEIXOTO - Você se zangou?

EDGARD - Não é nada disso! Olha aqui: _ o meu casamento. Vocês pensam que me compraram e que eu me vendi. Pensam.

PEIXOTO - (COM ALEGRE ESCANDALO) Está com vergonha de mim?

EDGARD - Não chateia!

PEIXOTO - (COM A MESMA EFUSÃO) Eu também sou mau caráter!

EDGARD - (DESESPERADO) Eu não sou mau caráter. Não admito, ouviu? está ouvindo?

PEIXOTO - Mas hoje em dia. Escuta. No Brasil, quem não é canalha na véspera, é canalha no dia seguinte. O Otto está certo. O meu neiro só é solidário no câncer.

EDGARD - Você está bêbado, Peixoto. Mas ouve. Cala a boca!

PEIXOTO - Fala!

EDGARD - Fique sabendo. Vocês não me compraram. Eu não me vendi. Aceitei esse casamento porque. Já conhecia Maria Cecília. Sempre achei que podia me apaixonar por Maria Cecília.

PEIXOTO - (COM DEBOCHE) E a tua vizinha?

EDGARD - Que vizinha?

PEIXOTO - A tal!

EDGARD - Aquilo não foi nem flerte. E, ainda por cima, uma vigarista. Mas ouve. Eu já gosto de Maria Cecília.

PEIXOTO - Posso falar?

EDGARD - (OLHANDO EM TORNO) Estou esperando Maria Cecília!

PEIXOTO - É rápido.

EDGARD - Ela deve estar estourando.

PEIXOTO - Acaba logo. Você diz que eu estou bebado. Mas escuta. Toda a família tem um momento, um momento em que começa a apodrecer. Percebeu? Pode ser a família mais decente, mais decente, mais digna do mundo. E lá um dia, aparece um tio pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão, um cunhado louco. Tudo ao mesmo tempo. Está ouvindo Edgard?

EDGARD - Acaba.

PEIXOTO - (LENTO) Com minha autoridade de bebado, te digo: a família

da minha mulher, de tua noiva, começou a apodrecer. E, 37
nós, eu e voce, também, Edgard, também!

EDGARD - (RECUANDO) Eu me recuso!

PEIXOTO - (CARICIOSO E TERRÍVEL) Voce se recusa a apodrecer?

EDGARD - (DESESPERADO) Eu não me vendi! E olha! Eu não sou voce!

PEIXOTO - Sua besta! Voce ainda esperneia. Ainda. Eu também espernea-
va. E depois. (COM MAIS FORÇA) Voce vai acabar como eu. Vai
cair de quatro. De quatro diante do dinheiro! Sabe o que é
dinheiro? O tutu?

EDGARD - (FURIOSO) Voce é de uma sordidez que.

PEIXOTO - E quem é voce p'ra me chamar de sórdido? Ou se esquece que
foi voce que descobriu a frase de Otto? (FEROZ) E queres sa-
ber duma? Não há ninguém que trepe na mesa e diga: - "Eu
sou um canalha"! Pois bem, eu digo! "Eu sou um canalha!"
Digo isso de boca cheia! Sou um canalha!

EDGARD - Maria Cecília vem aí.

PEIXOTO - (BAIXANDO A VOZ) Edgard, vamos apodrecer juntos. Bye, bye!

CENA III

PEIXOTO AFASTA-SE. EDGARD E MARIA CECÍLIA ENTRAM NO JEEP. NA TELA, SU-
BESSÃO DE PAISAGENS, COMO SE O CARRO É QUE ESTIVESSE EM MOVIMENTO.

M. CECÍLIA - Vamos aquele lugar?

EDGARD - Não prefere outro?

M. CECÍLIA - Não. Quero lá.

OS DOIS SALTAM DO JEEP. ESTÃO MARAVILHOSAMENTE SÓS.
DEITAM-SE NO CHÃO.

M. CECÍLIA - Isso é tão lindo!

EDGARD - (OLHANDO EM TORNO) Escuta, Maria Cecília. Vamos voltar?

M. CECÍLIA - Mais um pouquinho.

EDGARD - Olha, meu bem!

M. CECÍLIA - Então, voce acha que eu não sei beijar?

EDGARD - (OLHANDO EM TORNO) Acho melhor a gente ir embora.

M. CECÍLIA - Responde.

EDGARD - Esse lugar aqui é meio perigoso. Podemos ser assaltados.
Não passa ninguém, nada, por aqui.

M. CECÍLIA - Primeiro responde. Não sei beijar?

EDGARD - Sabe.

- M. CECÍLIA - Você disse que não.
- EDGARD - Você, meu bem.
- M. CECÍLIA - Como é que se beija?
- EDGARD - Ora!
- M. CECÍLIA - Diz!
- EDGARD - É o seguinte. (MUDA DE TOM) Vamos sair daqui? Isso aqui é
- M. CECÍLIA - Responde, Edgard.
- EDGARD - (MAIS INCISIVO) Você beija de boca fechada. Você fecha a boca.
- M. CECÍLIA - Como é que se faz?
- EDGARD - Vamos agora?
- M. CECÍLIA - Como é que se faz?
- EDGARD - Beijo não é assim. Beijo de amor, naturalmente. A gente abre. Ouviu? Abre a boca, porque.
- M. CECÍLIA - (INTERROMPENDO, VIVAMENTE) Você me acha muito criança, he? ba, não acha?
- EDGARD - (INCERTO) Bem.
- M. CECÍLIA - Acha?
- EDGARD - Um pouco. Mas olha. Eu te ensino como se beija. Chega aqui.
- M. CECÍLIA - Agora não!
- EDGARD - Por que?
- M. CECÍLIA - Não, Edgard. Um dia. Eu prometo. Um dia, eu te dou, escuta Edgard! te dou um beijo de verdade!
- EDGARD - Está certo. E nem eu. Quero que você me compreenda. Eu não sei forçar. Eu.
- M. CECÍLIA - (DESLIGADA) Tarde linda!
- EDGARD - Explica.
- M. CECÍLIA - (EM SONHO) Você não acha isso aqui lindo?
- EDGARD - Me explica. É uma pergunta. Por que é que, todas as tardes, você me traz aqui. Sempre no mesmo lugar. E você fica de cabeça baixa.
- M. CECÍLIA - Rezando.
- EDGARD - Como se resasse.
- M. CECÍLIA - Estou rezando.

EDGARD - O que é que tem este lugar?

M. CECÍLIA - (FEBRIL) Foi aqui.

EDGARD - O que?

M. CECÍLIA - Vem cá, anda! Está vendo? Foi aqui que aconteceu tudo!

EDGARD - Mas vamos embora.

M. CECÍLIA - Não.

EDGARD - Você conta no carro.

M. CECÍLIA - (SEM OUVI-LO) Olha ali. Foi lá que enguiçou o carro. Lá, onde está o nosso. Ali. Um dia. (MUDA DE TOM) O Peixoto estava me ensinando a guiar.

EDGARD - O Peixoto?

M. CECÍLIA - O carro morreu e ele saltou para ver o defeito..

MARIA CECÍLIA ENCAMINHA-SE PARA UMA ÁREA DE LUZ. PEIXOTO APARECE. EVOCAÇÃO DO EPISÓDIO.

M. CECÍLIA - O que é que é?

PEIXOTO - Sei lá. Vai ver que é o carburador. É uma droga!
DO OUTRO LADO DA ESTRADA SURGEM CINCO HOMENS, TODOS NEGROS.

NEGRO - Vai lá, Negro!

OUTRO - Mete as caras!
NEGRO ERGUE-SE E AVANÇA.

NEGRO - Como é, meu chapa? Quer uma mãozinha?

PEIXOTO - Ola! O filtro do carburador.

M. CECÍLIA - E por aqui não passa automóvel.

NEGRO - Deixa eu dar uma espiada.

PEIXOTO - Caso sério.
NEGRO METE A CABEÇA NO MOTOR.

NEGRO - Tem uma chave?

PEIXOTO - Chave?

NEGRO - De parafuso?

PEIXOTO - Ah, de parafuso! Tem aqui.
PEIXOTO APANHA UMA CHAVE e DÁ AO NEGRO.

NEGRO - Espia. (APONTA) É ali.

PEIXOTO METE A CABEÇA NO MOTOR. ENTÃO, O OUTRO, POR TRÁS, DESFER TREMENDO GOLPE NA DE PEIXOTO. ESTE CAI, COM UM GEMIDO.

M. CECÍLIA - (APAVORADA) Que é isso?

OS OUTROS NEGROS IRROMPEM DA MATA E FAZEM O CERCO, ÀS GARGALHADAS. MARIA CECÍLIA TENTA A FUGA IMPOSSÍVEL. NA TELA, O ROSTO ENSANGÜENTADO DE PEIXOTO. MARIA CECÍLIA CORRE PELO PALCO COM OS CRIoulos ATRÁS. NA TELA, A CARA DE MARIA CECÍLIA DESFIGURADA PELO PAVOR. E, NO PALCO, O NEGRO ALCANÇA E DOMINA MARIA CECÍLIA.

M. CECÍLIA - (ESGANIÇADA) Não! Não!

NEGRO - (JOCUNDO E FERROZ) Um beijo! um beijo!

M. CECÍLIA - (NO MEDO SELVAGEM) Não quero! (MAIS FORTE) Não quero!

NEGRO - (MAIS VIOLENTE) Sua! Me dá o beijo!

OUTRO - (DEBOCHADO) Dá, filhinha, dá!

NEGRO - (JÁ ENFURECIDO) Beija o negro!

M. CECÍLIA - (ENLOUQUECIDA) Meu pai é rico! Meu pai dá dinheiro!

NEGRO - Ou tu me acha negro? Então, me xinga de negro!

M. CECÍLIA - Dou dinheiro!

OUTRO - (EM FALSITE) (ÀS GARGALHADAS) Papai é rico! Papai dá dinheiro!

NEGRO - (POSSESSO) Me xinga! me xinga!

M. CECÍLIA - (COMO LOUCA) Negro! negro! negro! negro!

NEGRO - Quem me chamar de negro, morre! Eu mato! Eu não sou negro!

NEGRO CARREGA MARIA CECÍLIA. FOGE PARA A MATARIA.

M. CECÍLIA - (GRITANDO) Meu pai é rico! eu dou dinheiro!

DURANTE TODA A CENA, OS OUTROS FAZEM UM GRANDE ALARIDO.

RIEM EM FALSITE, PULAM COMO ÍNDIOS E ATIÇAM O NEGRO.

FORA DE CENA, MARIA CECÍLIA GRITA AINDA, NA SUA OBSESSÃO DE RIQUEZA.

M. CECÍLIA - Meu pai é rico! Dinheiro! Dinheiro!

PEIXOTO RECUPERA OS SENTIDOS. LEVANTA-SE, CAMBALEANTE.

VAI APANHAR MARIA CECÍLIA. VOLTA CARREGANDO A MENINA.

NOVAMENTE MARIA CECÍLIA COM EDGARD.

EDGARD - (DESESPERADO) Mas por que o Peixoto não matou os caras, um por um?

M. CECÍLIA - Desarmado.

EDGARD - (FORA DE SI) Numa hora dessas, o sujeito não desmaia. O sujeito mata! tem que matar!

M. CECÍLIA - Edgard. Um dos miseráveis se chamava "Cadelão". Foi esse⁴¹ que. O primeiro. Mandava nos outros. "Cadelão"! De vez em quando eu ouço uma vez repetindo: _ "Cadelão". Por isso eu não sei beijar. E acho o beijo. Desculpe, sim?

EDGARD - Acha o beijo.

M. CECÍLIA - Acho o beijo, nem sei. O beijo é uma coisa que.

EDGARD - Maria Cecília, quero te dizer que. Respeito seu sofrimento. E compreendo.

M. CECÍLIA - (FEBRIL) O pior voce não sabe. Telefonaram lá p'ra casa.

EDGARD - Quem?

M. CECÍLIA - (FEBRIL) Sei lá. Voz de homem. Uma vez. O sujeito só disse isso: "Maria Cecília, voce gostou de ser violada". Que eu gostei de ser violada. E desligaram.

EDGARD - Miserável! É um agente!

M. CECÍLIA - (REBMUNGANDO) E se voce. Estamos sozinhos. Lugar deserto. Ninguém. Se nós dois. E se voce que nunca me beijou. (O ROSTO DE MARIA CECÍLIA É UMA MÁSCARA CRUEL)

EDGARD - Vem cá, Maria Cecília! Maria Cecília!

M. CECÍLIA - Se voce quisesse me beijar à força. Você! Quisesse fazer _ voce sozinho _ o que aqueles cinco homens. Mas não tem coragem. É covarde.

EDGARD - (NUM APELO) Meu amor.
MARIA CECÍLIA CORRE PELO PALCO NUM PANICO FERROZ. PERSEGUIÇÃO DE EDGARD. ELA CAI. EDGARD POR CIMA DE MARIA CECÍLIA.

EDGARD - (DESESPERADO) Maria Cecília. Eu não toco num fio dos teus cabelos!

M. CECÍLIA - (AOS SOLUÇOS) Ah, querido! O sujeito que me telefonou. Só pode ser o "Cadelão"!

EDGARD - (ATONITO) Mas o cadelão não é negro? O negro boçal? Não daria "violada". É uma palavra que. Entende? Não usaria a palavra "violada"!

M. CECÍLIA - (SOLUÇANDO) Tenho medo! Medo!

CENA IV

PROJEÇÃO DO EDIFÍCIO ONDE MORAM RITINHA E EDGARD. A MOÇA ESPERA O RA - PAZ.

RITINHA - Eu queria explicar.

EDGARD - Ritinha, não adianta. E nem interessa.

- RITINHA - Edgard, voce não sabe o que é.
- EDGARD - Sei.
- RITINHA - (QUASE CHORANDO) Não sabe. Eu queria apenas. Presta atenção. Eu não era assim. Juro! Era direitíssima!
- EDGARD - (VIOLENTO) Quer dinheiro?
- RITINHA - (DESESPERADA) Não me humilhe, Edgard.
- EDGARD - De mim, não leva nada! um níquel!
- RITINHA - (CHORANDO) Eu quero contar a minha história. Só isso! Quer me ouvir, Edgard?
- EDGARD - Está perdendo o seu tempo! Ritinha, eu não quero ouvir história nenhuma!
- RITINHA - Edgard!
- EDGARD ARRANHA O CHEQUE.
- EDGARD - Está vendo isso aqui? -É um cheque!
- RITINHA - Ouve, Edgard!
- EDGARD - Um cheque! Cinco milhões de cruzeiros!
- RITINHA - (SEM OUVI-LO E QUERENDO FALAR MAIS ALTO)
Eu sou o que sou porque.
- EDGARD - (SEM OUVI-LA TAMBÉM) Cheque! Enquanto eu não rasgar isto aqui, eu serei um canalha!
- RITINHA - (FORA DE SI) Minha mãe era tesoureira dos Correios e Telégrafos. Funcionária antiga.
- EDGARD - Eu podia rasgar este cheque agora, neste momento.
- RITINHA - Pelo amor de Deus! escuta!
- EDGARD - (FURIOSO) Quem tem razão é o Otto. A frase do Otto é genial. E não adianta voce contar história nenhuma. Não adianta. Enquanto eu não rasgar este cheque. Ou eu rasgo este cheque ou então a frase do Otto é a verdade.
- RITINHA - (VIOLENTA) Ou voce me ouve.
- EDGARD - Ou eu te ouço.
- RITINHA - (VIOLENTA) Eu tenho a mania do suicídio! Só não me matei, ainda, porque tenho a minha mãe e as minhas irmãs. Por isso! Mas se voce não quizer me ouvir, eu me atiro. Atiro debaixo do primeiro ônibus. Voce duvida?
- EDGARD - (ARQUEJANTE) Então conta. Conta.
- RITINHA - Quero que Deus me cegue se minto. Um dia, houve um roubo,

nos Correios. Desapareceu uma quantia grande. Minha mãe ⁴³ era a responsável. Fizeram uma Comissão de Inquérito. Então eu fui falar com o Presidente. O Presidente da Comissão. Está ouvindo, Edgard?

EDGARD - (ABSTRATO) O mineiro só é solidário no câncer. (MUDA DE TOM) Continua.

CENA V

RITINHA AFASTA-SE. EVOCACÃO DO EPISÓDIO NARRADO. RITINHA COM O PRESIDENTE DA COMISSÃO.

VELHO - (FURIOSO) São os fatos! os fatos!

RITINHA - (AOS SOLUÇOS) Em 20 anos minha mãe não teve uma falta! Não usou nem a licença prêmio!

VELHO - (SARCÁSTICO) São outros quinhentos! outros quinhentos! (COM SÚBITA FÚRIA) Menina! Roubou! Pronto! Sua mãe rou - bou! Todas as suspeitas, entende? Roubou!

RITINHA - Minha mãe é incapaz! Incapaz de tirar um tostão! Nós passamos privações!

VELHO - Você é filha. E a filha não aceita. Não conhece. (BERRO SÚBITO) - Vai-se fazer justiça dea a quem doar. E eu não vou me sujar! Minha folha de serviço! Ou você pensa que. Está muito enganada. Não sou moleque e nem adito.

RITINHA - (CHORANDO) Quer dizer que?
O VELHO BAIXA, SÚBITAMENTE, A VOZ. AGARRA RITINHA POR UM BRAÇO.

VELHO - Estou sendo duro por causa dos outros. Estão ouvindo. Uma corja! (MUDANDO O TOM BERRANDO OUTRA VEZ) Afinal, os meus anos de serviço! Eu tenho netos! Netos! (BAIXO SOPRUGO E PASSANDO O LENÇO NA TESTA) Tenho muita peninha de si.

RITINHA - Pelo amor de Deus!

VELHO - Vamos fazer o seguinte: você vem aqui no domingo.

RITINHA - (ATONITA) Mas abre no domingo?

VELHO - (LIMPANDO O PIGARRO) Tenho chave. Domingo não tem ninguém e podemos conversar. Conversar. Entra por aquela porta ao lado. Deixa encostada, você empurra e entra. O negócio tem de ser discretíssimo. Conversaremos e. Não prometo nada. Depende. Mas quem sabe?
O VELHO AFASTA-SE, SEM SAIR DO LUGAR, RITINHA VIRA-SE E COMEÇA A FALAR PARA EDGARD.

- RITINHA - Voltei lá no domingo. Porta apenas encostada. Entrei. **
- VELHO - (ESFREGANDO AS MÃOS) Agora é outra coisa. Estamos sózinhos. Aqui curve-se tudo. É uma gente que. Mas como é? Nervosa?
- RITINHA - Mamãe acha e disse.
- VELHO - (VIVAMENTE) Sua mãe é uma colega como poucas. Distintíssima. (INCISIVO) Sabe que sua mãe depende de mim? Sabe? Só de mim?
- RITINHA - Sei. Sei.
- VELHO - (MUDANDO DE TOM E MELÍFLUO) Pois é. Chorando por que? (NOVAMENTE INCISIVO) O que eu quizer, os outros assinam em cruz. É o que eu quizer! Agora responde: _ Você quer salvar sua mãe? Sim ou não?
- RITINHA - Mas que é isso? Não faça isso!
O VELHO ESTÁ QUERENDO PUXAR O DECOTE DE RITINHA. ESTA RECUA, APAVORADA.
- VELHO - (RECUANDO) Está bem. Eu não toco em você. Me afaste. Fique de longe. E você. Você, mesma, você. Puxa um pouco o decote. Um pouco. O decote.
- RITINHA - Não quero! O senhor não pode!
- VELHO - (FORA DE SI) Ou prefere. Escuta, menina! Prefere que eu penha sua mãe na cadeia? Prefere? Depende de mim! de mim!
(MUDA DE TOM SÚPLICE) Estou pedindo o mínimo! o mínimo!
- RITINHA - (CHORANDO) O senhor está abusando de mim!
- VELHO - (DESESPERADO DE DESEJO) O mínimo! No médico, a mulher! Os médicos despen! (NUMA SÚPLICA ABJECTA) No exame de câncer, a cliente fica nua! em pelo! Você mostra o seio. Eu só olho. De longe. Não toco em você. Fico aqui. Olhando, apenas. O mínimo! E salvo sua mãe. Agora escolha.
(PAUSA) _ Estou esperando.
- RITINHA - (DESESPERADA) O senhor jura que minha mãe não será presa?
- VELHO - (VIOLENTO) Eu sou homem de bem! homem de uma palavra só!
(MUDA DE TOM) (NOVAMENTE COM HUMILDE DESEJO) Juro! Juro e que você quizer! Agora mostra!
PAUSA, RITINHA PUXA O DECOTE, UM SEIO APARECE. E ENTÃO O VELHO AVANÇA E ATRACA RITINHA.
- RITINHA - Não! Não!
- VELHO - Quieta! Olha que eu te! No médico, não há pudores!

- RITINHA - (ESGANIÇADÍSSIMA) Pelo amor de Deus!
SOLUÇOS FERÓZES DE RITINHA. DEPOIS, O VELHO RECUA.
RITINHA AINDA CHORA UM POUCO, VIRA-SE ENTÃO PARA EDGARD
SEM SAIR DO LUGAR.
- RITINHA - (NO SEU DESESPERO) Lá mesmo! Em pé! em pé! E, depois, me
mandava ir, fora do expediente. Prometia, prometia! Le-
vou nisto um mês. Até que um dia,
O VELHO REAPARECE.
- RITINHA - O resultado do inquérito. Foi contra mamãe, o resultado
do inquérito!
- VELHO - (FORMAL E MALÍGNO) Exato. Contra sua mãe, naturalmente.
- RITINHA - (FORA DE SI) Mas o senhor prometeu! O senhor disse!
- VELHO - (VIOLENTO) Em primeiro lugar, não grita! Aqui quem grita
sou eu!
- RITINHA - O senhor abusou de mim dizendo que.
- VELHO - (COM TRIUNFANTE CRUELDADE) Escuta aqui. Os médicos, quan-
do tiram suas casquinhas e as clientes protestam, eles di-
zem: _ "Neurótica! neurótica!" Eu tenho a minha saída! Di-
go que voce é uma neurótica. Ou vigarista.
- RITINHA - Cínico.
- VELHO - (AOS BERROS) Ó sua eschorra! Tem coragem de! Fala assim
comigo que eu te. Nós temos aqui uma pelícia particular.
Vece entra na borracha! Mulher aqui apanha também! Quer
fazer chantagem comigo, sua sem-vergonha!
DESAPARECE O VELHO. RITINHA VOLTA PARA EDGARD.
- RITINHA - (CHOROSA) Compreende agora?
- EDGARD - (ATÔNITO) Duas violadas!
- RITINHA - Mas curvin? Eu não nasci vagabunda. Me fixaram isso.
- EDGARD - (SEM OUVÍ-LA) Na minha vida, duas pequenas que. (MUDA DE
TOM) Violadas.
- RITINHA - (VEEMENTE) Eu tive que arranjar o dinheiro. P'ra repor.
O dinheiro. De qualquer maneira.
- EDGARD - (NO SEU DESPREZO) É a frase do Otto. Tudo é a frase do
Otto. Se o cara te violentou. Se eu não rasgo o cheque.
(PUXA O CHEQUE). Está aqui e não rasgo. Por causa da fra-
se do Otto.
- RITINHA - (SEM ENTENDER E DESESPERADA) Eu gosto de voce! gosto,
Edgard!

- EDGARD - Ritinha, A frase do Otto é mais importante do que "Os Sertões" de Euclides da Cunha. 46
- RITINHA - De quem?
- EDGARD - Euclides da Cunha. O escritor.
- RITINHA - (NA SUA DOÇURA E INOCÊNCIA) Érico Veríssimo também é bom!
- EDGARD - (IRRITADÍSSIMO) Estou falando de. Ora bolas!
RITINHA APANHA A MÃO DE EDGARD.
- RITINHA - Você está com febre? Está, sim. Quente!
- EDGARD - (REALMENTE FEBRIL) Ritinha! A frase do Otto. Está ouvindo? A frase do Otto é mais importante do que todo o Machado de Assis!
- RITINHA - (SÓFREGA) Você está exaltado!
- EDGARD - (OFEGANTE) Não sei mais nada!
- RITINHA - (NA SUA MEIGUICE) Lá no cemitério, eu falei aquilo. Do dinheiro. Mas foi, olha. Via você tão ilndido. Eu não queria enganar você. Quis mostrar que eu, afinal de contas. Mas eu não aceitaria nada de você. Só amor. Você é o único que.
- EDGARD - (AGARRANDO A MENINA PELOS DOIS BRAÇOS) Ritinha, a frase do Otto é que é o câncer!
OS DOIS SAEM EM DIREÇÃO CONTRÁRIA.
EDGARD DESAPARECE. RITINHA CONTINUA EM CENA.

CENA VI

TEM AO SEU ENCONTRO O PORTEIRO DO EDIFÍCIO.

- OSIRIS - Ah, D. Ritinha! Que sorte!
- RITINHA - O pequeno piorou?
- OSIRIS - Quase bom. Não é isso. D. Ritinha, telefonei p'ra senhora. Lá p'ra o colégio. Imagine, o Alírio. Saiu com suas irmãs. As tres.
- RITINHA - Com minhas irmãs?
- OSIRIS - (SÓFREGO) Saiu. Eu ouvi, por acaso. Fui mudar uma lampada no quinto andar. E ouvi a conversa. Eles foram a uma festa. E, como hoje é dia da senhora dormir no colégio.
- RITINHA - (DESESPERADA) Deixaram mamãe sozinha? (FRENÉTICA) Onde é esta festa?
- OSIRIS - Quem pode saber, p'ra onde foram, é o Zé Cláudio.
- RITINHA - (FORA DE SI) Que Zé Cláudio?

OSIRIS - Aquele. A senhora não se lembra? Um que. Pois é. Esse o Zé Cláudio está na sinuca. O Zé Cláudio.
RITINHA CORRE, DESATINADA. OSIRIS VAI AO SEU ENCALÇO.
ALCANÇA A MOÇA.

OSIRIS - D. Ritinha, parece que a festa é lá p'ros lados do Leblon. Uma coisa assim. Leblon. Avenida Niemeyer, parece.

RITINHA - (ATÔNITA) Av. Niemeyer? Barra da Tijuca? Então, é curral curral! Mas os caras que tocarem nas minhas irmãs hão de morrer de câncer na língua! Vão morrer!

CENA VII

QUARTO DE EDGARD. ESTE, SENTADO NUMA EXTREMIDADE DA CAMA, COM O CHEQUE NA MÃO E O ISQUEIRO NA OUTRA. ELE ACENDE E APAGA O ISQUEIRO. APROXIMA A CHAMA DO CHEQUE, MAS SEM CORAGEM DE QUEIMÁ-LO. ENTRA DR. PEIXOTO.

PEIXOTO - Vim te buscar.

EDGARD - (SEM ERGUER A CABEÇA) P'ra onde?

PEIXOTO - Que cara é essa?

EDGARD - Doente.

P PEIXOTO SENTA-SE NA CAMA AO LADO DE EDGARD.

PEIXOTO - Quer ver como eu sou psicólogo? Tua doença é a frase do Otto. Não é?

EDGARD - Vá a merda, Peixoto! vá a merda!

PEIXOTO - É eu não é?

EDGARD - (FURIOSO) Está pensando que eu sou alguma idiota? Que eu sou o que? Frasecintamente cretina. Frase do Otto!

PEIXOTO - (MACIO) Confessa, Edgard!

EDGARD - (NA SUA IRA) Ora vá! (MUDA DE TOM, INCOERENTE, SONRIDO)
Peixoto! Passei a noite, todinha, acendendo e apagando o isqueiro, querendo queimar este cheque e sem coragem.

PEIXOTO - Não tem fundos?

EDGARD - (SEM OUVÍ-LO) Desisto! É a frase do Otto! É, sim, que me impede de queimar esta porcaria!

PEIXOTO - Se tem fundos, deixa de ser besta. Escuta, Edgard. Guarda isso.

EDGARD ESTÁ PONDO O CHEQUE NA CARTEIRA.

PEIXOTO - Onde. Você vai seecasar. É preciso conhecer a família. A família de sua mulher. Edgard, você quer saber quem é o Dr. Werneck. O teu sogro? Quer?

EDGARD - Sogro, não interessa.

PEIXOTO - (INCISIVO) Interessa.

EDGARD - (CONTINUANDO) A família que se dane! Só me interessa a pequena. Maria Cecília. Ouviu? E eu conheço Maria Cecília.

PEIXOTO - Mas Edgard!

EDGARD - (VEEMENTE) Peixoto, voce não entende. Olha. Houve o que houve com Maria Cecília. Foi violada por cinco criouloes. E basta. P'ra mim, é sagrada, pronto! Peixoto, eu não vou desiludir a menina que. Não vou. Foi violada.

PEIXOTO - Sua besta! O teu sogro dá uma festa. Um negócio, rapaz! Ah, só voce vendo! E voce vai lá comigo. Vamos juntos, Edgard.

EDGARD - Não vou!

PEIXOTO - Mas vale a pena. Aquilo que eu disse. (SOLENE) Edgard, é uma família que começou apodrecer.

CENA VIII

PALACETE DA GÁVEA. DR. WERNECK JÁ BEBADO, FALA PARA O GRÃ-FINOS.

DR. HEITOR WERNECK - Bem. É o seguinte. Vamos fazer uma brincadeira. VOZES. RISOS.

Silêncio! Fontainha! Cala a boca! Uma brincadeira.

1º GRÃ-FINO - Como é o negócio?

2º GRÃ-FINO - Deixa o Werneck falar!

DR. HEITOR WERNECK - O negócio é psicanálise. Psicanálise. Assim. olha. O divã (WERNECK VAI ATÉ O DIVÃ) O divã está aqui.

2º GRÃ-FINO - P'ra que divã?

1º GRÃ-FINO - Voce é analfabeto, hem, rapaz?

DR. HEITOR WERNECK - Mas calma! (DIDÁTICO) O freguês deita-se no divã. Como na psicanálise. O que está deitado conta as próprias sujeiras.

3º GRÃ-FINO - Qual é a graça?

DR. HEITOR WERNECK - (COMO UM CAMELO) Vai querer? Primeira!

1º GRÃ-FINO - Eu!

DR. HEITOR WERNECK - Um momento. Só mulher! Mulher tem mais graça. (NUM BERRA MAIOR) De preferencia, mulher casada com o marido presente. Quem se habilita?

1º GRÃ-FINO - (PARA A MULHER) Vai voce! Vai!
A MULHER ERGUE O DEDO.

ANA ISABEL - Eu!
PALMAS.

- DR. HEITOR WERNECK - Muito bem. Deita aqui, Ana Isabel. Pode deitar.⁴⁹
(PARA O MARIDO) Marido progressista. Permitiu que a própria esposa. Agora, silêncio.
- 1ª GRÃ-FINO - Por que essa chata não morre?
- ANA ISABEL - Meu marido hoje está brechadíssimo!
ANA ISABEL DEITA-SE.
- 3ª GRÃ-FINO - Quero tirar as minhas calças!
- ANA ISABEL - Essa luz em cima de mim é que está chato!
- 1ª GRÃ-FINO - Apaga a luz!
- DR. HEITOR WERNECK - Fica quieto, Fontainha. Não apaga nada. Tem que ser no claro. (PARA OS OUTROS) Vamos parar com esse barulho! Silêncio! Vou começar.
- 2ª GRÃ-FINO - Pergunta quantas vezes ela traiu o marido.
- DR. HEITOR WERNECK - (COM VOZ FORTE) Ana Isabel! Qual foi o seu michê mais baixo?
- ANA ISABEL - Não me lembro.
- DR. HEITOR WERNECK - (POSSESSO) Responda, Ana Isabel! Não admito pudores. Você pertence a uma família formidável. Não interessa. Tem que dizer tudo. Qual foi o seu michê mais baixo? O mais baixo?
- ANA ISABEL - (VIOLENTA E ESGANIÇADA) 75 cruzeiros.
- DR. HEITOR WERNECK - Por que os quebrados?
- ANA ISABEL - O sujeito deu tudo o que tinha. 75 cruzeiros.
ANA ISABEL PÔE-SE DE PÉ NO DIVÃ.
- DR. HEITOR WERNECK - Onde foi?
- ANA ISABEL - (FRENÉTICA) Agora eu vou dizer tudo! tudo!
(OFEGANTE) Foi em Brasília. Na inauguração. O rapaz trabalhava numa obra. Descalço. Imundo.
- DR. HEITOR WERNECK - Silêncio! Vamos ouvir a analisada! (PARA ANA ISABEL) Escuta! (PARA OS OUTROS) Calem a boca.
(PARA ANA ISABEL) E agora, responda Ana Isabel, rápido, sem pensar. (AOS BERRROS) E qual foi o seu maior michê?
- ANA ISABEL - (FEROZ) 250 contos.
- DR. HEITOR WERNECK - (NUM HUMOR BRUTAL) 250 contos ou cruzeiros?
- ANA ISABEL - (ESGANIÇADA) Contos. contos. 250 contos.
- DR. HEITOR WERNECK - P'ra que tanto, Ana Isabel?

- ANA ISABEL - (COM ARDENTE SÉRIEDADE) Eu tinha uma conta 50
de 250 contos. Na costureira. Então, fui ao su-
jeito e pedi.
- 2º GRÃ-FINO - Quem é o cretino! o nome do cretino!
- ANA ISABEL - (FURIOSA) Olha aqui. Vamos parar com essa palhaça
da. Ou, então, eu paro e não falo mais!
- DR. HEITOR WERNECK - Não chatei, Alfredinho! Conta! Pode contar, Ana
Isabel!
- ANA ISABEL - (SOFRIDA) O sujeito disse que dava. E que eu fos-
se buscar o cheque no apartamento. Fui, voltei
com o cheque. 250 contos por uma hora. Nem por
uma noite. Uma hora! Eu descobri o michê na inau-
guração de Brasília!
- 1º GRÃ-FINO - Quero tirar as minhas calças!
- DR. HEITOR WERNECK - (COM EXALTAÇÃO SELVAGEM) Outra mulher!
- 3º GRÃ-FINO - Agora, sou eu.
- DR. HEITOR WERNECK - Mulher, rapazi! (PARA OS OUTROS) Outra coisa. É a
seguinte. Isso aqui é psicanálise. De galinheiro,
mas é. Para a mulher, a psicanálise é como se
fosse um toque ginecológico... sem luva! Outra mu-
lher!
- VELHA - (EXALTADÍSSIMA) Eu também quero! Eu preciso fa-
lar!
- DR. HEITOR WERNECK - Deita!
- VELHA - (DESATINADA) Em pé!
- DR. HEITOR WERNECK - Silêncio! (PARA A VELHA) Em pé, vá lá. Começa.
- VELHA - (COMO UMA LOUCA) Meu marido estava morrendo. Eu
era mocinha. E adorava meu marido. Foi o meu úni-
co amor. Estava morrendo. De câncer. Câncer no
sangue. No quarto, eu caí com ataque. Meu primo,
que aprendia judô, me carregou no colo. Meu mari-
do já estava com o cheiro de morte. Eu chorava,
gritava. Meu primo me levou para o quarto do lado.
E, de repente, eu tive vontade de trair. Trair o
homem que eu amava. Trair antes que ele morresse.
Fui eu que beijei meu primo na boca! eu! Enquanto
meu marido morria, eu mesma puxava com as duas
mãos o decote! abria assim, o decote!
- 3º GRÃ-FINO - Eu quero tirar as minhas calças!

VELHA

(AOS SOLUÇOS) Eu trai e amava; A sala era justa. 51
DR. WERNECK TREPA NO DIVÃ.

DR. HEITOR WERNECK - Um momento! Quero dizer o seguinte. Cala a boca. Esse negócio de guerra nuclear. Sei lá se daqui a 15 minutos. 15 minutos. 15 minutos. Vou levar um foguete russo pela cara. Estou dando adeus. Adeus à minha classe, ao meu dinheiro. Estou me despedindo. Posso ser, de repente, uma Hiroshima. Hiroshima, eu. Eu Nagasaki. Portanto, hoje vale tudo; tudo;

3ª GRÃ-FINO

- Eu quero tirar minhas calças;
EDGARD E DR. PEIXOTO NO ALTO DA ESCADA.

EDGARD

- Vamos embora!

PEIXOTO

- Ele já me viu. Sabe que nós estamos aqui. E não está bêbado. Está lúcido e tem prazer. Prazer que os dois genros vejam. Está representando para nós.

EDGARD

- Adeus.

PEIXOTO

- Não acabou. Tem mais. Curve essa. Está ouvindo?
EMBAIXO, DR. WERNECK FALA AINDA.

DR. HEITOR WERNECK - Vocês vão ver um show. É um crime sexual.

1ª GRÃ-FINO

- O que? o que?

DR. HEITOR WERNECK - Eu mandei apanhar tres meninas. Uns anjos, mocinhas, de família. Garotas que não sabem nada. Purinhas. Vêm com os namorados. Estão estourando aí. E os namorados vão fazer tudo, aqui, tudo. Vamos ver um crime sexual, crime sexual. Autêntico.

3ª GRÃ-FINO

- Eu quero uma;

DR. HEITOR WERNECK - Não te mete, Bingo;

1ª GRÃ-FINO

- Mas é curra de verdade?

DR. HEITOR WERNECK - O negócio é assim. Vamos preparar os namorados. Vamos entupir os namorados de maconha. E aqui, dentro desta sala, eles vão caçar as pequenas.

2ª GRÃ-FINO

- Mas é crime;

DR. HEITOR WERNECK - Sua besta! Ou vocês não acreditam no Poder Econômico? Vou idenizar, compreendeu, pai, mãe, as pequenas. Tapo a boca de família, rapaz. O negócio dá em nada.

EM CIMA, EDGARD E DR. PEIXOTO.

EDGARD

— Não vamos cruzar os braços?

1999

* * * com essa família que voce vai se casar!

1992

177 DESPERADO) Não vamos fazer nada?

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

— 112 —

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

- Peixoto, casado. Eu não estou brincando, Peixoto.
Se fizerem isso.

2000

Espera e verá.

RECEIVED

- Mas escuta. Se fizerem isso, eu desço. Juro! Desço e mato esse velho.

PEIXOTO

- E seu casamento?

EDGARD

- Mato, Mata! (MUDA DE TOM) Meu casamento?

PEIXOTO

- Sim, com Maria Cecília.

EDGARD

.. Mas é um crime? Um crime sexual?

PEIXOTO
PEIXOTO

- (QUASE COM XERNURA) Nós vamos assistir. Apenas as
sistir. Apenas olhar.

A VELHA QUE TRAÍRA O MARIDO NA HORA DA MORTE, TEM UMA ESPÉCIE DE CONVULSÃO.

VELHA

- Meu marido morrendo e eu traindo. Traindo o único homem que eu amei. (NUM BERRO MAIOR) Quero alguém. Alguém p'ra me cuspir na cara!

21829

NA TELA, PROJEÇÃO DE RITINHA NO TÁXI. LUZER PASSAN
DO. VELOCIDADE; APELO DE RITINHA AO CHAUFFEUR.

RI TINHA

- O senhor, por obséquio. Pelo amor de Deus. Quero ir mais depressa. Por favor, o senhor corre. São minhas irmãs. O senhor compreende. E talvez eu não chegue a tempo.

EDGARD CORRENDO PELA NOITE E GRITANDO.

EDGARD

Eu não podia evitar. E fugi. Fugi p'ra não ver. En-
quanto eu não rasgar o cheque eu sei que vou acei-
tar tudo, até o fim. Tudo. Mas eu sei. Sei que não
terei coragem. Não vou rasgar, não vou queimar,
nunca! DE NOVO, COM OS GRÃ-FINOS. GARGALHADAS.
ENTRA BITINHIA CORRENDO.

AURORA

co (ROUCA DE DESESPERO) Nitinha!

RITINELA

- Larga a menina. Alfrio:

DR. HEITOR WERNECK

Quem é você?

LETTER

Almitas, Juro, Nomes de família.

DR. HEITOR WERNECK - Mas eu pago!

RITINHA - O senhor. Pelo amor de Deus. Minha irmãs são menores.

DR. HEITOR WERNECK - (FEROZ) Eu pago!

RITINHA - (DESESPERADA) Eu fico no lugar de minhas irmãs. Fico. Se minhas irmãs.

DR. HEITOR WERNECK - (REPETINDO, COM MAIS FORÇA) Eu pago!

RITINHA - (GRITANDO TAMBÉM) Se minhas irmãs saírem virgens daqui vocês podem fazer tudo comigo. O que quiserem. Tudo!

DR. HEITOR WERNECK - (EXULANTE) Ninguém vai sair daqui. Nem você. Você também vai entrar no brinquedo.

RITINHA - (SEGURA PELO DR. WERNECK) Velho indecente!

DR. HEITOR WERNECK - (DOMINANDO-A, COM A SUA VOZ E A SUA FÚRIA) Sua vai! Eu estou me despedindo. Estou dando adeus. Adeus às minhas empresas, aos meus cavalos! Cavalos, adeus. Nós vamos morrer. Tudo vai morrer. E você. Você vai dançar nua! Mas antes, me xinga! me dá na cara!

CENA IX

CASA DE EDGARD. O RAPAZ CHEGA. A MÃE O RECEBE, EM ROUPA DE DORMIR.

D. IVETE - São horas!

EDGARD - (DOENTE) Mamãe, não fala comigo, que, hoje, cuviu, mamãe? Hoje, eu estou brigando, automaticamente.

D. IVETE - (DURA) Depositou o cheque?

EDGARD - Não vou depositar!

D. IVETE - (VORAZ, ESTENDENDO A MÃO) Dá esse cheque. Fica comigo. Dá, Edgard.

EDGARD RECUA, TRINCA OS DENTES.

EDGARD - Se eu depositar o cheque. Se tocar num tostão desse cheque, estou perdido, mamãe.

D. IVETE - (DESATINADA) Esse dinheiro é nosso!

EDGARD PEÇA O CHEQUE. COM A OUTRA MÃO SEGURA O ISQUEIRO.

EDGARD - Não venha, mamãe. Eu quero. Assim olha.

D. IVETE - (NO DESESPERADO APELO) Meu filho! Sou velha! velha (SÚPLICA ABJETA) Tua mãe quer um dinheirinho!

EDGARD - Mamãe, não fale mais. A senhora parece uma bruxa!

- COM O ISQUEIRO ACESO, EDGARD NÃO TEM CORAGEM DE QUEIMAR O CHEQUE.

D. IVETE - (EM TOM MISERÁVEL DE ADULAÇÃO) Meu filhinho. Você não vai fazer isso. Não vai deixar sua mãe na miséria.

EDGARD - (DESESPERADO) Eu quero queimar e não posso. Não consigo. (QUASE SEM VOZ E APAVORADO) Porque o mineiro só é solidário no câncer. Mamãe, o mineiro só é solidário no câncer.

D. IVETE - (FURIOSA) Não repete!

EDGARD RECUA DIANTE DA MÃE, COM O CHEQUE NUMA MÃO E O ISQUEIRO ACESO, NA OUTRA.

EDGARD - O mineiro só é solidário no câncer!

D. IVETE - (COMO UMA LOUCA) Chega! chega!
A VELHA TAPA OS OUVIDOS.

EDGARD - (COM EXCITAÇÃO, PERDIDO DE TRISTEZA) A frase do Otto, mamãe. A frase do Otto.

D. IVETE - (COMO NUMA MALDIÇÃO) Desgraçado! Igual ao pai! ao pai!
Oh! Porque você nasceu!

D. IVETE REBENTA EM SOLUÇOS.

CENA X

CENA NA CASA DA GÁVEA. SOZINHOS, RITINHA E DR. WERNECK. RITINHA, SENTADA NO CHÃO, EM TRAPÓS.

RITINHA - (SOLUÇANDO NO SEU ÓDIO) Você vai morrer, velho! Vou te matar!

DR. HEITOR WERNECK - (TRISTE E PACIENTE) Escuta.

RITINHA - (OFEGANTE) Vou te dar um tiro. Essas meninas. Era tudo o que eu tinha na vida.

DR. HEITOR WERNECK - Quer me ouvir?

RITINHA - (SEM OUVÍ-LO E COMO SE FALASSE PARA SI MESMA) E eram virgens. Eu caí na putaria para que elas, ao menos, elas, se casassem, direitinho. (PONDO-SE DE GATINHAS, COMO UMA CADELA ENFURECIDA) E vocês! Vocês defloraram! (SOLUÇANDO) Eu não tenho mais nada na vida!

DR. HEITOR WERNECK - Eu dou dinheiro. Dinheiro grande!

RITINHA - (ENLOUQUECIDA DE ÓDIO E ESGANIÇADÍSSIMA) Eu quero minhas irmãs virgens!

DR. HEITOR WERNECK - (BENDEANDO) Sua besta! Eu te dou as tuas irmãs virgens, pronto. Dou!

RITINHA - (ATÔNITA) Virgens?

DR. HEITOR WERNECK - (FURIOSO) Cala a boca! Mania! (MUDA DE TOM) Eu tenho um médico. Médico fabuloso. E faz isso com um pé nas costas.

RITINHA - Isso o que?

DR. HEITOR WERNECK - Ganha um dinheirão, o sujeito, restaurando virgindade. Ele faz um retoque, no local. Ima costurazinha, dá uns pontos. Coisa à toa. E a pequena sai mais virgem do que entrou!

RITINHA - (NUM DESESPERO MAIOR) Vocês arrebentaram minhas irmãs!

DR. HEITOR WERNECK - Nada disso. Sangrou porque é natural. É isso mesmo. Mas olha. A hemorragia já parou. Mandei levar tuas irmãs em casa, de automóvel. O médico já foi p'ra lá. Está lá. Ritinha, quero ser bom com você, com suas irmãs. Elas vão se casar. E o marido não vai perceber tostão de coisa nenhuma. Eu me responsabilizo. Na noite do casamento. O negócio vai sangrar até mais. Você vai ver.

CENA XI

MUDANÇA PARA CASA DE DR. WERNECK. D. LÍGIA, VESTIDA PARA DORMIR, À ESPERA DO MARIDO. DR. WERNECK CHEGA DA FARRA HEDIONDA. SATURADO DE ABJEÇÃO.

DR. HEITOR WERNECK - Acordada?

D. LÍGIA - (DOCE) Te esperando, meu amor.

DR. HEITOR WERNECK - (COM UM HUMOR TRISTE) Quer dizer que eu sou amor de alguém?

D. LÍGIA - Meu.

DR. HEITOR WERNECK - Ainda?

D. LÍGIA - Sempre.

DR. HEITOR WERNECK - Lígia, eu queria que você dissesse. Dissessem, agora, neste momento, que eu sou bom.

D. LÍGIA - (NA SUA EMOÇÃO CONTIDA) Você é bom, Heitor.

DR. WERNECK ESCORREGA AO LONBO DO CORPO DA MULHER. AGARRADO ÀS SUAS PERNAS. REPETE.

DR. HEITOR WERNECK - Eu sou bom, Lígia, eu sou bom!

CENA XII

EDGARD E RITINHA EM PÉ NA RUA. OS DOIS CHUPAM CHICA-BOM.

RITINHA - Eu estive com o médico, Edgard. Ele disse. Garantiu.
Disse que fica perfeito.

EDGARD - Escuta, Ritinha.

RITINHA - (RADIANTE) Tirei um peso!

EDGARD - Você acha. Escuta. Acha que interessa virgindade assim? Assim, Ritinha?

RITINHA - (SEM PERCEBER A OBJEÇÃO MORAL) Mas o médico, Edgard, disse que o marido não ia perceber, nem ia desconfiar.

EDGARD - Não sei, Ritinha. Sei lá. Mas talvez fosse melhor. Acho sabe o que? Que a mulher, nessas ocasiões, deve chegar junto do homem e contar. Dizer: _ aconteceu isso assim, assim. Vê se o cara quer, ou não. Ritinha, não se faz isso com um homem.

RITINHA - (SEM ENTENDER AINDA) Mas você queria o que? Você acha que casamento na igreja, Edgard, casamento com véu e grinalda. A menina tem que ser virgem! Você, como homem, não acha bonito uma virgem? não prefere, hem? Diz?

EDGARD - É. Bonito. Pode ser. A liás, tenho que ir embora. Minha noiva está me esperando.

RITINHA - (SOFRIDA) Ficou triste?

EDGARD - Me disse uma coisa. (IMPULSIVAMENTE) Como é que você. Você suporta essa vida? Tem essa profissão? Sabe que não me entra.

RITINHA - Edgard, eu não me arrependo. Eu tinha que repor o dinheiro. E não me arrependo. Não havia outro jeito. É por minha mãe, minhas irmãs. Eu quero, Edgard, quero casar minhas irmãs.

EDGARD - Quer saber de uma coisa? quer?

RITINHA - Não me acusa, meu bem.

EDGARD - Ouve. Era preferível que você se matasse de uma vez.

RITINHA - Deixando minhas irmãs solteiras e minha mãe assim?

EDGARD - Ritinha.

RITINHA - Escuta. Deixa eu falar. Você escreva. Pode escrever. Quando minhas irmãs se casarem. E minha mãe morrer. Então, sim. Ai eu estarei livre. E vou me matar. Ah, vou! E vou morrer queimada, como essas do jornal. Essas que tocam fogo no vestido. (COM ALEGRIA CRUEL) Quero morrer negra!

CENA XIII

MUDANÇA PARA CASA DE DR. WERNECK. EDGARD E MARIA CECÍLIA NA SALA. 57
EM PÊ, ABRAÇADOS. EDGARD ACABA DE CHEGAR.

M. CECÍLIA - (SÓFREGA) Te chamei porque.

EDGARD - Vim correndo.

M. CECÍLIA - Papai e mamãe saíram. As criadas estão lá fora. Tive medo, não sei. Medo de ficar sozinha.

EDGARD - (COM O DESEJO COMEÇANDO) Querida;

M. CECÍLIA - (PASSANDO A MÃO PELO ROSTO DO BEM-AMADO) Olha para mim. Assim. Você ainda pensa que eu não sei beijar?

EDGARD - E sabe?

M. CECÍLIA - Quer ver como eu te beijo?
UM BEIJO.

M. CECÍLIA - (OFEGANTE) Sou muito inexperiente?

EDGARD - Outro. NOVO BEIJO.

M. CECÍLIA - (FORA DE SI) Eu te adoro! Beija, me beija. (COM EUFORIA CRUEL) "Cadelão"! Meu "Cadelão"!
EDGARD DESPRENDE-SE, ATÔNITO.

EDGARD - Você me chama de "Cadelão"?

M. CECÍLIA - Te chamei? De "Cadelão"? Ando com a cabeça tão nervosíssima. Sabe que todas as noites eu sonho com o "Cadelão"? Sonho. Todas as noites. Desculpe querido, olha (INCOERENTE E DESESPERADA) Deixa eu te chamar de "Cadelão".
MARIA CECÍLIA ENFIA OS DEDOS NOS CABELOS DO BEM-AMADO.
EDGARD DESPRENDE-SE.

EDGARD - Assim não quero!

M. CECÍLIA - (NA SUA FEROCIDADE VOLUPTUOSA) "Cadelão"!
DR. PEIXOTO APARECE.

PEIXOTO - Edgard. Eu sou "Cadelão"! Era assim que me chamavam no colégio. Meu apelido de colégio!

M. CECÍLIA - (RECUANDO) Ele vai mentir!

EDGARD - Peixoto, eu não admito.

PEIXOTO - (DESATINADO) Eu não sou tão canalha, porque vou impedir teu casamento. Larga essa mulher, Edgard! Foge dessa casa!
EDGARD AGARRA O CUNHADO PELA GOLA DO PALETÓ.

EDGARD - Cala essa boca! Eu te arrebento!

PEIXOTO - (APONTANDO PARA A CUNHADA) É a última! a última das sa -

- chorrás!
EDGARD ESBOFETEIA DR. PEIXOTO. ESTE CAL, LONGE.

PEIXOTO - Eu não me ofendo mais! nunca mais! Ela fez de mim, isso!

M. CECILIA - (NUMA EUPHORIA HEDIONDA) "Cadelão!"

PEIXOTO - Edgard, eu preciso contar. E voce precisa saber.

EDGARD - (NUM BIERRO) Nem mais uma palavra!

PEIXOTO - Depois vou-me embora. São. Mas primeiro, escuta. Quando

Maria Cecilia saiu do colégio, logo depois!

M. CECILIA - Mentira!

PEIXOTO - (SEM OUVI-LA) Logo depois. Maria Cecilia leu num jornal

da empregada, uma reportagem de curta. Uns caras pegaram uma crêoulinha, no Leblon. Pizeram o diabo. Eram cinco. Estou mentindo?

M. CECILIA - "Cadelão!"

EDGARD - (DESPERADO) Continua!

PEIXOTO - Eu me apaixonei por ela. E ela me dizia: - "Eu queria uma

curta como aquela do jornal! Pôs isso na minha cabeça.

Então, eu cabei cinco sujeitos. Paguei os cinco. Custou

50 contos. Ela queria que eu ficasse olhando. Compreen-

den Edgard? Foi ela! ela que pediu pra ser violada!

EDGARD VOLTA-SE PARA MARIA CECILIA E A AGARRA PELOS DOIS

BRACOS.

EDGARD - (DESPERADO) E verdade? Responde! é verdade?

M. CECILIA - Esta me machucando!

EDGARD - (FURIOSO) E voce me chamou de "Cadelão" - por que?

M. CECILIA - (DESPREMIENDO-SE COM VIOLENCIA E RECUCUANDO. DESFIGURADA

PELO ODIO) Ex-continue!

PEIXOTO - Tem 17 anos e é mais puta que. E só sabe amar assim. A

única coisa que a prende a mim é o apêido de "Cadelão".

Foge dessa mulher. Foge, porque eu não fugirei nunca!

M. CECILIA - Não, Edgard, não!

MARIA CECILIA QUER AGARRA-LA. ELE A EMPURRA. CORRE.

SÓZINHOS! MARIA CECILIA E DR. PEIXOTO. A MENINA CORRE PÁ

RA ELE. ABRAÇA-SE VOLUPTUOSAMENTE AO CUMHADO.

M. CECILIA - "Cadelão!"
DR. PEIXOTO A EMPURRA.

M. CECILIA - Voce me empurra?

DR. PEIXOTO OLHA EM TORNO. SEU OLHAR POUCA NUMA GARRAFA. 59
 APANHA A GARRAFA E A QUEBRA.

M. CECÍLIA - Não! Não!

PEIXOTO - Eu não mereço viver. Nem voce. Vou acabar agora com tua cara. Assim.

GRITO DE MULHER. DR. PEIXOTO SEGURA MARIA CECÍLIA PELO PULSO. TORCE O BRAÇO DA PEQUENA.

PROJEÇÃO _ NO ASSOALHO MARIA CECÍLIA E DR. PEIXOTOS MORTOS. PRIMEIRO PLANO DO ROSTO DE MARIA CECÍLIA DESTRUÍDO E ENSANGÜENTADO. SÚBITO, MÚSICA VIOLENTA E TRISTE.

CENA XIV

RITINHA NO LUPONAR ONDE TRABALHA.

PAU DE ARARA - Que música é essa?

RITINHA - Triste.

PAU DE ARARA - Sabe dançar?

RITINHA - Um pouco. Quer dizer, mais ou menos.

PAU DE ARARA - Começa.

RITINHA ASSUME ATITUDES LASCIVAS.

RITINHA - Faz assim, olha.

PAU DE ARARA - Vamos lá.

RITINHA - Mexe! Assim. Mexe!

SÚBITO, ENTRA EDGARD. RITINHA PARA.

PAU DE ARARA - Faz mais!

EDGARD AVANÇA E PUXA RITINHA PELO BRAÇO.

PAU DE ARARA - Que é que há, meu amigo? A garota está comigo! Vai dormir comigo!

EDGARD - Desinfeta!

PAU DE ARARA PULA PARA TRÁS.

PAU DE ARARA - Eu sou é homem! Matei um e olhe que.

CENA XV

RITINHA E EDGARD CORREM. ESTÃO NA CALÇADA.

EDGARD - (DELIRANTE) Estou só, Ritinha! Não sou mais noivo!

RITINHA - (MARAVILHADA) Brigou?

EDGARD - Olha p'ra mim. P'ra minha cara. Eu sou outro. E quero voce.

RITINHA - Meu bem, voce está exaltado!

EDGARD - Exaltadíssimo! Vou te levar. Ven comigo.

RITINHIA - P'ra onde?

EDGARD - Sei lá. Qualquer lugar. Ou tem medo? Ven!

RITINHIA - Vou.

EDGARD - Linda!

RITINHIA - (OFEGANTE) que queria ser tanto de um só!

EDGARD - Está amarelecendo Ritinha. No mar. Vem ver.

OS DOIS CAMINHAM PELA CALÇADA. A RUA ACABA NA PRAIA. CORREM NA DIREÇÃO DO MAR. EDGARD LEVANTA OS PRÓPRIOS SAIOTES. RITINHIA O IMITA. ATINTEM OS SAIOTES PARA O MAR. EDGARD VAI UM POUCO NA FRENTE.

RITINHIA - Eu não tive.

EDGARD - (NA FRENTE) O que?

RITINHIA - Não posso falar alto.

EDGARD - Grita.

RITINHIA - (GRITANDO) Nunca tive prazer com homem nenhum! Você vai ser o primeiro.

CHEGAM NA PRAIA.

EDGARD - Está vendo isso aqui?

RITINHIA - O que é?

EDGARD - (EXALTADÍSSIMO) O cheque! O tal cheque! Cinco milhões de cruzeiros!

RITINHIA - Cinco milhões?

EDGARD - Cinco milhões. E vou queimar.

RITINHIA - Escuta.

EDGARD - Fala.

RITINHIA - É muito dinheiro. E você não acha que.

EDGARD - (CONTIDO) Continua.

RITINHIA - (TRIVIAL) Vamos viver juntos. E esse dinheiro.

EDGARD - Acaba!

RITINHIA - Esse dinheiro pode ser importante para nós.

EDGARD - Vamos começar com um tostão. Com um tostão. E se fôr preciso, um dia, você beberá água na sargeta. Comigo. Nós apanharemos água com as duas mãos, assim. E beberemos água da sargeta. Entendeu? Agora olha.

EDGARD ACENDE O ISQUEIRO E QUEIMA O CHEQUE ATÉ O FIM. 61

EDGARD - Está morrendo! Morreu! a frase do Otto:
OS DOIS CAMINHAM DE MÃOS DADAS, EM SILENCIO. NA TELA, O AMA
NHECER NO MAR.

RITINHA - Olha o sol!

EDGARD - O mar está nascendo, o sol, olha o sol, o mar está nascendo!

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

- FEDERAÇÃO DO TEATRO AMADOR DO NORDESTE PAULISTA -

"SUB-SOLO TEATRO"

FRANCA - S. PAULO

TÍTULO BONITINHO DAS ORDINÁRIO

Nelson Rodrigues

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS - O/CORTES

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 1 / 18 / 06 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

22/06/76

465/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo-SR/SP

Informação (faz)

Ref. Of. nº 1144/76-SCDP-SR/SP

Se orden.

Arquivo, para aguardar pronunciamento do SCDP-SR/SP

6-23-8-76

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/76-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V. Sa. que a peça teatral intitulada "BONITINHA, MAS ORDINÁRIA" de Nelson Rodrigues, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 282, com a classificação etária 18 (dezoito) anos com cortes.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de estima e consideração.

P/ CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES
Diretor-Subst. /DCDP